

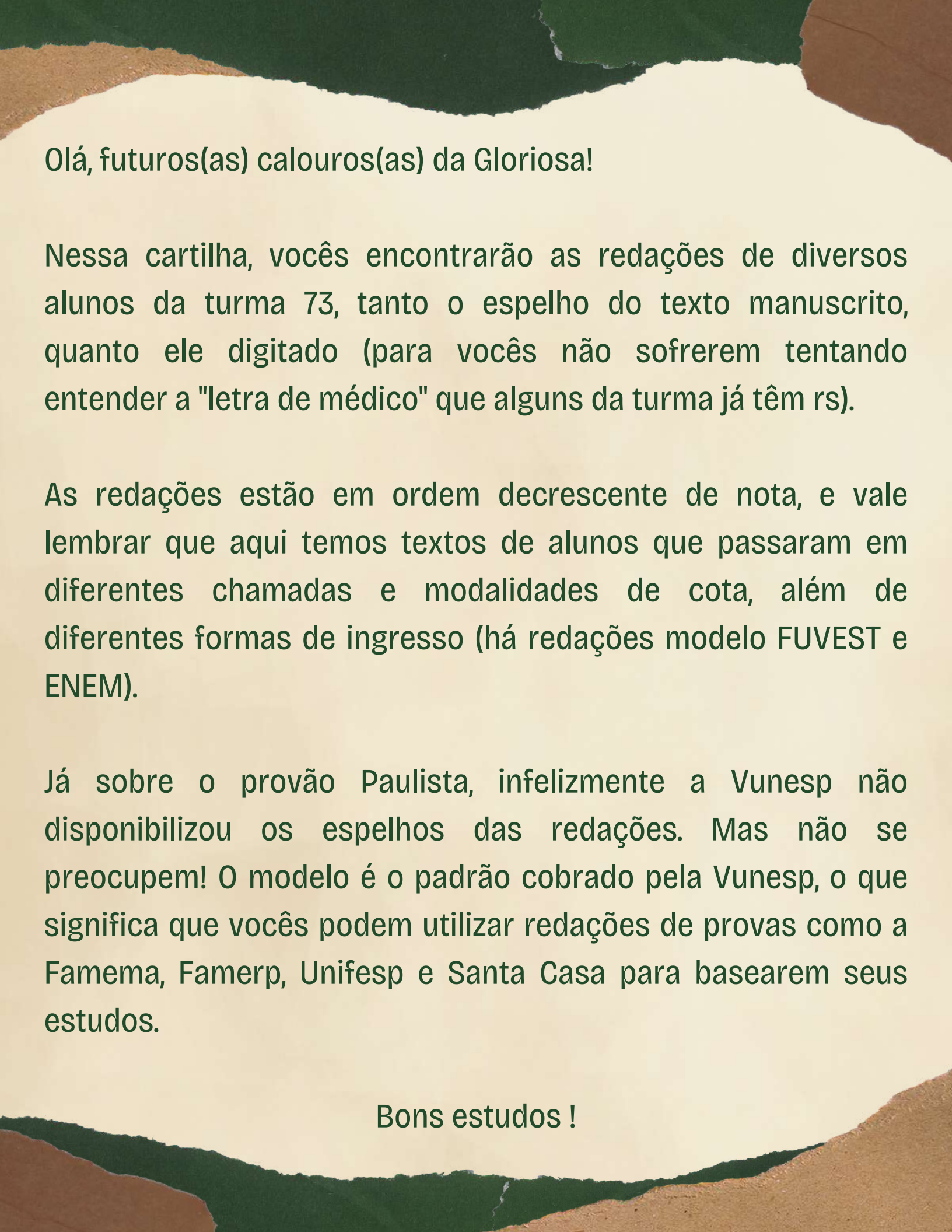


MEDICINA USP RIBEIRÃO

CARTILHA 2024

TURMA LXXIII

NOSSAS REDAÇÕES



Olá, futuros(as) calouros(as) da Gloriosa!

Nessa cartilha, vocês encontrarão as redações de diversos alunos da turma 73, tanto o espelho do texto manuscrito, quanto ele digitado (para vocês não sofrerem tentando entender a "letra de médico" que alguns da turma já têm rs).

As redações estão em ordem decrescente de nota, e vale lembrar que aqui temos textos de alunos que passaram em diferentes chamadas e modalidades de cota, além de diferentes formas de ingresso (há redações modelo FUVEST e ENEM).

Já sobre o provão Paulista, infelizmente a Vunesp não disponibilizou os espelhos das redações. Mas não se preocupem! O modelo é o padrão cobrado pela Vunesp, o que significa que vocês podem utilizar redações de provas como a Famema, Famerp, Unifesp e Santa Casa para basearem seus estudos.

Bons estudos !



FUVEST

PROPOSTA 2024

Texto 1

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem.

Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*. Adaptado.

Texto 2

Educar para o ócio significa ensinar a escolher um filme, uma peça de teatro, um livro. Ensinar como pode estar bem sozinho, consigo mesmo, significa também se habituar às atividades domésticas e à produção autônoma de muitas coisas que até o momento comprávamos prontas. Ensinar o prazer do convívio, da introspecção, do jogo e da beleza. Inculcar a alegria. A pedagogia do ócio também tem sua própria ética, sua estética, sua dinâmica e suas técnicas. E tudo isso deve ser ensinado. O ócio requer uma escolha atenta dos lugares justos: para se repousar, para se distrair e para se divertir. Portanto, é preciso ensinar aos jovens não só como se virar nos meandros do trabalho, mas também pelos meandros dos vários possíveis lazeres. Significa educar para a solidão e para o convívio, para a solidariedade e o voluntariado. Significa ensinar como evitar a alienação que pode ser provocada pelo tempo livre, tão perigosa quanto a alienação derivada do trabalho. Há muito o que ensinar!

Domenico de Masi. *O ócio criativo*.

Texto 3

Analisar as diferenças entre a educação escolar indígena e a educação escolar convencional no Brasil foi o ponto de partida do trabalho feito pelos pesquisadores Aline Abbonizio, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e Elie Ghanem, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). “Dois fatos me impressionaram especialmente na comunidade em que pesquisei, além do grande valor atribuído à escola como fator de fortalecimento da língua e da cultura daquele povo, a acentuada integração entre as atividades escolares e as práticas comunitárias. Não há tempos rígidos, não há horários fixos nem se seguem disciplinas escolares. As atividades da escola obedecem a um ritmo sereno e envolvem tarefas de manutenção dos costumes, incluem tanto a roça quanto o artesanato ou a coleta de produtos da mata”, relata Ghanem.

<https://www4.fe.usp.br/pesquisa-da-feusp-analisa-diferencas-entre-educacao-indigena-e-convencional>. Adaptado.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **Educação básica e formação profissional: entre a multitarefa e a reflexão.**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível, e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação.

Texto 4



Momentos de ócio, 1901. Irving Ramsey Wiles.

Texto 5



Ciranda II, 2018. Ivan Cruz.

Texto 6



The Banjo Lesson, 1893. Henry Ossawa Tanner.

Texto 7



Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

A multiexploração como resultado da multitarefa

(Título)

Desde a primeira revolução industrial, a humanidade tem se modificado rapidamente, tanto na sua econômica, quanto na sua social. Nesse cenário, se observa a mudança do foco educacional no desenvolvimento reflexivo do indivíduo como pessoa para a preparação de seres multiprodutivos para o mercado técnico-científico. Desse modo, a conjuntura da educação hegemônica prioriza a multitarefa devido à pressão capitalista e resultará na alienação. Dali essa ideia, uma causa da predominância da atenção ampla em detrimento da reflexão se apresenta no capitalismo. Como teoriza Karl Marx em "O Capital", o lucro adquirido pela burguesia é concretizado pela apropriação do tempo de trabalho do proletariado, conceito conhecido como "mais-valia". Nesse viés, a insaciável fome por dinheiro levou à criação de novas formas de se explorar o tempo do trabalhador, como a imposição das multitarefas. Dessa forma, a pressão pela oferta de profissionais capazes de produzir em vários planos (seres multiexplorados) influencia as bases educacionais, que deixam de lado a teor individualizante do ensino para atender as demandas do mercado de trabalho.

Consequentemente, a escassez de cidadãos reflexivos como resultado de tal contexto enfraquecerá o corpo social. Nesse sentido, a propagação de habilidades múltiplas, porém não aprofundadas, reduzirá a capacidade de reflexão crítica da humanidade, visto que ~~a habilidade~~ deliberar sobre a realidade demanda foco e tempo, fatores anulados pela nova forma de produzir. Além disso, com a instrumentalização da razão nas escolas, diversos aspectos culturais, tidos como supérfluos para uma sociedade produtiva, serão negligenciados. Logo, o homem perderá seu rigor como ser pensante.

Em síntese, a cadeia educacional se posiciona cada vez mais à favor das multitarefas. Isso acontece devido ao ideário capitalista intrinsecado na contemporaneidade e findará na precarização da humanidade. Portanto, ao idealizar uma sociedade saudável e plena, uma alteração de curso se faz imperiosa, em direção à reflexão e à visão crítica, se faz imperiosa.

A MULTIEXPLORAÇÃO COMO RESULTADO DA MULTITAREFA

Desde a primeira revolução industrial, a humanidade tem se modificado rapidamente, tanto no meio econômico, quanto no meio social. Nesse cenário, se observa a mudança do foco educacional no desenvolvimento reflexivo do indivíduo como pessoa para a preparação de seres multiprodutivos para o mercado técnico-científico. Desse modo, a conjuntura da educação hodierna prioriza a multitarefa devido à pressão capitalista e resultará na alienação.

Sob essa ótica, uma causa da proeminência da atenção ampla em detrimento da reflexão se apresenta no capitalismo. Como teoriza Karl Marx em "O Capital", o lucro adquirido pela burguesia é concretizado pela apropriação do tempo de trabalho do proletariado, conceito conhecido como "mais-valia". Nesse viés, a insaciável fome por dinheiro levou à criação de novas formas de se explorar o tempo do trabalhador, como a imposição das multitarefas. Dessa forma, a pressão pela oferta de profissionais capazes de produzir em vários planos (serem multiexplorados) influencia as bases educacionais, que deixam de lado o teor individualizante do ensino para atender as demandas do mercado de trabalho.

Consequentemente, a escassez de cidadãos reflexivos como resultado de tal contexto enfraquecerá o corpo social. Nesse sentido, a propagação de habilidades múltiplas, porém não aprofundadas, reduzirá a capacidade de reflexão crítica da humanidade, visto que deliberar sobre a realidade demanda foco e tempo, fatores anulados pela nova forma de produzir. Além disso, com a instrumentalização da razão nas escolas diversos aspectos culturais, tidos como supérfluos para uma sociedade produtiva, serão negligenciados. Logo, o homem perderá seu vigor como ser pensante.

Em síntese, a cadeia educacional se posiciona cada vez mais à favor das multitarefas. Isso acontece devido ao ideário capitalista intrincado na contemporaneidade e findará na precarização da humanidade. Portanto, ao idealizar uma sociedade saudável e plena, uma alteração de curso, em direção à reflexão e à visão crítica, se faz imperiosa.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Da criação inconsciente à máquina obediente (Título)

01 Hannah Arendt, em sua teoria sobre o desmembramento humano, descreveu o "Homem fabril", estágio em que a ser humano é
02 capaz de usar sua criatividade para transformar o mundo a sua volta, produzindo cultura e arte. Todavia, em decorrência da ascen-
03 samento da ditadura capitalista, o ser humano tem sua capacidade criativa reduzida, restando a reprodução alienada de atividades
04 e vivendo somente a produtividade, estágio que Arendt define como "Homem laborioso". Nesse fase, em um mundo em que se exige cada
05 vez mais produção e lucro, a formação profissional ganha importância, exigindo a multitarefa, enquanto a educação básica é
06 desperdiçada, inibindo o poder de reflexão.

07 Sob essa ótica, nota-se como a exigência da máxima produtividade inibe o poder reflexivo dos indivíduos, transfor-
08 mando criadores em ^{criaturas} "Homem fabril" em "Homem laborioso". Nesse sentido, o sistema capitalista, com o objetivo de aumen-
09 tar o nível de produtividade que eleva a felicidade ao estado de estar sempre produzindo, a qual, se não alcançada,
10 resulta em fracasso profissional e individual. Entretanto, essa ideia, segundo uma incompatibilidade, há de vir que, se vi-
11 riar que as pessoas estejam sempre trabalhando, tira delas o privilégio de descanso, impossibilitando qualquer intervalo para
12 descanso ou lazer. Como consequência, a fim de que possam adquirir a felicidade em sociedade, os trabalhadores se im-
13 põem em aprender novas funções, como verdadeiros robôs multitarefa, incapazes de desenvolver "habilidade ou reflexão
14 acerca de suas vidas, alienados de pensamentos próprios e digitalizados para não se embaraçarem como humanos e logo,
15 para serem felizes, os indivíduos abandonam a básica e adquirem a profissional, organizando-se como máquinas obedientes.

16 Além disso, o ensino técnico tradicional, que privilegia a formação de profissionais produtivos, não necessariamente ^{conduz} a
17 este, caracterizado a "multiplicidade cega", ou determinar que somente disciplinas como matemática e português são úteis, an-
18 quante a formação humana seja dispensável. Nessa perspectiva, desde crianças, os indivíduos são ensinados a absorver
19 informações técnicas para que possam aprender em pouco tempo, sendo introduzidos a conceitos e quantificáveis e o lazer como
20 atividades impensáveis, quase inexistentes. Dessa maneira, essas pessoas acabam aprendendo uma extensa gama de conteúdos didáticos,
21 mas desconhecem o "ser criativo", descrito por Domenico de Masi para a plena realização humana, o que os impede de fazerem
22 suas próprias opiniões, uma vez que a reflexão não ^{está} na grade curricular de ensino tradicionalista. Assim, forma-se
23 uma geração cada vez mais especializada em funções e informações, mas despreparada para a vida em socie-
24 dade, por não ^{saber} relacionar-se com outros, se sentindo culpada por não estar trabalhando ou estudando, ou seja, sendo multitarefa.

25 Portanto, é necessário que as pessoas possam a redirecionar mais a educação básica e a reflexão, como contrá-
26 rio a formação profissional e a multitarefa transformarem o complexo organismo que é o homem em uma simples
27 máquina. Um ideal utópico de produtividade e um ensino técnico não podem ser os motivos os quais queiram ^{destruir}
28 a humanidade da genialidade do "Homem fabril" para a mediocridade do "Homem laborioso".

DE CRIADOR INALCANÇÁVEL À MÁQUINA OBEDIENTE

Hannah Arendt, em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, descreveu o “Homo faber”, estágio em que o ser humano é capaz de usar sua criatividade para transformar o mundo a sua volta, produzindo cultura e arte. Todavia, em decorrência do aceleração do cotidiano capitalista, o ser humano teve sua capacidade criativa reduzida, restrita à reprodução alienada de atividades e visando somente à produtividade, estágio que Arendt definiu como “Homo laborans”. Dessa forma, em um mundo em que se exige cada vez mais produção e lucro, a formação profissional ganha importância, exigindo a multitarefa, enquanto a educação básica é desprezada, inibindo o poder de reflexão.

Sob essa ótica, nota-se como a exigência da máxima produtividade inibe o poder reflexivo dos indivíduos, transformando criadores em criações, “Homo faber” em “Homo laborans”. Nesse sentido, o sistema capitalista, consolidado após a Guerra Fria, criou um ideal de produtividade que relaciona a felicidade ao estado de estar sempre produzindo, o qual, se não alcançado, resulta em fracasso profissional e individual. Entretanto, essa ideia esconde uma incompatibilidade, haja vista que, ao exigir que as pessoas estejam sempre trabalhando, tira delas o privilégio do descanso, impossibilitando qualquer intervalo para descanso ou lazer.

Como consequência, a fim de que possam adquirir felicidade em sociedade, os trabalhadores se empenham em aprender novas funções, como verdadeiros robôs multitarefas, incapazes de desenvolver “hobbies” ou reflexões acerca de suas vidas, alienados do pensamento próprio e objetificados por não se enxergarem como humanos. Logo, para serem felizes, os indivíduos abandonam o básico e aderem ao profissional: organismos complexos tornam-se máquinas obedientes.

Além disso, o ensino tecnicista e tradicional, que prioriza a formação de profissionais produtivos, não necessariamente conscientes, corrobora a “multiprodutividade cega”, ao determinar que somente disciplinas como Matemática e Português são úteis, enquanto a formação humana seria dispensável. Nessa perspectiva, desde crianças, os indivíduos são ensinados a absorver informações técnicas para que sejam aprovados em provas, sendo instruídos a enxergarem o questionamento e o lazer como atitudes impensáveis, quase criminosas. Desse modo, essas pessoas aprendem uma extensa gama de conteúdos didáticos, mas desconhecem o “ócio criativo”, descrito por Domenico de Mais para a plena vivência humana, o que as impede de formularem opiniões próprias, uma vez que a reflexão não está

na grade curricular do ensino tradicionalista. Assim, forma-se uma geração cada vez mais especializada em funções e informações, mas despreparada para a vida em sociedade, por não saber se conscientizar, sentindo-se culpada por não estar trabalhando ou estudando, ou seja, sendo multitarefa.

Portanto, é necessário que as pessoas passem a valorizar mais a educação básica e a reflexão, caso contrário a formação profissional e a multitarefa transformarão o complexo organismo que é o homem em uma simples máquina. Um ideal utópico de produtividade e um ensino técnico não podem ser os motivos os quais levarão a humanidade da genialidade do “Homo faber” para a mediocridade do “Homo laborans”.

OS "PERSONAGENS MULTITAREFA" E SUA IMPOSSIBILIDADE DE INTERPRETAR HUMANOS

A "Sociedade do espetáculo", descrita por Guy Debord, é aquela em que os indivíduos abdicam da razão autônoma e passam a "performar", como em um espetáculo, de acordo com aquilo que lhes trará maior prestígio social. Nesse contexto, as pessoas são como "personagens tipo" que reproduzem estereótipos tidos como almejavéis pelo modo de produção no qual estão inseridas. No caso da contemporaneidade, os "personagens" interpretam o "papel" que faz sucesso no modo de produção capitalista neoliberal e a educação, como construtora de subjetividades, faz-se essencial para a formação desses atores. Tal formação, voltada ao capital, é mercadológica, produzindo "seres multitarefa" para os quais a reflexão ociosa está em declínio.

Primeiramente, a educação, como reprodutora dos ditames neoliberais, ensina o indivíduo a "atuar" como empresa e não como ser humano. Nesse sentido, tem-se o que Paulo Freire chamou de "educação mercadológica", segundo a qual as pessoas aprendem, exclusivamente, para adentrar o mercado de trabalho e, nele, fazerem-se bem sucedidas "empresárias de si mesma". No entanto, para se estabelecer no mercado de trabalho neoliberal, marcado por extremas competitividade e instabilidade, é necessário que o aprendizado seja multifatorial, a fim de que haja adaptação a qualquer função oferecida ao trabalhador. Dessa maneira, a multitarefa constitui-se como vantagem competitiva, pois insinua que a adaptabilidade leva à maior produtividade do indivíduo. Logo, os seres assumem o "papel" de "personagens multitarefa" porque, a partir disso, têm maior chance de sobrevivência diante do predatismo mercadológico.

Porém, à medida que a educação se faz somente voltada ao mercado, criando seres multitarefa, ela permite que haja o declínio dos momentos de repouso pensativo. Tal declínio advém da inquietude provocada pelas tarefas simultâneas, já que os "personagens multitarefa", ao viverem em constante atividade difusa, estão sempre atentos e quase paranoicos, como animais selvagens na natureza. Walter Benjamin, filósofo das artes, dizia que o tédio é um "pássaro onírico que choca o ovo da experiência", isto é, os momentos de ócio "chocam" a automaticidade cotidiana, levando a novas impressões sobre a realidade e possibilitando o prazer do lazer. A partir disso, seres inquietos têm dificuldade de receber "a visita do pássaro onírico", o que os torna pouco criativos e autônomos em suas reflexões, além de não conseguirem usufruir do repouso. Sob esse prisma, os "personagens multitarefa" pensam de forma rasa e mercadológica, o que os exclui, em grande parte, das atividades de fruição que dão sentido transcendental à vida e que os tornam subjetivamente humanos.

Portanto, a educação auxilia os indivíduos no que tange a assumir o papel de "personagens multitarefa", os quais são ideais ao capitalismo neoliberal. Contudo, tal educação, concentrada em ser mercadológica, impede que os sujeitos saibam usufruir da ociosidade. Diante disso, o "espetáculo da vida" se resume ao mercado, sem que os atores tenham a opção de serem, simplesmente, "personagens humanos".

NOTA: 48,5/50

AUTORA: EVELEN GONÇALVES (FURA)

A investigação do fenómeno material em si mesma ^{2 de x} invoca a reflexão ~~a~~ no autônomo p...
(Título)

[illegible]

A DETERIORIZAÇÃO DO HOMEM NATURAL EM MÁQUINA INCAPAZ DE REFLETIR E DE SE AUTOCONTEMPLAR

Em sua natureza, o homem é um ser caracterizado pelo ócio, momento no qual a pessoa pode refletir sobre si própria e contemplar a solidão. No entanto, o filósofo contratualista Rousseau aponta que o ser humano natural foi corrompido pela sociedade, de forma que as estruturas econômicas o tornaram um abominador da autoreflexão. Sob esse viés, o liberalismo de mercado, teorizado por Adam Smith, o sistema que se autoregula por uma “mão invisível”, estende-se sobre a formação educativa da humanidade, controlando as formas de educar através dessa luva intransponível do capitalismo. Nesse cenário, a Educação básica abrange unicamente a formação profissional, marginalizando outros pilares da pedagogia e da vida. Como resultado, há a robotização do animal social que, por sempre estar cercado por multitarefas, desenvolve transtornos mentais que o ausentam da introspecção, desconfigurando-se em um animal selvagem.

Ensinar a se divertir e a conviver com os demais, abordar sobre o prazer da solidão e da reflexão, educar para a solidariedade e incentivar o voluntariado: temáticas que são inerentes à condição humana mas que não são trabalhadas nas instituições de ensino do mundo do Capital. Isso ocorre em dissonância ao que é preconizado pelo educador Paulo Freire, que aponta que a Educação deve ter como base a pedagogia do ócio, como uma forma de libertar os jovens e permitir que eles se desenvolvam através da introspecção. Sob essa óptica, a lógica neoliberal de produzir objetos em massa atinge o corpo social e transforma as escolas em indústrias, de maneira que toda a criança ao passar pelas máquinas do ensino, torna-se similar às outras e automatiza-se para servir à atividade laboral. Nesse aspecto, o educar não segue os princípios de Freire, aprisionando a humanidade ao invés de libertá-la. Esse mecanismo exclui da coletividade a sua característica principal: a capacidade de se desenvolver por intermédio da autoreflexão. Logo, a visão, ditada pelos instrumentos invisíveis do Liberalismo, de que o sistema educacional básico deve vigorar somente com o intuito de formar profissionalmente, empobrece o todo social.

Assim sendo, educados para alimentar o modelo produtivo, os corpos se tornam robóticos, sendo capazes de executar inúmeras tarefas ao mesmo tempo, movimentando uma produção descontrolada. Entretanto, as funções distintas exercidas são todas rasas e impedem o ócio humano, gerando a alienação do coletivo social. Esse meio é explorado pelo sociólogo Byung-Chul Han, que disserta como os discursos de produtividade alienam o cidadão e o tornam mais susceptível ao desenvolvimento de doenças psiquiátricas, como a ansiedade e a depressão. Em consonância com tal tese, os indivíduos, que estão nesse ambiente permeado por palestras de “coaching” que visam o máximo da capacidade produtiva material do ser, desenvolvem cada vez mais transtornos psicológicos que os impedem de refletirem sobre si próprios e sobre o mundo atual. Nessa perspectiva, a habilidade de “multitarefas”, fomentada pela capitalização do ser, é um retrocesso humano, pois assemelha o animal social com o selvagem, impactando na psicologia de todos os que compõem a sociedade neoliberal e impedindo o desenvolvimento próspero da humanidade.

À luz do exposto, a transposição da Educação básica em uma mera formação profissional corrompe o homem natural ilustrado por Rousseau, na medida em que destrói a essência humana ao não incentivar a reflexão e a contemplação por parte das crianças. Assim, o processo educativo, que deveria libertar, coloca os indivíduos em redomas industriais que fomentam o Capital em detrimento do reflexivo humano. Dessa forma, o ser torna-se essa máquina, e os corpos-objetos são pressionados a sempre produzirem.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

O ensino sem reflexão: exploração e alienação (Título)

01 Paulo Freire, renomado educador, definiu como função da escola ensinar os alunos a interpretar o mundo e in-
02 tervir positivamente nele. Entretanto, a realidade nacional vai de encontro ao projeto do pensador, uma vez que a
03 educação básica e formação profissional brasileiras encontram-se voltadas aos interesses do mercado de trabalho,
04 preparando os educandos para que realizem múltiplas tarefas simultaneamente, em detrimento de suas capacidades de
05 reflexão e contemplação. T tamanha predileção pelo pensar e agir rápido reflete uma sociedade regida pela razão
06 instrumental, na qual o imediatismo e o delírio de experiências incorporados aos indivíduos tendem a aliená-los. Por tam-
07 to, perante a complexidade da temática, faz-se preciso uma avaliação criteriosa.

08 Por essa perspectiva, destaca-se que as escolas nacionais, muitas vezes, não criam cidadãos, pois não
09 trazem, em sua maioria, disciplinas relacionadas à vida em sociedade e, tampouco, estimulam a contemplação de si
10 e do outro – aspectos importantes em um regime democrático. Diante disso, percebe-se que reina na sociedade bra-
11 sileira a razão instrumental, definida por pensadores da Escola de Frankfurt como a razão subjugada aos interesses
12 do capital, ou seja, a manutenção da lógica de mercado, na qual o conhecimento perde o fim em si mesmo e é
13 lido como um mecanismo de poder. Nesse sentido, tais modelos de ensino voltados ao mercado de trabalho adaptam a
14 capacidade natural de multitarefa dos alunos a um contexto centrado em experiências e buscam econômico, em detrime-
15 nto da capacidade reflexiva. Dessa forma, com a distorção da multitarefa para atender ao capital, os indivíduos
16 tornam-se meros trabalhadores-consumidores, não mais cidadãos, pois veem o mundo pela prismas do desempenho
17 e do consumo.

18 Sob tal enfoque, é necessário abordar as consequências dessa educação e formação que preterem a
19 reflexão. Assim, ressalta-se que a contemplação e o questionamento do mundo exigem um "pensar
20 lento" que não mais cabe na realidade imediatista dos indivíduos trabalhadores-consumidores. A
21 luz disso, nota-se como o delírio de experiências vigente tende a alienar os indivíduos, isso é, se-
22 gundo Karl Marx, imergi-los num processo no qual criações humanas passam a ser vistas como exis-
23 tentes por si só, independentes do fazer social. Esse alheamento advém da falta de reflexão, a qual impede
24 que os alienados revejam seus papéis de mantenedores desse sistema de esvaziamento dos saberes e, por
25 tanto, retirem dos indivíduos seu potencial de ação por mudanças, o que demonstra as consequências negativas
26 do modelo de ensino pautado na multitarefa mercadológica.

27 Portanto, diante do exposto, fica nítido que a educação básica e a formação profissional não devem base-
28 ar-se somente no estímulo à multitarefa, tendo em vista que essa capacidade foi distorcida pelos interesses do
29 capital. Logo, é preciso reatuar o papel reflexivo das instituições de ensino, a fim de restaurar a habilidade
30 de contemplação e combater o atual sistema alienante de exploração.

O ENSINO SEM REFLEXÃO: EXPLORAÇÃO E ALIENAÇÃO

Paulo Freire, renomado educador, definia como função da escola ensinar os alunos a interpretar o mundo e intervir positivamente nele. Entretanto, a realidade nacional vai de encontro ao projeto do pensador, uma vez que a educação básica e formação profissional brasileiras encontram-se voltadas aos interesses do mercado de trabalho, preparando os educandos para que realizem múltiplas tarefas simultaneamente, em detrimento de suas capacidades de reflexão e contemplação. Tamanha predileção pelo pensar e agir rápido reflete uma sociedade regida pela razão instrumental, na qual o imediatismo e o delírio de eficiência incorporados aos indivíduos tendem a aliená-los. Para tanto, perante a complexidade da temática, faz-se preciso uma avaliação criteriosa.

Por essa perspectiva, destaca-se que as escolas nacionais, muitas vezes, não criam cidadãos, pois não trazem, em sua maioria, disciplinas relacionadas à vida em sociedade e, tampouco, estimulam a contemplação de si e do outro - aspectos importantes em um regime democrático. Diante disso, percebe-se que reina na sociedade brasileira a razão instrumental, definida por pensadores da Escola de Frankfurt como a razão subjugada aos interesses do capital, ou seja, a manutenção da lógica de mercado, na qual o conhecimento perde o fim em si mesmo e é tido como mecanismo de poder. Nesse sentido, tais modelos de ensino voltados ao mercado de trabalho adaptam a capacidade natural de multitarefa dos alunos a um contexto centrado em eficiência e sucesso econômico, em detrimento da capacidade reflexiva. Dessa forma, com a distorção da multitarefa para atender ao capital, os indivíduos tornam-se meros trabalhadores-consumidores, não mais cidadãos, pois veem o mundo pelo prisma do desempenho e do consumo.

Sob tal enfoque, é necessário abordar as consequências dessa educação e formação que preterem a reflexão. Assim, ressalta-se que a contemplação e o questionamento do mundo exigem um "pensar lento" que não mais cabe na realidade imediatista dos indivíduos trabalhadores-consumidores. À luz disso, nota-se como o delírio de eficiência vigente tende a alienar os indivíduos, isso é, segundo Karl Marx, imergí-los em um processo no qual criações sociais passam a ser vistas como existentes por si só, independentes do fazer social. Esse alheamento advém da falta de reflexão, a qual impede que os alienados revejam seus papéis de mantenedores desse sistema de esvaziamento dos saberes e, para tanto, retira dos indivíduos seu potencial de ação por mudanças, o que demonstra as consequências negativas do modelo de ensino pautado na multitarefa mercadológica.

Portanto, diante do exposto, fica nítido que a educação básica e a formação profissional não devem basear-se somente no estímulo à multitarefa, tendo em vista que essa capacidade foi distorcida pelos interesses do capital. Logo, é preciso retomar o papel reflexivo das instituições de ensino, a fim de restaurar a habilidade de contemplação e combater o atual sistema alienante de exploração.

NOTA: 46,5

AUTORA: VICTÓRIA ALMEIDA (CUMADRE)

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Manifestações neoliberais na educação e reflexão (Título)

01 Na Grécia Antiga, o ócio era super valorizado pelos cidadãos e filósofos, os quais buscavam possuir esca-
02 las para que não precisassem trabalhar, dedicando seu tempo livre à reflexão. Em contraste a isso, a sociedade
03 contemporânea pensa que o ócio é improdutivo, e que a multitarefa é que é, de fato, desejável. Assim, per-
04 rece-se que há um estímulo à construção de trabalhadores multifarefas, o que, por conseguinte, pre-
05 judica a efetuação de reflexões.

06 Em primeira análise, objetiva-se ^{compreender} ~~analisar~~ que esse estímulo é propiciado pelas escolas. Isso tudo é um re-
07 flexo do ideário neoliberal, que buscando o lucro valoriza a competitividade entre os funcionários, uma vez que
08 quanto maior a disputa pelos vagas de emprego, mais o desempregado irá se submeter a condições piores de contra-
09 tago. Diante disso, a fim de atender a este fenômeno, a educação básica cria indivíduos multifarefas, pois
10 eles serão capazes de se adaptarem a essa formação profissional típica do neoliberalismo competitivo. Prova-
11 disso é o fato de as escolas estimularem pouco a integração entre os alunos, pelo contrário, eles são ensi-
12 nados que devem ser bons em todas as disciplinas ao mesmo tempo, sendo faltam o amor letivo, e tam-
13 bém grande parte do lazer nas escolas se resume a competições, por exemplo as interclasses. Assim
14 tornou-se claro que o estímulo à formação profissional multifarefas tem origem na educação bá-
15 sica, que, por sua vez, reflete as ideias do neoliberalismo.

16 Como consequência disso, o ócio é transformado em algo indesejável. Isso porque esse comporta-
17 mento multifarefas tira o tempo livre para a reflexão. Segundo filósofo Ayn Rand, vive-se
18 numa sociedade na qual o indivíduo tem seu valor medido pela quantidade de coisas que ele produz. Na
19 sua perspectiva, a multitarefa atua potencializando essa valorização da produtividade, já que consegue
20 se fazer várias atividades ao mesmo tempo, desvalorizando, em decorrência disso, o tempo livre dedi-
21 cado ao lazer e ao ócio, pois eles são vistos como improdutivos, prejudicando a efetuação de reflexões.
22 Exemplo disso é o fato de muitas pessoas considerarem que filósofos e sociólogos — profissionais que
23 trabalham com essa reflexão — são preguiçosos, e que seus carros e casas são imundos. Sendo as-
24 sim, é evidente que a multitarefa estimula o pensamento produtivo, tornando o ócio algo estigmati-
25 zado pela ideia de ser improdutivo.

26 Portanto, nota-se que o neoliberalismo criou uma formação profissional competitiva o que é re-
27 fletido na criação de indivíduos multifarefas pela educação básica e, em decorrência disso, a
28 reflexão não é estimulada e torna-se secundária, afastando-se do ideário vivido na Grécia
29 Antiga.

MANIFESTAÇÕES NEOLIBERAIS NA EDUCAÇÃO E REFLEXÃO

Na Grécia Antiga, o ócio era super valorizado pelos cidadãos e filósofos, os quais buscavam possuir escravos para que não precisassem trabalhar, dedicando seu tempo livre à reflexão. Em contraste disso, a sociedade contemporânea pensa que o ócio é improdutivo, e que a multitarefa é que é, de fato, desejável. Assim percebe-se que há um estímulo à construção de trabalhadores multitarefas, e que, por conseguinte, prejudica a efetuação de reflexões.

Em primeira análise, objetiva-se compreender que esse estímulo é propiciado pelas escolas. Isso tudo é um reflexo do ideário neoliberal, que buscando o lucro valoriza a competitividade entre os funcionários, uma vez que quanto maior a disputa pela vaga de emprego, mais o desempregado irá se sujeitar a condições piores de contratação. Diante disso, a fim de atender a esse fenômeno, a educação básica cria indivíduos multitarefa, pois eles serão capazes de se adaptarem à essa formação profissional típica do neoliberalismo competitivo. Prova disso é o fato de as escolas estimularem pouco a integração entre os jovens, pelo contrário, eles são ensinados que devem ser bons em todas as disciplinas ao mesmo tempo, senão faltam o ano letivo, e também grande parte do lazer nas escolas se resume a competições, por exemplo as interclasses. Dessa forma fica claro que o estímulo à formação profissional multitarefal tem origem na educação básica, que, por sua vez, reflete as ideias do neoliberalismo.

Como consequência disso, ócio é transformado em algo indesejável. Isso porque esse comportamento multitarefa inibe o tempo livre para a reflexão. Segundo Filósofo Byung Chul Han, vive-se numa sociedade na qual um indivíduo tem seu valor medido pela quantidade de coisas que ele produz. Nessa perspectiva, a multitarefa atua potencializando essa valorização da produtividade, já que se consegue fazer várias atividades ao mesmo tempo, desvalorizando, em decorrência disso, o tempo livre dedicado ao lazer e ao ócio, pois eles são vistos como improdutivos, prejudicando a efetuação de reflexões. Exemplo disso é o fato de muitas pessoas considerarem que Filósofos e sociólogos - profissões que trabalham com essa reflexão - são preguiçosos, e que seus cursos e carreiras são inúteis. Sendo assim, é evidente que a multitarefa estimula o pensamento produtivo, tornando o ócio algo estigmatizado pela ideia de ser improdutivo.

Portanto, nota-se que o neoliberalismo cria uma formação profissional competitiva, o que é refletido na criação de indivíduos multitarefa pela educação básica e, em decorrência disso reflexão não é estimulada e torna-se secundária, afastando-se do ideário vivido na Grécia Antiga.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação Contemporânea: entre a ordem apolínea e a dialética

(Título)

01 Confronto o filósofo prussiano Friedrich Nietzsche, as ações humanas são divididas em duas: a
02 apolínea, caracterizada pela razão ordenadora e objetiva dos fatos humanos e a dialética, marcada
03 pela subjetividade reflexiva como guia das ações individuais. Paralelamente a essa dicotomia, o
04 indivíduo contemporâneo, marcado pela fusão de ideias capitalistas, é posto a viver conforme
05 praxias e deus Apolo: em um mundo comandado pela razão e objetividade o humano necessita da
06 multiplicidade alienante, como um deus dionísio, para sobreviver no globo marcado pelo poder hegemônico e
07 assim, abandona toda forma reflexiva, em face do jogo dialético mediano moderno. Nesse artigo gradu-
08 tando no século XXI, percebe-se que o neoliberalismo assume o teor de deus Apolo e, como consequência, tem-se
09 uma educação básica e formação profissional marcada pela multiplicidade e pelo desprazer a reflexão.
10 A princípio, a lógica ordenadora do mercado econômico moderno contribui para a manutenção do
11 homem como uma ferramenta industrial e para o abandono do ato reflexivo. Nesse mundo, com
12 o avanço das tecnologias industriais e a instalação do pensamento neoliberal como a função dos resultados
13 das ações humanas para trabalhos objetivos e repetitivos, como meio para alcançar os interesses
14 burgueses. Com isso, o homem reproduz a lógica habitual contemporânea: por meio da globalização,
15 da constituição de polos superacionais e empresas que trabalham 24 horas por dia, tudo isso indica o
16 claro, que o homem deve agir racionalmente e seus resultados pragmáticos - sem tempo para análises
17 psicológicas dialéticas. Por consequência, tem-se um contexto social previsto por Karl Marx do século XIX,
18 no qual o homem não é considerado um formador, mas, tem-se a alienação como motor do progresso atual.
19 Por conseguinte, ocorre, no contexto moderno, o desprazer a reflexão - resultado da alienação apli-
20 cado nos avanços científicos e econômicos. Nesse rio, no romance "Os Homens" do escritor Milton Hatoum,
21 por exemplo, é retratado o personagem Antonio Javal - um professor poeta que se entrega à vida a
22 partir dos cantos líricos, que é morto e separado, no contexto da ditadura brasileira, em praça pública
23 em Manaus. Nesse artigo, esse contexto histórico do Brasil indica os rumos do novo programa de polí-
24 tica pela marginalização dos cidadãos racionais e humanos. Nesse forma, tem-se um Brasil atual refre-
25 do da lógica ditatorial, no qual ocorre a permanência de disciplinas e grades curriculares - mesmo que indicam a
26 multiplicidade educacional e uma educação básica e formação longe dos propósitos dialéticos de mundo.
27 A luz do exposto, conclui-se a racionalidade apolínea como guia da educação básica e da formação
28 profissional do homem multifacetado que, com os produtos mercadológicos e da banalidade
29 estudantil, desce o mundo dialético que apresenta o conhecimento individual e a reflexão crítica
30 como barreiras contra a alienação, além dos projetos sociais do neoliberalismo contemporâneo.

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: ENTRE A ORDEM APOLÍNEA E A DIONISÍACA

Consoante o filósofo prussiano Friedrich Nietzsche, as ações humanas são divididas em duas: a apolínea, caracterizada pela razão ordenadora e objetiva dos feitos humanos, e a dionisíaca, marcada pela subjetividade reflexiva como guia das ações individuais. Paralelamente a esse pensamento, o indivíduo contemporâneo, marcado pela fusão de ideias capitalistas, é posto a viver conforme pregava o deus Apolo: em um mundo comandado pela rapidez e objetividade, o humano necessita da multitarefa alienante, como um desejo hedônico, para sobreviver no globo marcado pela pauta lucrativa e, assim, abandona toda forma reflexiva, em face do jogo lucrativo neoliberal hodierno. Nesse sentido, gradativamente no século XXI, percebe-se que o neoliberalismo assume o trono do deus Apolo e, como consequência, tem-se uma educação básica e formação profissional marcado pela multitarefa e pelo desprezo a reflexão.

A princípio, a lógica ordenadora do mercado econômico hodierno contribui para a manutenção do homem como uma ferramenta industrial e para o abandono do ócio reflexivo. Dessa maneira, com o auge das revoluções industriais e a instalação do pensamento neoliberal ocorre a fixação do resultado das ações humanas para trabalhos objetivos e repetitivos, como meio para alcançar os interesses burgueses. Com isso, o homem reproduz a lógica habitual contemporânea: por meio da globalização, da construção de jatos supersônicos e empresas que trabalham 24 horas por dia, tudo isso demonstra o óbvio, que o homem deve agir racionalmente e visar resultados pragmáticos- sem tempo para análises psicológicas dionisíacas. Por consequência, tem-se um contexto social previsto por Karl Marx do século XIX, no qual os homens são coisificados em ferramentas e, logo, tem-se a alienação como motor do progresso atual.

Por conseguinte, ocorre, no contexto hodierno, o desprezo a reflexão- resultado da sobrevivência apolínea nas engrenagens sociais e econômicas. Nessa via, no romance "Dois irmãos" do escritor Milton Hatoum, por exemplo, é retratado o personagem Antonio Laval- um professor poeta que enfrenta à vida a partir dos contos líricos- que é morto e espancado, no contexto da ditadura brasileira, em praça pública em Manaus. Nesse sentido, esse contexto histórico do Brasil indicou os rumos do novo progresso do país marcado pela marginalização das ciências sociais e humanas. Dessa forma, tem-se um Brasil atual reflexo da lógica ditatorial, no qual ocorre a permanência de disciplinas e grades curriculares- nomes que indicam a militarização educativa- e uma educação básica e formativa longe das perspectivas dionisíacas de mundo.

À luz do exposto, evidencia-se a racionalidade apolínea como guia da educação básica e da formação profissional do homem multitarefado que, conhecedor dos produtos mercadológicos e da banalidade cotidiana, desconhece o mundo dionisíaco que apresenta conhecimento individual e a reflexão ociosa como barreiras contra a alienação, além dos projetos racionais do neoliberalismo contemporâneo.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Equilíbrio de ouro (Título)

O movimento literário Parnasiano possuía como clichê árcade o "aurea mediocritas" ou equilíbrio de ouro, o qual buscava um melhor aproveitamento do dia (carpe diem). A sociedade capitalista, no entanto, almeja a maximização dos lucros e a alienação social, as quais moldam a educação básica e a formação profissional para atingir uma alta produtividade. Na contemporaneidade, porém, é preciso buscar o equilíbrio entre a multitarefa e o uso da reflexão para que o indivíduo possa viver seu potencial profissional e seu papel social de forma plena.

Nesse sentido, a infraestrutura capitalista, defendida por Marx na obra "O capital", é a responsável pelo modelo de Educação básica da sociedade contemporânea, uma vez que é a base formadora das superestruturas que caracterizam tal sociedade, como o Estado, a Família e a Educação. Nessa perspectiva, o indivíduo é inserido em uma realidade que o impede de refletir sobre sua condição social e o aliena em um sistema de multitarefas voltadas para o aumento da lucratividade. Assim, tal indivíduo fica refém do uso exclusivo da razão instrumental, definida pelo estudioso da Escola de Frankfurt, Horkheimer, como o uso acrítico do pensamento imposto aos consumidores a fim de garantir sua alienação e aumentar a lucratividade dos capitalistas. Essa realidade permeia o pensamento de que o sucesso individual advém somente do salário que recebe e do cargo que ocupa, caracterizando a "sociedade do espetáculo" e a "fetichização da mercadoria", nas quais o indivíduo tem o valor das coisas que possui e apresenta para a sociedade e não do que realmente é.

Nesse viés, a educação para o cidadão em sociedade, marcada pela vivência de culturas diversas, pelos laços de solidariedade e pela valorização do ócio, é colocada em segundo plano, o que prejudica o alcance do "aurea mediocritas" nas sociedades modernas. A inserção da reflexão crítica na educação básica é essencial para a obtenção de um profissional que faça uso de sua razão crítica e seja capaz de equilibrar seu papel social com sua qualidade de vida. Sob essa ótica, Paulo Freire, na obra "Pedagogia do Oprimido", defende o caráter essencial da reflexão, para além da multitarefa escolar, na obtenção do conhecimento. Para além disso, momentos de ócio que envolvam o lazer, o desenvolvimento de atividades coletivas, como brincadeiras infantis, e o desenvolvimento de habilidades culturais, como o artesanato e o tocar de instrumento, também são cruciais para evitar a alienação capitalista e permitir a manutenção dos costumes sociais.

Em suma, superar o uso da razão instrumental é importante para o equilíbrio de ouro na sociedade capitalista, a fim de garantir a sobrevivência entre a multitarefa e a reflexão e de permitir a integração entre a produtividade e os momentos de ócio. Por fim, a educação básica e a formação profissional devem ser inseridas em ^{uma realidade} em que a ética individual e coletiva convivam harmoniosamente.

EQUILÍBRIO DE OURO

O movimento literário Parnasiano possuía como clichê árcade o “aurea mediocritas” ou equilíbrio de ouro, o qual buscava um melhor aproveitamento do dia (*carpe diem*). A sociedade capitalista, no entanto, almeja a maximização dos lucros e a alienação social, as quais moldam a educação básica e a formação profissional para atingir uma alta produtividade. Na contemporaneidade, porém, é preciso buscar o equilíbrio entre a multitarefa e o uso da reflexão para que o indivíduo possa viver seu potencial profissional e seu papel social de forma plena.

Nesse sentido, a infraestrutura capitalista, defendida por Marx na obra “O Capital”, é a responsável pelo modelo de Educação Básica da sociedade contemporânea, uma vez que é a base formadora das superestruturas que caracterizam tal sociedade, como o Estado, a Família e a Educação. Nessa perspectiva, o indivíduo é inserido em uma realidade que o impede de refletir sobre sua condição social e o aliena em um sistema de multitarefas voltadas para o aumento da lucratividade. Assim, tal indivíduo fica refém do uso exclusivo da razão instrumental, definida pelo estudioso da Escola de Frankfurt, Horkheimer, como o uso acrítico do pensamento imposto aos consumidores a fim de garantir sua alienação e aumentar a lucratividade dos capitalistas. Essa realidade permeia o pensamento de que o sucesso individual advém somente do salário que recebe e do cargo que ocupa, caracterizando a “sociedade do espetáculo” e a “fetichização da mercadoria”, nas quais o indivíduo tem o valor das coisas que possui e apresenta para a sociedade e não do que realmente é.

Nesse viés, a educação para o convívio em sociedade, marcada pela vivência de culturas diversas, pelos laços de solidariedade e pela valorização do ócio, é colocada em segundo plano, o que prejudica o alcance do “aurea mediocritas” nas sociedades modernas. A inserção da reflexão crítica na educação básica é essencial para a obtenção de um profissional que faça uso de sua razão crítica e seja capaz de equilibrar seu papel social com sua qualidade de vida. Sob essa ótica, Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, defende o caráter essencial da reflexão, para além da multitarefa escolar, na obtenção do conhecimento. Para além disso, momentos de ócio que envolvam o lazer, o desenvolvimento de atividades coletivas, como brincadeiras infantis, e o desenvolvimento de habilidades culturais, como o artesanato e o tocar de instrumentos, também são cruciais para evitar a alienação capitalista e permitir a manutenção dos costumes sociais.

Em suma, superar o uso da razão instrumental é importante para o equilíbrio de ouro na sociedade capitalista, a fim de garantir a sobrevivência entre a multitarefa e a reflexão e de permitir a integração entre a produtividade e momentos de ócio. Por fim, a educação básica e a formação profissional devem ser inseridas em uma realidade que a ética individual e coletiva convivam harmoniosamente.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

A minoridade atual e a maioria antiga

(Título)

Na Grécia Antiga, os cidadãos eram educados desde pequenos sobre a religião politeísta, a língua grega e a política das pólis. A sociedade criava seus filhos para que tivessem pensamentos autônomos e pudessem governar sem influências externas. A Ágora foi consequência disso, todos os cidadãos expunham seus pensamentos próprios e os discutiam ativamente. Contraditoriamente, após séculos de "evolução", hoje somos ensinados a seguir regras e ordens. As crianças devem obedecer aos professores, chegar no horário e aprender a responder corretamente às perguntas. Tudo isso para formar proletários que obedeçam aos superiores, cheguem no horário de trabalho e produzam mais eficientemente. Assim, a educação básica e a formação profissional retrocederam ao longo da história. Antes, formavam-se cidadãos autônomos e, hoje, trabalhadores obedientes.

Nesse sentido, a educação e as profissões contemporâneas assemelham-se ao trabalho escravo da Antiguidade. Os guerreiros derrotados eram escravizados pelos vencedores e perdiam suas identidades e autônomoas. Eram submetidos a múltiplas tarefas, como construir pontes, limpar roupas e cuidar das plantações, que os impediam de praticar seus costumes, rituais e religiões. Analogamente, isso é o que ocorre com os trabalhadores do capitalismo. Embora sejam motivados pelo dinheiro e não pela repressão, eles exaurem seus esforços no trabalho em detrimento do lazer, da diversão e do repouso. Exemplo disso é a Síndrome do "Burn-Out". As pessoas desenvolvem doenças mentais, como a depressão, ao gastarem a maioria do seu tempo trabalhando em múltiplas tarefas, como os empresários que atendem ligações, revisam documentos e despedem funcionários ao mesmo tempo, e buscando alienadamente um pedaço de papel que os insira no sistema capitalista. Assim, a minoridade torna os trabalhadores e escravos. Não a física, mas a intelectual que promove a alienação das pessoas ao sistema de repressão ao econômico devido às multitarefas do capitalismo.

Por conseguinte, esse sistema menospreza os cidadãos gregos. Em Atenas, o ócio era um direito de todo cidadão. Escravos eram sustentados pelo governo para que os atenienses tivessem tempo para refletir e exercer seus papéis políticos. Além disso, muitos filósofos apareceram ~~nessa~~ nesse período em que a reflexão e o pensamento autônomo eram mais valorizados que o trabalho. Contudo, hoje, esta maioria intelectual é reprimida pela sociedade: os artistas que mantêm a cultura são considerados "vaguebundos", pois ~~ela~~ não produzem economicamente. A ociosidade é vista como um maléfico no sistema e, consequentemente, a reflexão que ~~reduz~~ diminui a alienação. Por isso, a produção cultural e a reflexão merecem um Atenas são reprimidas hoje.

Portanto, entre a multitarefa e a reflexão está a incompatibilidade. A educação básica e a formação profissional atual formam escravos do ~~seu~~ dinheiro, do trabalho e das multitarefas que desvalorizam a reflexão e o ócio. Então, o humano volta à minoridade ao desprezar a maioria dos gregos.

A MENORIDADE ATUAL E A MAIORIDADE ANTIGA

Na Grécia Antiga, os cidadãos eram educados desde pequenos sobre a religião politeísta, a língua grega e a política das poleis. A sociedade criava seus filhos para que tivessem pensamentos autônomos e pudessem governar sem influências externas. A Ágora foi consequência disso, todos os cidadãos expunham seus pensamentos próprios e discutiam ativamente. Contraditoriamente, após séculos de “evolução”, hoje somos ensinados a seguir regras e ordens. As crianças devem obedecer aos professores, chegar no horário e aprender a responder corretamente às perguntas. Tudo isso para formar proletários que obedeçam aos superiores, cheguem no horário de trabalho e produzam mais eficientemente. Assim, a educação básica e a formação profissional retrocederam ao longo da história. Antes, formavam-se cidadãos autônomos e, hoje, trabalhadores obedientes.

Nesse sentido, a educação e as profissões contemporâneas assemelham-se ao trabalho escravo da Antiguidade. Os guerreiros derrotados eram escravizados pelos vitoriosos e perdiam suas identidades e autonomia. Eram submetidos a múltiplas tarefas, como construir pontes, lavar roupas e cuidar das plantações, que os impediam de praticar seus costumes, rituais e religiões. Analogamente, isso é o que ocorreu com os trabalhadores do capitalismo. Embora sejam motivados pelo dinheiro e não pela repressão, eles exaurem seus esforços em detrimento do lazer, da diversão e do repouso. Exemplo disso é a Síndrome do “Burn-out”. As pessoas desenvolvem doenças mentais, como a depressão, ao gastarem a maioria do seu tempo trabalhando em múltiplas tarefas, como empresários que atendem a ligações, revisam orçamentos e despedem funcionários ao mesmo tempo, e buscando alienadamente um pedaço de papel que os inserirá no sistema capitalista. Assim, a minoridade toma os trabalhadores e os escravos. Não a etária, mas a intelectual que promove a alienação das pessoas ao sistema de repressão devido às múltiplas tarefas do cotidiano.

Por conseguinte, esse sistema menospreza os cidadãos gregos. Em Atenas, o ócio era um direito de todo cidadão. Escravos era, sustentados pelo governo para que os atenienses tivessem tempo para refletir e exercer seus papéis políticos. Além disso, muitos filósofos apareceram nesse período em que a reflexão e o pensamento livre eram mais valorizados que o trabalho. Contudo, hoje, essa maioridade intelectual é reprimida pela sociedade: os artistas que mantêm a cultura são considerados “vagabundos”, pois não produzem economicamente. A ociosidade é vista como maléfica ao sistema e, conseqüentemente, a reflexão que eliminaria a alienação. Por isso, a produção cultural e a reflexão, essenciais em Atenas, são reprimidas hoje.

Portanto, entre a multitarefa e a reflexão está a incompatibilidade. A educação básica e a formação profissional atual formam escravos do dinheiro, do trabalho e das multitarefas que desvalorizam a reflexão e o ócio. Enfim, o humano voltou à minoridade ao desprezar a maioridade dos gregos.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação: o desenvolvimento humano frente aos valores capitalistas e sua responsabilidade.

(Título)

"Capital, mais capital". Com este frase proferida nos debates, os alunos do ensino médio iniciam o trabalho no livro-texto "Sociedade dos
partes múltiplas" trazendo as impressões das temáticas, com todo educacional de uma professora de literatura, Vivian Kitting, que sempre com o interesse
na carreira de ter todo tradicional, exatos e vivo, além de capacitar intelectualmente seus alunos, desenvolve uma visão educacional para
entendamos
que ~~desenvolve~~ seus aspectos humanos. Deixa claro, a educação tradicional é antagônica aos valores do capitalismo vigente que busca
dominar - em parte - uma formação profissional padronizada que busca a eficiência e que, no entanto, também representa uma parte
fundamental na formação humana reflexiva e independente, permitindo um desenvolvimento humano segundo os valores.

Em primeira análise, a transição do professor no filme estabelece-se no tempo com o sistema capitalista que valoriza um ser
ser industrial na formação de trabalhadores semelhantes e produtivos. Nesse sentido, tal modelo produtivo é instituído, visando à
esse marxista, entre os debates dos valores de produção, e, portanto, assim, os produtores do poder econômico integram da sua realidade
deba a produção material para dominar o poder político, não se definindo na existência de trabalhar na construção, refletindo na
educação, sendo também influenciado na construção do currículo educacional governamental por sua presença regulatória. Consequentemente,
mente, institui-se um modelo educacional de Adorno - no livro "A educação por Adorno" - como fátil e unidimensional, por ex-
plentado na utilização de um modelo semelhante ao industrial, na identificação dos alunos com números e na formação de identidade de forma
buscando outros e não um aprendizado no tempo de cada aluno. Destarte, por se um indivíduo padronizado, após a construção de valores
tempo rápido e unidimensionalmente, seguindo os interesses capitalistas: trabalhadores grandes de classe são quem tem o sistema.

Ademais, a educação busca a formação de indivíduos independentes e reflexivos. Nota-se que a formação humana é uma
atitude, pela essência da cultura, múltiplas vezes de trabalhar para ser de trabalhar e mais; também possui intrinsecamente um caráter
social e político - construção da formação como humana por Adorno. Dessa forma, a reflexão de Sartre, filósofo existencial-
ista, de que o homem é condenado a sua liberdade, que não se trata de influências na vida humana, mas de uma necessidade que
de ser, responder sua resposta as influências e as organizações em sua vida. Com isso, o ambiente educacional é determinante na formação
humana de uma consciência humana, uma vez que possui importantes contextos humanos, dentro da relação de ser humano pelo
ambiente social para seu caráter desenvolvimental. Além disso, o ambiente social expõe o aluno à influência de valores, portanto
decisão - de a sua vontade a possibilidade que não se pode estar com o ambiente, atuando no desenvolvimento de um ser e de mais.
todo de trabalhar de modo a instituir dentro seu próprio de vida. Logo, o modo de aprendizagem instituído propiciando para os alunos
de tempo permite que, para além de trabalhadores, os homens se tornem senhores de si, constituindo-se como seres humanos, formando
uma coletividade social formada por muitos indivíduos não dominados por valores capitalistas, tornando o desenvolvimento humano segundo

Portanto, é evidente a importância de uma formação educacional que capacite profissionalmente, mas não deve ser prejudicada
de forma dos interesses do sistema capitalista padronizado que influencia a educação para a formação de trabalhadores semelhantes
e equivalentes. Outrossim, a formação social também deve educar para a reflexão e desenvolvimento das características inerentes
ao homem - capacidades de se desenvolver e sociologia adequadamente - como analisado pelo Heidegger Kitting no capítulo anterior.

EDUCAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO HUMANO FRENTE AOS VALORES CAPITALISTAS E SUA RESPONSABILIDADE.

“Capitão, meu capitão”. Com tal frase proferida aos gritos, os alunos do colégio interno retratado no longa-metragem “Sociedade dos poetas mortos” revelam os impactos do transgressor método educacional de um professor de literatura, senhor Kitting, o qual rompe com o ensino mecânico do método tradicional escolar e visa, além de capacitar intelectualmente seus alunos, desenvolver suas individualidades para que entendam seus aspectos humanos. Desse modo, a educação hodierna é antagônica aos interesses do capitalismo vigente que busca dominá-la para uma formação profissional padronizada que busca a eficiência e que, no entanto, também representa uma parte fundamental na formação humana reflexiva e independente, permitindo um desenvolvimento humano seguro socialmente.

Em primeira análise, a transgressão do professor no filme estabeleceu-se ao romper com o sistema capitalista que valoriza um ensino industrial na formação de trabalhadores semelhantes e produtivos. Nesse sentido, tal modelo produtivo é instituído, consoante à análise marxista, entre detentores dos meios de produção e explorados. Assim, os possuidores do poder econômico utilizam de seu controle sobre a produção material para dominarem o poder político, não só definindo as exigências do mercado na contratação, refletindo na educação, como também influenciando na constituição do currículo educacional governamental por sua presença legislativa. Consequentemente, institui-se um método identificado por Adorno – no texto “A Educação pós Auschwitz” – como fabril e uniformizadora, fato explicitado na utilização de um sinal semelhante ao industrial, na identificação dos alunos com números e na passagem de conteúdo de forma buscando notas e não um aprendizado no tempo de cada aluno. Destarte, gera-se um indivíduo padronizado, apto à realização de várias tarefas rápida e concomitantemente, servindo aos interesses capitalistas: trabalhadores geradores de lucro sem questionar o sistema.

Ademais, a educação básica é fulcral na formação de indivíduos independentes e reflexivos. Nota-se que a formação humana é constituída pelo ensino da correta interpretação do mundo posterior ao anseio de entender o meio; também possui idealmente um correto contato social e político – características afirmadas como humanas por Aristóteles. Dessa forma, a reflexão de Sartre, filósofo existencialista, de que o homem é condenado a ser livre revela que tais variadas influências na vida humana encontram um necessário julgamento do ser, escolhendo sua resposta às influências e as manejando em sua vida. Com isso, o ambiente educacional é determinante na estruturação dessas características humanas, uma vez que possui importantes contatos

humanos, devendo tais relações serem abordadas pelo ambiente escolar para seu correto desenvolvimento. Além disso, o ambiente escolar expõe o aluno às influências do mundo, podendo direcioná-lo a sua vocação e possibilitando que crie a paixão pelo conhecimento, atuando no desenvolvimento científico e no mercado de trabalho de modo instituído perante seu propósito de vida. Logo, o modo de aprendizado inovador proporcionado pelos alunos no longa permite que, para além de trabalhadores, os homens se tornem senhores de si, constituindo-se como ser humano, formando um coletivo social formado por mentes pensantes não dominadas por vícios capitalistas, tornando o desenvolvimento humano seguro.

Portanto, é evidente a importância de uma formação educacional que capacite profissionalmente, mas essa deve ser protegida pelo homem dos interesses do sistema capitalista padronizados que influencia a educação para a formação de trabalhadores semelhantes e eficientes. Outrossim, a formação escolar também deve educar para a reflexão e desenvolvimento das características inerentes ao homem – capacidade de se desenvolver e socializar adequadamente – como realizado pelo Senhor Kitting no colégio interno.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Os efeitos de uma educação industrial.

(Título)

01 O homem é moldado pela educação que recebe - como indica o filósofo Immanuel Kant - de maneira que
 02 a procura de formação profissional e a educação básica caracterizam a sociedade moderna. Neste contexto, os
 03 métodos educacionais contemporâneos estão estabelecidos em consequência das mudanças sociais e econômicas promovidas
 04 durante o século XX pela 3ª Revolução Industrial, a que submete a população aos desenvolvimentos de habilidades
 05 trabalhistas e multitalentos em razão de uma necessidade comercial de produção, já que os indivíduos devem
 06 produzir, se divertir e - ainda - gerir a sociabilidade com amigos e familiares. Dessa forma, percebe-se uma
 07 estruturação acadêmica brasileira para moldar cidadãos destinados aos mercados de trabalho, ignorando a necessidade
 08 de educar acerca da reflexão e integrações sociais.

09 Em primeira análise, tal estruturação orienta respostas aos interesses industriais, que são responsáveis por
 10 manipular a cultura da população a fim de garantir maiores lucros através da "produção" de mão de obra
 11 profissional por meio do ambiente escolar. Esta manipulação, por conseguinte, foi ideologizada pelo sociólogo Theodor
 12 Adorno em sua obra - Indústria Cultural e Sociedade - e abrange os métodos educacionais vigentes, promovendo a
 13 cultura de que a educação de qualidade somente deve preparar os indivíduos para a indústria. Assim, em razão
 14 disso, intensificam-se os processos de desigualdade social e marginalização, uma vez que a educação básica pública
 15 impõe aos estudantes um futuro inserido nos lugares de proletários.

16 Em segunda análise, a rigidez educacional e o direcionamento fornecido aos estudantes para as finalidades
 17 laborais promovem um despreparo no que tange às habilidades de convivência e reflexão. Seis esta etapa, não
 18 existem ambientes de autoconhecimento e de integrações sociais nos ensino básico, de modo que a população
 19 esteja despreparada para a realização de projetos comunitários e para lidar consigo mesma, o que intensifica dire-
 20 tamente os índices de danos psicológicos e de discriminação, tendo em vista que os indivíduos formados pela educa-
 21 ção básica desconhecem a si e as diferenças entre os povos, já que não exercem a reflexão. Portanto, a formação pro-
 22 fissional e os métodos educacionais moldam cidadãos incapazes de pensar criticamente e de estruturar novas filosofias,
 23 mas que não cessam de exercerem multitalentos de produção.

24 Em suma, há uma necessidade contemporânea de remodelar o sistema educacional para que, além da capacitação pro-
 25 fissional, exista uma preparação subjetiva de reflexão e autoconhecimento. Os indivíduos moldados pela educação
 26 vigente, portanto, estão ~~reflex~~ manipulados pelos interesses industriais, que são garantidos pelos grandes centros produ-
 27 tivos através da manipulação da cultura, a qual estabelece que o bom modelo educacional deve preparar os
 28 jovens para o exercício laboral de multitalentos. No entanto, os danos psicológicos e o aumento da desigualdade so-
 29 cial possuem em comum a necessidade de um ~~modelo~~ indivíduos moldados com capacidades reflexivas orientadas a
 30 um pensamento crítico, o que se desenvolverá com uma educação básica não industrial.

OS EFEITOS DE UMA EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

O homem é moldado pela educação que recebe – como indicou o filósofo Immanuel Kant – de maneira que o processo de formação profissional e a educação básica caracterizem a sociedade hodierna. Neste contexto, os métodos educacionais contemporâneos estão estabelecidos em consequência das mudanças sociais e econômicas promovidas durante o século XX pela 3ª Revolução Industrial, o que submete a população ao desenvolvimento de habilidades atreladas a multitarefas em razão de uma necessidade comercial de produção, já que os indivíduos devem produzir, se alimentar e – ainda – gerir a sociabilidade com amigos e familiares. Dessa forma, percebe-se uma estruturação acadêmica brasileira para moldar cidadãos destinados ao mercado de trabalho, ignorando a necessidade de educar acerca da reflexão e integração social.

Em primeira análise, tal estruturação encontra respaldo nos interesses industriais, que são responsáveis por manipular a cultura da população a fim de garantir maiores lucros através da “produção” de mão de obra profissional por meio do ambiente escolar. Esta manipulação, por conseguinte, foi idealizada pelo sociólogo Theodor Adorno na obra - Indústria Cultural e Sociedade – e abrange os métodos educacionais vigentes, promovendo a cultura de que a educação de qualidade somente deve preparar os indivíduos para a indústria. Assim, em razão disso, intensificam-se os processos de desigualdade social e marginalização, uma vez que a educação básica pública impõe aos estudantes um futuro inseridos na função de proletários.

Em segunda análise, a rigidez educacional e o direcionamento fornecido aos estudantes para as atividades laborais promove um despreparo no que tange às habilidades de convívio e reflexão. Sob esta ótica, não existem ensinamentos de autoconhecimento e de integração social no ensino básico, de modo que a população esteja despreparada para a realização de práticas comunitárias e para lidar consigo mesma, o que intensifica diretamente os índices de doenças psicológicas e de discriminação, tendo em vista que os indivíduos formados pela educação básica desconhecem a si e as diferenças entre as pessoas, já que não exercem a reflexão. Portanto, a formação profissional e os métodos educacionais moldam cidadãos incapazes de pensar criticamente e de estruturarem novas filosofias, mas que são capazes de exercerem multitarefas de produção.

Em suma, há uma necessidade contemporânea de remodelar o sistema educacional para que, além da capacitação profissional, exista uma preparação subjetiva de reflexão e autoconhecimento. Os indivíduos moldados pela educação vigente, destarte, estão subjugados pelos interesses industriais, que são garantidos pelos grandes centros produtivos através da manipulação cultural, a qual estabelece que o bom modelo educacional deve preparar os jovens para o exercício laboral de multitarefa. No entanto, as doenças psicológicas e o aumento da desigualdade social possuem em comum a necessidade de um indivíduo moldado com capacidades reflexivas associadas a um pensamento crítica, o que se desenvolverá com uma educação básica não industrial.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM CONTEXTO DE REALISMO CAPITALISTA: ENTRE A OBSOLESCÊNCIA E O SUCATEAMENTO

Segundo o contemporâneo Mark Fischer, vivemos o "Realismo Capitalista", sendo este o estágio no qual os valores capitalistas deixam de influenciar apenas os aspectos econômicos e políticos da sociedade e passam a moldar, também, a psique coletiva. Nesse viés, percebe-se o prevalecimento da cultura produtivista em aspectos tal qual na educação e formação de crianças, visto a crescente demanda por escolas que valorizem tais preceitos. Dessa forma, na tentativa incessante de formar um profissional de sucesso, há a persistência de um sistema obsoleto que reduz o humano a um indivíduo com capacidades de manutenção e reprodução do sistema capitalista e o sucateamento da educação cidadã.

Nesse sentido, vê-se que há, nos dias atuais, uma tentativa cada vez mais precoce de incentivar as crianças a desenvolverem múltiplas habilidades (como a fluência em vários idiomas e a excelência matemática) que garantirão a elas o sucesso, entendido por muitos como a inserção no mercado de trabalho. "Another brick in the wall", música da banda inglesa Pink Floyd mostra tal processo de uniformização de habilidades que predomina em uma sociedade tal qual a atual, que valoriza a inteligência lógico-racional e o papel da Escola, enquanto instituição, nesse processo. Assim, percebe-se que há tentativas de reduzir os cidadãos a engrenagens do Sistema, com capacidades alienantes de trabalhar e ser multitarefas, ou seja, a educação reflexiva é suprimida para valorizar uma condição de volta ao estado selvagem no qual, a partir da falta de contemplação, os processos são esvaziados.

Entretanto, esse modelo reducionista que ainda prevalece já apresenta sinais de obsolescência em um contexto de surgimento da automação da produção, o que resgata a necessidade de valorização de um modelo educacional até então suprimido, que valoriza a individualidade e a inserção do indivíduo não no mercado de trabalho, mas na realidade múltipla. Dessa forma, com a utilização das máquinas para suprir as necessidades de multitarefas, o processo educacional poderá atribuir maior valor ao ócio, sendo que esse funciona como um motor à contemplação, à criatividade, à reflexão, à conexão cultural e identitária e, portanto, ao desenvolvimento de um senso de pertencimento à realidade como indivíduo, e não como engrenagem do Sistema. Sendo assim, as habilidades sociais desenvolvidas permitiriam a vivência do "Realismo Capitalista" de modo que, para além do sucesso profissional, os indivíduos fossem capazes de se relacionar - com o meio e consigo -, de descansar e de refletir.

Portanto, a educação básica e a formação profissional estão, ainda hoje, associadas ao contexto produtivista predominante no "Realismo Capitalista". Entretanto, por se tratar de uma conjuntura obsoleta e reducionista que valoriza uma condição selvagem tal qual a multitarefa, o resgate da formação cidadã se faz urgente.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

(Título)

No livro *Além do país das maravilhas*, do escritor britânico Lewis Carroll, o coelho é o personagem representativo da tensão provocada pelo controle do tempo, tratando-se de alegoria do comportamento apressado que serve para ilustrar, também, o estresse causada pelo desejo de desempenhar várias tarefas ao mesmo tempo, ou seja, multitarefa. Tal sentimento de urgência não é espontâneo, mas fabricado, encontrando seu fundamento lógico na teoria econômica da mais-valia, desenvolvida por Karl Marx no século XIX, de modo que o ideal da sociedade multitarefa privilegia tão somente os lucros de quem explora o tempo de repouso dos consumidores e trabalhadores em detrimento da saúde dos pessoas, fenômeno verificado na educação básica e na formação profissional.

Diante desse cenário, a educação básica tradicional, supratrativa e capitalista, não promove o desenvolvimento de competências relacionadas a introspecção, concentração ou foco. Essa abordagem contrasta com a exposta no livro *Idéias para adiar o fim do mundo*, do escritor indígena e membro da Academia Brasileira de Letras Hilton Kelesi, para o povo do autor, a percepção dos sinais da natureza e os ritos culturais que envolvem contemplação constituem uma parte integrante da formação dos povos mais novos, valores educacionais que são postulados por inúmeras culturas povos indígenas brasileiros. Com isto, as crianças e adolescentes indígenas não desenvolvem o mesmo senso de urgência permanente típico das sociedades capitalistas, já que sua formação não tem como objetivo os lucros.

Ademais, o modelo de negócios das grandes empresas de tecnologia do Vale do Silício gestou algoritmos de redes sociais comprovadamente prejudiciais à saúde dos usuários, visto que frequentemente provocam a sensação de que a pessoa está perdendo algo, descrito pela sigla FOMO em língua inglesa ("for all missing out"). De acordo com o professor universitário israelense Yuval Noah Harari, esse disputa pelo tempo do usuário é denominado, nas ciências sociais, como "economia da atenção" e suas implicações atingem até mesmo a relação entre trabalhadores e empregadores, já que os primeiros acabam recebendo demandas de trabalho fora do horário de expediente por estarem permanentemente conectados, demonstrando mais uma vez a prioridade do lucro sobre a saúde.

Diante do exposto, resta evidente que a maior disponibilidade de tempo para reflexão, com redução da mentalidade multitarefa na educação básica e na formação profissional, necessariamente passará pela diminuição da vulnerabilidade econômica da população. No âmbito nacional, a fim de fortalecer a mentalidade do foco e da reflexão na população brasileira, compete aos Ministérios da Educação e do Trabalho e Emprego - órgãos responsáveis, respectivamente, por coordenar políticas públicas educacionais e empregatícias no nível do Poder Executivo federal - realizar recursos orçamentários a Estados e Municípios visando a capacitação de pessoal para promover formação continuada com uma mentalidade mais holística e contemplativa. Dessa forma, temos dados os primeiros passos para uma sociedade mais saudável, pacífica e saudável.

No livro *Alice no país das maravilhas*, do escritor britânico Lewis Carroll, o coelho é o personagem representativo da tensão provocada pelo controle do tempo, tratando-se de alegoria do comportamento apressado que serve para ilustrar, também, o estresse causado pelo desejo de desempenhar várias tarefas ao mesmo tempo, ou ser multitarefa. Tal sentimento de urgência não é espontâneo, mas fabricado, encontrando seu fundamento lógico na teoria econômica da mais-valia, desenvolvida por Karl Marx no século XIX, de modo que o ideal do cidadão multitarefa privilegia tão somente os lucros de quem explora o senso de rapidez dos consumidores e trabalhadores em detrimento da saúde das pessoas, fenômeno verificado na educação básica e na formação profissional.

Diante desse cenário, a educação básica tradicional, cuja matriz é capitalista, não prioriza o desenvolvimento de competências relacionadas a introspecção, concentração ou ócio. Essa abordagem contrasta com a exposta no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do escritor indígena e membro da Academia Brasileira de Letras Ailton Krenak: para o povo do autor, a percepção dos sinais da natureza e os ritos culturais que envolvem contemplação constituem parte integrante das gerações mais novas, valores educacionais que são partilhados por inúmeros outros povos indígenas brasileiros. Com isso, as crianças e adolescentes indígenas não desenvolvem o mesmo senso de urgência permanente típico das sociedades capitalistas, já que sua formação não tem como objetivo o lucro.

Ademais, o modelo de negócio das grandes empresas de tecnologia do Vale do Silício gestou algoritmos de redes sociais comprovadamente prejudiciais à saúde dos usuários, visto que frequentemente provocam a sensação de que a pessoa está perdendo algo, descrita pela sigla FOMO em língua inglesa (“fear of missing out”). De acordo com o professor universitário israelense Yuval Noah Harari, essa disputa pelo tempo do usuário é denominada, nas ciências sociais, como “economia da atenção” e suas implicações atingem até mesmo a relação entre trabalhadores e empregadores, já que os primeiros acabam recebendo demandas de trabalho fora do horário de expediente por estarem permanentemente conectados, demonstrando mais uma vez a prioridade do lucro sobre a saúde.

Diante do exposto, resta evidente que a maior disponibilidade de tempo para reflexão, com redução da mentalidade multitarefa na educação básica e na formação profissional, necessariamente passará pela diminuição da vulnerabilidade econômica da população. No âmbito nacional, a fim de fortalecer a mentalidade do ócio e da reflexão na população brasileira, compete aos Ministérios da Educação e do Trabalho e Emprego – órgãos responsáveis, respectivamente, por coordenar políticas públicas educacionais e empregatícias no nível do Poder Executivo federal – canalizar recursos orçamentários a Estados e Municípios visando a capacitação de pessoal para promover formação continuada em uma mentalidade mais holística e contemplativa. Dessa forma, serão dados os primeiros passos para uma sociedade mais saudável, pacífica e funcional.

A CADEIA ALIMENTAR NAS RELAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS

“Eu quero saber... o que está acontecendo eu vou descobrir”: a música de abertura do programa infantil “Show da Luna” retrata as crianças como a personificação da pureza, do questionamento e da bondade – livres das “amarras” capitalistas que aprisionam e corrompem os adultos. Essas canções e brincadeiras infantis são, gradativamente, substituídas por tarefas escolares, provas e vestibulares, que racionalizam e aceleram as ações juvenis. Toda essa transformação na educação básica resulta na fabricação de indivíduos produtivos, com qualificação profissional voltada à multitarefa e à agilidade. Tais capacidades privilegiam a operação de muitas funções – de maneira superficial e alienada -, em detrimento da reflexão, do ócio e do esclarecimento. Consequentemente, as pessoas passam a se enxergar como inimigos naturais: “predadores” e “presas”, competindo pela sobrevivência em um mundo onde a “seleção natural” é realizada por capitalistas poderosos e onde as relações de mutualismo e protocooperação estão quase extintas – restritas a comunidades à margem do sistema.

Produtividade e lucro: esses são os fins das “leis da natureza capitalista”, que estimulam a competitividade e “predação” entre os indivíduos. Sob esse viés, o sistema capitalista busca “caçar” a natureza “pura” e questionadora das crianças, por meio de uma educação básica e de uma qualificação profissional alienantes – opostas à “educação libertadora” de Paulo Freire. Com isso, são produzidos indivíduos da produtividade e do cansaço, os quais precisam trabalhar até o esgotamento, para gerar lucro ao sistema e para não serem substituídos por outros funcionários mais jovens, eficientes e “multitarefa”. Ou seja, brincadeiras infantis como “Ciranda cirandinha” dão lugar a um espírito competitivo selvagem, que transforma “o outro” em inimigo e potencial predador, criando um “habitat” onde relações desarmônicas prevalecem.

Egoísmo e perda da capacidade reflexiva: essas são as consequências desse retorno ao “estado de natureza” hegeliano. Nesse habitat de selvageria e barbárie, os indivíduos – competidores naturais entre si – revestem-se de um sentimento individualista e violento para se protegerem, o que impede não só o esclarecimento em relação a sua própria condição de proletário explorado, mas também a identificação com os outros trabalhadores que enfrentam exatamente a mesma “seleção natural”. Tal ausência de reflexão leva à transfiguração do escasso ócio e tempo de lazer – que era predominante na infância – em mais momentos de

produtividade e multitarefa. O “dolce far niente” e a contemplação dão lugar a “e-mails” e mensagens em tempo integral de patrões gananciosos e “parasitas”, que extraem toda a energia de seus funcionários até essa se esgotar – quando o “organismo-hospedeiro” é substituído. Em contrapartida, sociedades “excluídas” da dinâmica natural capitalista – como os povos indígenas – preservam, por meio de uma educação libertadora e consciente, o espírito bondoso e questionador das crianças, desenvolvendo sua empatia e seu discernimento e fortalecendo sua cultura.

Portanto, na “seleção natural” capitalista, pessoas “multitarefa”, produtivas e alienadas sobrevivem, em detrimento de adultos reflexivos, que preservaram seu “espírito infantil” e questionador. Ou seja, a educação e a qualificação profissional são voltadas para a fabricação de indivíduos do cansaço, competitivos e egoístas, os quais se configuram como predadores e presas de uma cadeia alimentar na qual o único beneficiado é o capitalista poderoso.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Dato de refletir na desconstrução da onomania da multitarefa real (Título)

Com o recente desenvolvimento tecnológico, o homem foi capaz de materializar ~~o~~ fluxos contínuos e intermitentes de informações, por meio de televisões e celulares - com telejornais e redes sociais. É nesse cenário, sob a ótica marxista do Materialismo Histórico-Dialético, que encontramos hegemonicamente a atenção múltipla, considerando, segundo essa teoria, a influência da realidade material na imaginação socio-individual, no caso, a capacidade dos meios em manter o indivíduo na vida real e, paralelamente, levá-lo a relacionar-se e entreter-se pelo virtual. Todavia, sobressai-se o caráter psicotrópico consumista atribuído a essa multitarefa, a qual é difundida na educação básica e na formação profissional pela lógica real, retirando-se a necessidade do estímulo à reflexão como mecanismo de emancipação.

Nesse sentido, é lícito postular o ~~como~~ papel alienante engendrado por esse fator compatibilista, que advém de sua definição: igual possibilita a atenção em uma gama de fatos ao mesmo tempo. Nos casos por, ao fragmentar a concentração do sujeito, sua capacidade de refletir sobre cada ponto de foco diminui drasticamente. Com efeito, o sistema capitalista realista utiliza dessa atenção superficial para levar o indivíduo à onomania, ou seja, ~~para~~ incentivá-lo a consumir de maneira obsessiva, uma vez que ele se torna incapaz de analisar tanto a impulsionabilidade de suas ações quanto a real necessidade de obter aquela mercadoria. Logo, a ~~multitarefa~~ multitarefa atual é ^o perniciosa para deturpar o pensamento do corpo social, sendo usada para manipular seu comportamento em favor da formação de consumidores, ^o quais visam o lucro para o mecanismo vigente.

Sob essa perspectiva, a reflexão surge como alternativa para contestar antiteticamente a alienação por, ao entrar em um estado de concentração profunda, o indivíduo se abstém da sociedade, isolando-se de possíveis influências externas que o incitem a continuar comprando. De fato, como ~~aponta~~ teoriza o sociólogo Mark Fisher em sua obra "Realismo Capitalista", a convergência ~~para~~ ^{em} atenção para maximizar o sociotécnico promove não apenas a desconexão do sujeito frente às lógicas mercadológicas, como possibilita sua atitude de questionamento dos dogmas ~~sociais~~ ^{da} de tecido social ao qual está imerso, isto que o coloca além desses pressupostos. Assim, essa atitude influencia ^{no} ~~promove~~ crítica ^{no} ~~foi~~ ^{foi} excluída de educação.

Portanto, a multitarefa é um recurso intrínseco à ~~na~~ mentalidade lucrativamente realista e vem sendo ensinada ~~desde~~ ^{na} educação básica até a formação profissional, com o intuito de redimensionar a onomania no corpo social. Em contraponto, a reflexão surge como instrumento de desalienação do sujeito, na tentativa de combatê-la dessa mentalidade supérflua e viciosa.

O ATO DE REFLETIR NA DESCONSTRUÇÃO DA ONEOMANIA DA MULTITAREFA NEOLIBERAL

Com o recente desenvolvimento tecnológico, o homem foi capaz de materializar um fluxo contínuo e instantâneo de informações, por meio de televisões e celulares - com redes sociais e telejornais. É nesse cenário, sob a ótica marxista do Materialismo Histórico-Dialético, que ascendeu hegemonicamente a atenção múltipla, considerando, segundo essa teoria, a influência da realidade material no imaginário socio-individual, no caso, a capacidade das mídias em manter o indivíduo na vida real e, paralelamente, levá-lo a relacionar-se e entreter-se pelo virtual. Todavia, salienta-se o caráter psicotrópico consumista atrelado a essa multitarefa, a qual é difundida na educação básica e na formação profissional pela lógica neoliberal, reiterando-se a necessidade do estímulo à reflexão como mecanismo de emancipação.

Nesse sentido, é lícito postular o papel alienante engendrado por esse foco compartilhado, que advém de sua definição: possibilitar a atenção em uma gama de fatores ao mesmo tempo. Isso ocorre pois, ao fragmentar a concentração do sujeito, sua capacidade de refletir sobre cada ponto de foco diminui drasticamente. Com efeito, o sistema capitalista neoliberal utiliza dessa atenção superficial para levar o indivíduo à "oneomania", ou seja, incentivá-lo a consumir de maneira obsessiva, uma vez que ele se torna incapaz de analisar tanto a impulsividade de suas ações, quanto a real necessidade de obter aquela mercadoria. Logo, a multitarefa atual é pensada para deturpar o pensamento do corpo social, sendo usada para manipular seu comportamento em favor da formação de consumidores, os quais venham a gerar lucro para para o mecanismo vigente.

Sob essa perspectiva, a reflexão surge como alternativa para contestar antiteticamente a alienação pois, ao entrar em um estado de concentração profunda, o indivíduo se abstém da sociedade, isolando-se de possíveis influências externas que o incitem a continuar comprando. De fato, como teoriza o sociólogo Mark Fischer em sua obra "Realismo Capitalista", convergir a atenção para maximizar o raciocínio promove não apenas a desconexão do sujeito frente às lógicas mercadológicas, como possibilita sua atitude de questionamento aos dogmas do tecido social ao qual está imerso, visto que o coloca além desses pressupostos. Assim, essa atitude reflexiva promove crítica ao sistema e, por isso, foi excluída da educação.

Portanto, a multitarefa é um recurso intrínseco a mentalidade burocrática neoliberal e vem sendo ensinada desde a educação básica até a formação profissional, com o intuito de sedimentar a oneomania no corpo social. Em contrapartida, a reflexão surge como ferramenta de desalienação do sujeito, na tentativa de isentá-lo dessa mentalidade supérflua e viciante.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

A reflexão como mudança social necessária

(Título)

Em um episódio da série "Modern Family", o personagem Mitchell fica encarregado de diversas tarefas em casa e no trabalho, o que faz com que ele cometa inúmeros erros e tenha que pedir ajuda de sua irmã para resolvê-los em meio ao desespero. Na realidade atual, a educação básica e a formação profissional direcionam os indivíduos ao pensamento multitarefa, como é ilustrado na série. Entretanto, essa variedade de ações prejudica a sociedade como um todo, sendo a reflexão a modificação necessária para uma humanidade mais saudável e efetiva.

Deserto, a multitarefa presenciamos na contemporaneidade, afetando os indivíduos e o funcionamento social. Isso ocorre, porque a educação básica e a formação profissional realizam pessoas dedicadas exclusivamente ao trabalho, capazes de realizar tudo o que os patrões e o sistema de ensino exigem para que possam atingir cargos elevados na sociedade, restando como sucesso. Isso é evidenciado pelo intenso ensino nas escolas para vestibulares, que exigem vastos conhecimentos variados para que os alunos possam passar essas matérias realizadas, a exemplo de Medicina, ou seja, os estudantes devem ser multitarefas para se adequarem. Nesse sentido, os indivíduos são formados com a mentalidade de que precisam fazer inúmeras ações para que alcancem o sucesso social, o que faz com que cada atividade seja realizada com menos atenção — afinal, é necessário pensar em diversas coisas ao mesmo tempo para abarcar tudo — e com que a saúde da pessoa seja prejudicada, como no "Burnout", causado pelo excesso de trabalho. Dessa maneira, a multitarefa atual afeta os indivíduos e as tarefas que realizam, semelhante ao que ocorreu com Mitchell.

Entretanto, a reflexão é capaz de modificar a situação atual, transformando o caos em um fator essencial à qualidade de vida. Tal fato acontece, pois, ao o indivíduo entrar no caos e poder pensar ao invés de agir continuamente, ele passa a ser capaz de direcionar de modo adequado sua atenção a cada tarefa e a relacionar o que é realmente necessário ser feito. Nesse contexto, com a reflexão, as pessoas conseguem ter mais tempo de lazer e podem realizar funções com mais qualidade, tornando a sociedade mais saudável e efetiva. Isso é demonstrado pelo ensino das escolas indígenas, pouco defendido, que direcionam os alunos a tarefas de utilidade no cotidiano e disponibiliza horários flexíveis a eles, fazendo com que os jovens sejam preparados para realizar o necessário com qualidade e de maneira saudável. Dessa forma, tendo tempo para refletir, dessa forma, a reflexão é revolucionária.

A educação básica e a formação profissional, portanto, realizam a multitarefa, prejudicando a sociedade como um todo. Porém, a reflexão possui o poder de alterar essa situação, fazendo com que o que ocorreu com Mitchell deixe de ser uma realidade.

A REFLEXÃO COMO MUDANÇA SOCIAL NECESSÁRIA

Em um episódio da série “Modern Family”, o personagem Mitchell fica encarregado de diversas tarefas em casa e no trabalho, o que faz com que ele cometa inúmeros erros e tenha que pedir ajuda de sua irmã para resolvê-los em meio ao desespero. Na realidade atual, a educação básica e a formação profissional direcionam os indivíduos ao pensamento multitarefa, como o ilustrado na série. Entretanto, essa variedade de ações prejudica a sociedade como um todo, sendo a reflexão a modificação necessária para uma humanidade mais saudável e efetiva.

Decerto, a multitarefa prevalece na contemporaneidade, afetando os indivíduos e o funcionamento social. Isso ocorre, porque a educação básica e a formação profissional valorizam pessoas dedicadas exclusivamente ao trabalho, capazes de realizar tudo o que os padrões e o sistema de ensino exigem para que possam atingir cargos elevados na sociedade, vistos como sucesso. Isso é evidenciado pelo intenso ensino nas escolas para vestibulares, que exigem vastos conhecimentos variados para que os alunos possam cursar carreiras valorizadas, a exemplo de Medicina, ou seja, os estudantes devem ser multitarefas para se adequarem. Nesse sentido, os indivíduos são formados com a mentalidade de que precisam fazer inúmeras ações para que alcancem o sucesso social, o que faz com que cada atividade seja realizada com menos atenção – afinal, é necessário pensar em diversas coisas ao mesmo tempo para abranger tudo – e com que a saúde das pessoas seja prejudicada, como no “Burnout”, causado pelo excesso de trabalho. Dessa maneira, a multitarefa atual afeta os indivíduos e as tarefas que realizam, semelhante ao que ocorreu com Mitchell.

Entretanto, a reflexão é capaz de modificar a situação atual, transformando o ócio em um fator essencial à qualidade de vida. Tal fato acontece, pois, ao o indivíduo entrar no ócio e poder pensar ao invés de agir continuamente, ele passa a ser capaz de direcionar de modo adequado sua atenção a cada tarefa e a selecionar o que é realmente necessário ser feito. Nesse contexto, com a reflexão, as pessoas conseguem ter mais tempo de lazer e podem realizar funções com mais qualidade, tornando a sociedade mais saudável e efetiva. Isso é demonstrado pelo ensino das escolas indígenas, pouco difundido, que direciona os alunos a tarefas de utilidade no cotidiano e disponibiliza horários flexíveis a eles, fazendo com que os jovens sejam preparados para realizar o necessário com qualidade e de maneira saudável, tendo tempo para refletir. Dessa forma, a reflexão é revolucionária.

A educação básica e a formação profissional, portanto, valorizam a multitarefa, prejudicando a sociedade como um todo. Porém, a reflexão possui o poder de alterar essa situação, fazendo com que o que ocorreu com Mitchell deixe de ser uma realidade.

A NÁUSEA E A MENORIDADE CONTEMPORÂNEAS

O poema “A flor e a náusea”, de Drummond, retrata as angústias do eu-lírico: “melancolias, mercadorias espreitam-me. Devo seguir até o enjoo?”. Através do lirismo, o eu-lírico relata como o ritmo mecanicista das cidades provoca a “náusea” nos indivíduos, que só é quebrada a partir do momento em que surge uma flor no meio do asfalto-representação da interioridade do autor. Nesse contexto, a situação retratada por Drummond dialoga, sem dúvidas, com a contemporaneidade, já que, com o capitalismo, os indivíduos foram ensinados (e manipulados) ao exercício da multitarefa, de forma a adentrar em uma dinâmica econômica selvagem e, conseqüentemente, o exercício da reflexão foi menosprezado.

Sob tal viés, a educação básica e a formação profissional são instrumentos dos detentores de poder para manipular os indivíduos a adentrar em uma dinâmica mecanicista contemporânea, de forma a manter as estruturas capitalistas. Isso ocorre porque, o sistema econômico capitalista exige a produtividade e o rigor das pessoas, de maneira que elas trabalhem para promover sua manutenção e reprodução. Dessarte, o fenômeno “Razão instrumental”, de Teodor Adorno e Max Horkheimer, surge, que é a utilização do conhecimento como forma de manipular as massas, de modo que elas reproduzam um conhecimento meramente técnico; assim, indivíduos-multitarefas são implementados como forma de promover a produtividade exigida, através da dinâmica estudo-trabalho-consumo. Sendo assim, as instituições de ensino reproduzem o pensamento dos detentores de poder, ou seja, a falácia de atingir a completude interior através da utilização do conhecimento para a ascensão social. Logo, o ensino contemporâneo, ao legitimar as estruturas de reprodução de capital, faz com que o homem, “morando entre feras, sinta a inevitável necessidade de também ser fera”.

Conseqüentemente, as instituições de ensino e formação profissional, ao pregarem um conhecimento meramente técnico, não exercem a principal função da educação e formação: a emancipação humana. Tal fato ocorre pois, as pessoas que vivem em um meio técnico-científico, não são ensinadas a lidar com seu eu interior, de maneira que perpetuam a minoridade, de Kant. Assim, a educação emocional (saber gerir os sentimentos), o lazer, a cultura, a solidariedade, o ócio e a reflexão não têm espaço dentro da dinâmica de multitarefas humana. Dessa forma, a sociedade passa a viver uma crise de identidade, uma vez que a reflexão e a criticidade não são estimulados pelas instituições de ensino e, assim, os indivíduos tornam-se meras massas de manobra de um sistema ganancioso e que pensa só nos lucros. Então, a malha social, comandada por um ensino tecnicista, não tem o hábito da reflexão e não se emancipa, já que “ninguém sabe o que quer e nem conhece a alma que tem”, como denunciado por Fernando Pessoa, em “Mensagem”.

Portanto, o ensino básico e a formação profissional são instrumentos dos detentores de poder para manipular as pessoas a adentrarem uma dinâmica capitalista mecanicista cujo único objetivo é a reprodução de capital e, assim, transformando-as em seres multitarefas. Desse modo, um conhecimento que seja capaz de emancipar o homem e promover a reflexão e criticidade é desestimulado, de forma que a malha social torne-se uma massa de manobra nas mãos dos poderosos. Então, a “náusea” adentra as esferas sociais e a minoridade é perpetuada.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação profissionalizante: a reflexão abstrata da multitarefa

(Título)

01 Na período da Revolução Industrial, era comum ver o emprego de mão-de-obra infantil
02 nas fábricas, devido ao seu valor reduzido e à instabilidade nas máquinas. Com o passar do tempo
03 por e o avanço da sociologia, estudos comprovaram que essas crianças tiveram seu desenvol-
04 vimento prejudicado, uma vez que a educação básica foi substituída pela inserção no mercado
05 de trabalho. Atualmente, esse prejuízo em sua formação o tornaria impróprio ao trabalho, o
06 que a condenaria ao desemprego e à instabilidade. Dessa forma, o mundo capitalista contém
07 fenômenos criou um paradoxo, no qual se celebra a educação básica e profissionalizante,
08 mas é negada a oportunidade de exercê-las devido à sobrecarga da multitarefa sobre a refle-
09 ções

10 Tanto a formação básica quanto a profissional dependem da capacidade reflexiva. De
11 fato, tornar-se um cidadão ou um especialista que qualque área, respectivamente, demanda
12 de pensamento crítico e tomada de decisões. Na Grécia Antiga, a filosofia se originou da éris
13 ou seja, os homens capazes de refletir e tomar decisões sobre a pólis eram os sábios. Nesse ca-
14 so, a que lhes permitiu ^{responder} ~~responder~~ fazer a cidadania, atualmente, deveria ser permitida por meio
15 e das férias escolares e trabalhadas. Se percebe-se, o ato de reflexão depende da pausa, do
16 tempo parado ou da "unitarefa", pois demanda de raciocínio lógico e imaginação.

17 Entretanto, o sistema capitalista atual não quer um proletariado pensante, mas alienado, pre-
18 so à multitarefa incessante. Certamente, um trabalhador sem tempo ou capacidade para re-
19 fletir é mais produtivo do que aquele que questiona uma ordem ou reflete cada uma de suas
20 ações. Na sociedade do desempenho, definida pelo filósofo Byung-Chul Han, o valor de um pro-
21 fissional está em sua performance, de forma que sua capacidade reflexiva não seja nada a
22 lém de um impedimento à execução de múltiplos afazeres simultâneos. Dessa modo, apesar de o
23 mercado de trabalho buscar profissionais com formação acadêmica ou profissionalizante, o
24 indivíduo não é incentivado a utilizá-la, pois espera-se que este trabalhe de forma alienada,
25 produzindo o máximo possível, sem ócio ou pensamento crítico.

26 Portanto, o mundo capitalista contemporâneo criou um paradoxo, no qual o mercado de traba-
27 lho celebra a educação básica e profissionalizante, adquiridas através do pensamento crítico e refle-
28 xivo, mas nega a oportunidade de exercê-las devido à sobrecarga da multitarefa sobre a refle-
29 ção, reduzindo o trabalhador a um mero alienado sem tempo para a éris. Por fim, a sociedade
30 permanece presa na fábrica com condições para o seu próprio desenvolvimento.

EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: A REFLEXÃO ABAIXO DA MULTITAREFA

No período da Revolução Industrial, era comum ver o emprego de mão-de-obra infantil nas fábricas, devido ao seu valor reduzido e habilidade nas máquinas. Com o passar do tempo e o avanço da sociologia, estudos comprovaram que essas crianças tiveram seu desenvolvimento prejudicado, uma vez que a educação básica foi substituída pela inserção no mercado de trabalho. Atualmente, esse prejuízo em sua formação a tornaria inapta ao trabalho, o que a condenaria ao desemprego e à instabilidade. Dessa forma, o mundo capitalista contemporâneo criou um paradoxo, no qual se é cobrada a educação básica e profissionalizante, mas é negada a oportunidade de exercê-las devido a valorização da multitarefa sobre a reflexão.

Tanto a formação básica quanto a profissional dependem da capacidade reflexiva. De fato tornar-se um cidadão ou um especialista que qualquer área, respectivamente, demandando de pensamento crítico e tomada de decisões. Na Grécia Antiga, a filosofia se originou do ócio, ou seja, os homens capazes de refletir e tomar decisões sobre a pólis eram ociosos. Nesse caso, o que lhes permitiu o repouso fora a escravidão, atualmente, deveria ser permitido por meio das férias escolares e trabalhistas. Nesse sentido, o ato de reflexão depende da pausa, do tempo parado ou da "unitarefa", pois demanda de raciocínio lógico imaginação.

Entretanto, o sistema capitalista atual não quer um proletariado pensante, mas alienado preso à multi-tarefa incessante. Certamente um trabalhador sem tempo ou capacidade para refletir é mais produtivo do que aquele que questiona uma ordem ou reflete cada uma de suas ações. Na sociedade do desempenho, definida pelo filósofo subia Byung-Chul Han o valor de um profissional está em sua performance, de forma que sua capacidade reflexiva não seja nada além de um empecilho à execução de múltiplos afazeres simultâneos. Desse modo, apesar de o mercado de trabalho buscar profissionais com formação acadêmica ou profissionalizante, o indivíduo não é incentivado a utilizá-las, pois espera-se que este trabalhe de forma alienada, produzindo o máximo possível sem ócio ou pensamento crítico.

Portanto, mundo capitalista contemporâneo criou um paradoxo, no qual o mercado de trabalho cobra a educação básica e profissionalizante, adquiridos através do pensamento crítico e reflexivo, mas nega a oportunidade de exercê-los devido à valorização da multitarefa sobre reflexão, reduzindo o trabalhador a um mero alienado sem tempo para o ócio. Por fim, a sociedade permanece presa na fábrica sem condições para o seu próprio desenvolvimento.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação industrial

(Título)

01 Na música "Another Brick in the Wall", é criticado o ensino mecanicista, ^{que} ~~adota~~ ^{dá} o controle
 02 do pensamento para um objetivo: a padronização. Em uma movimentação semelhante, a educação básica,
 03 cujo objetivo deveria ser formar cidadãos sociais com habilidades socioemocionais, produz profissionais sob o
 04 molde do mercado globalizado, capazes de realizar inúmeras tarefas. Como consequência dessa educação industrial
 05 uniforme, o ser humano reflexivo é substituído por um ser-máquina.

06 A formação de indivíduos na educação básica segue requisitos padronizados, que ignoram o desen-
 07 volvimento infantil. Nesse sentido, a globalização, que integrou economias e povos de países distintos, tornou em-
 08 gente a necessidade de conhecimentos técnicos e de uma língua padrão: o inglês. Em conformidade, na sociedade
 09 moderna, nota-se a manifestação de beldades bilíngues para crianças. Esse fenômeno denunciar a adequação ao pa-
 10 drão econômica, de modo que aulas técnicas, como de japonês ou artes, essenciais para o desenvolvimento infantil,
 11 sensorial, ~~em~~ socioemocional e quanto às individualidades - são substituídas por aulas técnicas, não
 12 apenas de línguas, mas de robótica, por exemplo, que traz vantagens profissionais. Então, o ser deve ser
 13 capaz de realizar inúmeras tarefas, desde os primeiros anos de ensino, que o transformam em uma máquina
 14 adequada ao mercado uniforme, porém pouco reflexiva quanto a si e aos demais seres. Assim, tem-se a ^{trans-} ~~pas-~~
 15 ^{formação} ~~transformação~~ do ensino básico em um produtor de futuros profissionais multitarefas e socioemocionalmente atreídos.

16 Com efeito, as máquinas-pensar formadas contribuirão com a perda da humanidade. Consoante
 17 ao livro "Sapiens", a espécie humana tem seu sucesso evolutivo atribuído à capacidade de socialização, for-
 18 mação de vínculos e criação de histórias. A título de comparação, a roda, atividade comum na educação
 19 básica, ensina o indivíduo a participar em atividades coletivas, ter paciência ^{ou} ~~ou~~ ouvir os integrantes e,
 20 assim, desenvolver habilidades socioemocionais que o tornam reflexivo e com consciência de grupo, caracte-
 21 rísticas essenciais à humanidade. Ao ignorar o desenvolvimento individual ^o ~~o~~ ensino técnico, no entanto, ~~em~~
 22 contraria o fator relacionado ao sucesso da espécie, ^{interrompe} ~~interrompe~~ ^{que} ~~interrompe~~ ^{que} não comparado à produção de um
 23 profissional uniforme condizente às necessidades de mercado. Logo, a educação básica industrial prefere
 24 a ^{criação} ~~produção~~ de um ser multitarefas a um ser humano. ^o ~~o~~ proporcionado em atividades como a roda,

25 Dessarte, em decorrência do estapelo da economia globalizada para o formato de educa-
 26 ção básica, tem-se a substituição da reflexão ^{em} ~~em~~ multitarefas, de maneira a contribuir com o declínio
 27 da humanidade. Portanto, ao passo que aproxima-se da indústria padronizada, como "Another
 28 Brick in the Wall", a educação deixa de ser como na roda e a espécie humana caminha para a
 29 extinção, ^{desestimula} ~~desestimula~~ o desenvolvimento de habilidades que, segundo Sapiens, garantiam o sucesso.

EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

Na música "Another brick in the wall", é criticado o ensino mecanicista, que visa o controle do pensamento para um objetivo: a padronização. Em uma movimentação semelhante, a educação básica, cujo objetivo deveria ser formar cidadãos sociais com habilidades socioemocionais, produz profissionais sob o molde do mercado globalizado, capazes de realizar inúmeras tarefas. Como consequência dessa educação industrial uniforme, o ser humano reflexivo é substituído por um ser-máquina.

A formação de indivíduos na educação básica segue requisitos padronizados, que ignoram o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a globalização, que integrou economias e pessoas de países distintos, tornou emergente a necessidade de conhecimentos técnicos e de uma língua padrão: o inglês. Em conformidade, na sociedade hodierna, nota-se a manifestação de escolas bilíngues para crianças. Esse fenômeno denuncia a adequação ao padrão econômico, de modo que aulas básicas - como de jogos ou artes, essenciais para o desenvolvimento infantil, sensorial, socioemocional e quanto às individualidades - são substituídas por aulas técnicas, não apenas de línguas, mas de robótica, por exemplo, que trarão vantagens profissionais. Então, o ser deve ser capaz de realizar inúmeras tarefas, desde os primeiros anos de ensino, que o transformarão em uma máquina adequada ao mercado uniforme, porém pouco reflexiva quanto a si e aos demais seres. Assim, tem-se a transformação do ensino básico em um produtor de futuros profissionais multitarefas e socioemocionalmente alheios.

Com efeito, as máquinas-pessoas formadas contribuirão com a perda da humanidade. Consoante ao livro "Sapiens", a espécie humana tem seu sucesso evolutivo atrelado à capacidade de socialização, formação de vínculos e criação de histórias. A título de comparação, a roda, atividade comum na educação básica, ensina o indivíduo a participar em atividades coletivas, ter paciência ao ouvir os integrantes e, assim, desenvolver habilidades socioemocionais que o tomarão reflexivo e com consciência de grupo, características inerentes à humanidade. Ao ignorar o desenvolvimento individual, proporcionado em atividades de roda, o ensino técnico, no entanto, contraria o fator relacionado ao sucesso da espécie, inferiorizado quando comparado à produção de um profissional uniforme condizente às necessidades de mercado. Logo, a educação básica industrial prefere a criação de um ser multitarefas a um ser humano.

Dessarte, em decorrência do extrapolamento da economia globalizada para o formato de educação básica, tem-se a substituição de reflexão por multitarefas, de maneira a contribuir com o decréscimo da humanidade. Portanto, ao passo que aproxima-se da indústria globalizada, como "Another brick in the wall", a educação deixa de ser como na roda e a espécie humana caminha para a extinção, ao desestimular o desenvolvimento de habilidades que, segundo Sapiens, garantiram o sucesso.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação multitarefária, um mecanismo de elitização do senso crítico

(Título)

01 No filme "Escolha da liberdade", uma professora que trabalha em uma escola situada em um bairro carente
 02 procura relacionar a educação com a realidade de seus alunos. Assim, para além do conteúdo normativo, ela promove
 03 atividades que estimulam a criatividade e a reflexão daquelas jovens, de modo que, ao fim, entrega-lhes não só uma
 04 formação, mas também o senso crítico para que analisem ativamente o mundo em que vivem. A atitude da educadora
 05 é, contudo, uma exceção, pois, dentro da ordem neoliberal capitalista em que vivemos, a educação básica tem por
 06 objetivo primordial a capacitação da mão de obra. Logo, percebe-se na sociedade contemporânea o uso do en-
 07 sino como instrumento perpetuador da hierarquia de poder, uma vez que, ao priorizar a formação profissional
 08 multitarefária, torna a reflexão um privilégio.

09 De início, é importante destacar que a estrutura típica de ensino escolar contribui para a criação
 10 de uma mentalidade que ancora o sucesso no domínio de conhecimentos técnicos e da capacidade produtiva,
 11 ou seja, à qualificação profissional. Fato é que a submissão dos alunos à fronteiras regradas, e a exigência
 12 constante de desempenhos elevados frente a tarefas variadas, promova neles a internalização de uma cultura
 13 de produtividade exaustiva, típica do mundo trabalhista. Desse modo, em meio à pressão exercida por
 14 diversos trabalhos e provas exaustivas, pouco se estimula a contemplação do mundo e reflexão essenciais
 15 à formação de cidadãos críticos e ativos na sociedade, cria-se apenas uma massa de mão de obra. Pre-
 16 vale ainda é a hipervalorização de matérias de cunho técnico, como a matemática, em detrimento da desva-
 17 lorização de matérias reflexivas, como a filosofia e a sociologia, no universo acadêmico. Tal pretensão deonda
 18 um projeto de manipulação social, de forma que, sem senso crítico, as gerações futuras não cuíquem o poder atual.

19 Em decorrência desse cenário, nota-se a elitização do tempo ocioso e contemplativo, já que,
 20 apesar de crucial para a reflexão, não faz parte da realidade das classes menos abastadas. Isso
 21 é, para a população carente, o tempo destinado ao ensino é muitas vezes consiliado com o
 22 trabalho para ajudar na subsistência da família. Enquanto isso, nas famílias pertencentes à
 23 elite dominante, as crianças e adolescentes têm o privilégio do tempo ocioso, o que lhes per-
 24 mite exercer a criatividade e desfrutar de momentos de lazer, ambos favoráveis à reflexão.
 25 Desse modo, sem a imersão de um ensino que estimule o desenvolvimento do senso crítico nas
 26 escolas, a população pobre será apartada da reflexão e, alienada, permitirá a elite crítica a perpetuação do poder.

27 Portanto, evidencia-se o enfoque multitarefário, pautado na formação profissional, que
 28 nega a educação básica como um mecanismo de manutenção da hierarquia social. Isso porque a falta
 29 da reflexão nas escolas limita a mentalidade das crianças, de modo que somente aquelas
 30 com o privilégio do ócio, fora de tal ambiente, recebem estímulo para desenvolver um senso crítico.

EDUCAÇÃO MULTITAREFÁRIA, UM MECANISMO DE ELITIZAÇÃO DO SENSO CRÍTICO

No filme “Escritores da liberdade”, uma professora que leciona em uma escola situada em um bairro carente procura relacionar a educação com a realidade de seus alunos. Assim, para além do conteúdo normativo, ela promove atividades que estimulam a criatividade e a reflexão daqueles jovens, de modo que, ao fim, entrega-lhes não só uma formação, mas também o senso crítico para que analisem ativamente o mundo em que vivem. A atitude da educadora é, contudo, uma exceção pois, dentro da ordem neoliberal capitalista em que vivemos, a educação básica tem por objetivo primordial a capacitação da mão de obra. Logo, percebe-se na sociedade contemporânea o uso do ensino como instrumento perpetuador da hierarquia de poder, uma vez que, ao priorizar a formação profissional multitarefária, torna a reflexão um privilégio.

De início, é importante destacar que a estrutura típica de ensino escolar contribui para a criação de uma mentalidade que associa o sucesso ao domínio de conhecimentos técnicos e a capacidade produtiva, ou seja, à qualificação profissional. Fato é que a submissão dos alunos a horários regradados, e a exigência constante de desempenhos elevados frente à tarefas variadas, provoca neles a internalização de uma cultura de produtividade exaustiva, típica do mundo trabalhista. Desse modo, em meio à pressão gerada por diversos trabalhos e provas escolares, pouco se estimula a contemplação de mundo e reflexão essenciais à formação de cidadãos críticos e ativos na sociedade, cria-se apenas uma massa de mão de obra. Prova disso é a hipervalorização de matérias de cunho técnico, como matemática, em detrimento da desvalorização de matérias reflexivas, como a filosofia e a sociologia, no universo acadêmico. Tal preterição desnuda um projeto de massificação social, de forma que, sem senso crítico, as gerações futuras não critiquem o poder atual.

Em decorrência desse cenário, nota-se a elitização do tempo ocioso e contemplativo, já que, apesar de crucial para a reflexão, não faz parte da realidade das classes menos abastadas. Isto é, para a população carente, o tempo destinado ao ensino é muitas vezes conciliado com o trabalho para ajudar na subsistência da família. Enquanto isso, nas famílias pertencentes à elite dominante, as crianças e adolescentes têm o privilégio do tempo ocioso, o que lhes permite exercer a criatividade e desfrutar de momentos de lazer, ambos favoráveis à reflexão. Desse modo, sem a inserção de um ensino que estimule o desenvolvimento do senso crítico nas escolas, a população pobre será apertada da reflexão e, alienadas, permitirá à elite crítica a perpetuação no poder.

Portanto, evidencia-se o enfoque multitarefário, pautado na formação profissional, que rege a educação básica como um mecanismo de manutenção da hierarquia social. Isso porque a falta de reflexão nas escolas limita a mentalidade das crianças, de modo que somente aquelas com o privilégio do ócio, fora de tal ambiente, recebem estímulo para desenvolver um senso crítico.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação básica instrumento de profissionalização produtiva e inserção
(Título)

EDUCAÇÃO BANCÁRIA: INSTRUMENTO DE PROFISSIONALIZAÇÃO PRODUTIVA IRREFLEXIVA

Em sua obra “Ética protestante e o espírito do capitalismo”, Max Weber aponta como os princípios calvinistas de valorização do trabalho contribuíram para o desenvolvimento do sistema capitalista, guiado pela lógica do negócio - epistemologicamente, negação do ócio. Hodiernamente, em um contexto de capitalismo neoliberal já não subordinado à religiosidade, a exaltação da atividade laboral se dá pelo fomento à formação de trabalhadores adaptados à dinâmica da multitarefa e dispostos a se dedicarem quase integralmente ao trabalho, de modo que seu tempo de ócio, fundamental para a reflexão, torna-se escasso. A educação básica mostra-se, então, um elemento basilar para a formação profissional segundo esse ideal, estando dominada por metodologias bancárias e pela ideologia do desempenho.

“A priori”, vê-se, na sociedade, o enraizamento de um modelo de ensino puramente utilitarista, que negligencia aspectos sociais e subjetivos. Tal sistema, herdeiro de diretrizes positivistas que encaram a aprendizagem como meio de construção de um indivíduo apto ao mercado de trabalho, é descrito pelo pedagogo Paulo Freire como “Educação Bancária”, por tratar o aluno como mero receptor do depósito de informações úteis. Dessa forma, no ciclo básico, o estudante adquire conhecimentos de diversas áreas que o permitirão exercer uma multiplicidade de tarefas na estrutura capitalista, sem, entretanto, ter suas dimensões ética e crítica estimuladas e sua reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo incitadas. A inserção nesse modelo, em que componentes como “Educação política” e “Interioridade” não têm lugar, é o prefácio para a formação de um profissional alienado de si mesmo e dos que o rodeiam, com o tempo de vida direcionado ao labor.

Ademais, a incitação excessiva ao desempenho subordina a sociedade e o meio educacional aos interesses do capital. Nessa perspectiva, no livro “Sociedade do cansaço”, o filósofo Byung-Chul Han aponta que o neoliberalismo atua ideologicamente para suscitar nas pessoas uma busca incessante pela produtividade, prometida como o caminho para alcançar o sucesso pessoal e profissional. Esse ideal, além de penetrar nas já desumanizadoras metodologias de ensino, levando à sobrecarga física, intelectual e mental dos estudantes – que sofrem com o “cansaço” -, é capaz também de influenciar as políticas no campo educacional: exemplo disso é a aplicação do “Novo Ensino Médio”, que determina o aumento da carga horária e do enfoque no ensino técnico, enquanto suprime o tempo destinado a disciplinas que incentivam o pensamento crítico e autônomo dos estudantes, como filosofia e sociologia. Assim, exaustos demais para refletir sobre a sociedade e para questionar suas estruturas e convencidos de que o máximo desempenho em suas tarefas irá beneficiá-los, os discentes, futuros profissionais, moldam-se como perfeitas engrenagens da máquina neoliberal que os explora.

Portanto, é evidente como a educação básica foi instrumentalizada para engendrar profissionais aptos para a multitarefa – seja pela miríade de conhecimentos “úteis” acumulados, seja pela assimilação do ideal do desempenho – e inaptos para a reflexão – por falta de fomento ou de tempo ocioso. Desse modo, cria-se um exército de trabalhadores-máquina, desumanizados, acríticos e diversificadamente disponíveis para as demandas do mercado: o paraíso para o espírito capitalista de um mundo já desencantado.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Escola, trabalho e cansaço.

(Título)

01 O sociólogo Émile Durkheim destaca a escola como uma das primeiras institui-
 02 ções a socializar os indivíduos. Nesse sentido, o ambiente escolar é responsável
 03 por muitos comportamentos sociais ^{na} da vida adulta. Além disso, a escola é, também,
 04 um reflexo dos valores ^{da} de uma sociedade. Atualmente, o pensamento neoliberal
 05 causa uma supervalorização da formação profissional multifuncional, o que se
 06 ~~reflete~~ reflete na construção do ambiente escolar, marcado pela ausência de refle-
 07 xão. Como consequência, cresce o número de adultos exaustos e infelizes.

08 Primeiramente, é necessário destacar que a escola é um microcosmo da
 09 sociedade, reproduzindo seus valores. Na Grécia Antiga, o trabalho era considerado uma
 10 atividade degradante, de forma que os filósofos consideravam o ocio essencial
 11 à atividade reflexiva e ao bem-estar. Hoje, há uma supervalorização do trabalho e
 12 uma subvalorização do descanso, cenário que leva a educação básica a focar so-
 13 mente em habilidades técnicas. Isso ocorre devido a um mercado de trabalho que busca
 14 profissionais capazes de executar múltiplas tarefas e descansar o mínimo possível. Dessa for-
 15 ma, a escola passa a ser um ambiente marcado por ^{raros} momentos de ocio, niquel controle
 16 disciplinar e atividades que exigem pausa - ou, melhor, reflexão. Logo, por ser uma amostra
 17 da sociedade, a educação básica valoriza habilidades técnicas e eficiência e exercicio reflexivo.

18 Consequentemente, tem-se adultos cansados e insatisfeitos. A sociedade contempo-
 19 rânea é definida pelo filósofo Byung-Chul Han como a "sociedade do cansaço", na
 20 qual os indivíduos estão cada vez mais obcecados pelo desempenho no trabalho.
 21 Essa busca pela produtividade faz com que os trabalhadores estejam em constante estado
 22 de alerta, mesmo durante as férias, por exemplo, ficam atentos a possíveis demandas de
 23 trabalho, que chegam pelo celular. Entretanto, o desempenho cada vez maior não traz a
 24 satisfação esperada, levando à exaustão e a um sentimento de ausência de propósito.
 25 Assim, a "sociedade do cansaço", com a constante cobrança pela produtividade e ^a ausência
 26 de descanso, gera indivíduos infelizes.

27 Em suma, a escola é formada pela sociedade e é, também, ^{Uma amostra} reflexo dela.
 28 Nesse contexto, o ambiente escolar se torna um espaço para a vida profissional multi-
 29 funcional e deixa de lado a atividade reflexiva. Como consequência, tem-se indivíduos
 30 cansados e insatisfeitos.

ESCOLA, TRABALHO E CANSAÇO

O sociólogo Émile Durkheim destaca a escola como uma das primeiras instituições a socializar os indivíduos. Nesse sentido, o ambiente escolar é responsável por muitos comportamentos sociais na vida adulta. Além disso, a escola é, também, um reflexo dos valores da sociedade. Atualmente, o pensamento neoliberal causa uma supervalorização da formação profissional multitarefas, o que reflete-se na construção do ambiente escolar, marcado pela ausência de reflexão. Como consequência, cresce o número de adultos exaustos e infelizes.

Primeiramente, é necessário destacar que a escola é um microcosmo da sociedade, reproduzindo seus valores. Na Grécia Antiga, o trabalho era considerado uma atividade degradante, de forma que os filósofos consideravam o ócio essencial à atividade reflexiva e ao ensino. Hoje, há uma supervalorização do trabalho e uma subvalorização do descanso, cenário que leva a educação básica a focar somente em habilidades técnicas. Isso ocorre devido a um mercado de trabalho que busca profissionais capazes de executar múltiplas tarefas e descansar o mínimo possível. Dessa forma, a escola passa a ser um ambiente marcado por raros momentos de ócio, rígido controle disciplinar e atividades que exigem pouca – ou nenhuma – reflexão. Logo, por ser uma amostra da sociedade, a educação básica valoriza habilidades técnicas e negligencia o exercício reflexivo.

Consequentemente, tem-se adultos cansados e insatisfeitos. A sociedade contemporânea é definida pelo filósofo Byung-Chul Han como a “sociedade do cansaço”, na qual os indivíduos estão cada vez mais obcecados pelo desempenho no trabalho. Essa busca pela produtividade faz com que os trabalhadores estejam em constante estado de alerta, mesmo durante as férias, por exemplo, ficam atentos a possíveis demandas do trabalho, que chegam pelo celular. Entretanto, o desempenho cada vez maior não traz a satisfação esperada, levando à exaustão e a um sentimento de ausência de propósito. Assim, a “sociedade do cansaço”, com a constante cobrança pela produtividade e a ausência de descanso, gera indivíduos infelizes.

Em suma, a escola é formadora da sociedade e é, também, uma amostra dela. Nesse contexto, o ambiente escolar se torna um preparo para a vida profissional multitarefas e deixa de lado a atividade reflexiva. Como consequência, tem-se indivíduos cansados e insatisfeitos.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Estar Alegre na Reflexão

(Título)

01 "O importante é estar alegre, mesmo com tudo que acontece acontecendo". Esse trecho de uma
 02 "Carta Geral", de Guimarães Rosa, expressa um dos ensinamentos de Dito ao irmão Aquilino, du-
 03 rante os momentos de diálogo e reflexão nos horas de lazer, o que fortaleceu o protagonista na
 04 jornada pelo amadurecimento pessoal. Então, a reflexão dos irmãos se aplica ao contexto contem-
 05 porâneo da educação básica e formação profissional, sobre os quais muitos têm sido ditados: ^{que} ~~que~~
 06 trata-se a validade dos múltiplos em oposição à reflexão - como a espera na obra modernista -
 07 na dimensão individual. Nesse cenário, entende-se a centralidade da reflexão, a qual
 08 impede o crescimento da sociedade de desempenho e da desinformação.

09 Simultaneamente, constata-se que a capacidade de reflexão impede que a sociedade de desempe-
 10 nho se desmanche. Isso porque, segundo Byung-Chul Han, vive-se a ideal da maximização da
 11 produtividade, o qual pauta o ritmo de rumos na melhor ~~performance~~ ^{performance}, mas pessoas
 12 que têm a rotina mais multiplicada e cheia. Por exemplo, as mudanças das famílias atuais
 13 são frequentes, desde muito tempo, na participação de aulas de idiomas, de inglês, de dança, de teatro,
 14 o que acaba na exclusão ou redução drástica de momentos exercidos à infância, como os horas de
 15 filmes, dos jogos de futebol ou das brincadeiras. Nessa perspectiva, os pequenos vivem-se ~~multitun-~~
 16 cionais, mas alienados, porquanto não têm tempo para refletir e dialogar e com outros de modo
 17 espontâneo e descompromisso, ~~isso~~ exigindo de diversos males, como a solidão e depressão. Nesse
 18 sentido, a reflexão constitui-se como fundamental, porquanto permite a socialização mais pro-
 19 funda entre os sujeitos. Dessa forma, há a exclusão da ideia do máximo desempenho, o que qu-
 20 anta o desenvolvimento real da sociedade na educação dos indivíduos.

21 Além disso, vê-se que a desinformação é agravada pelo tempo de reflexão. Tal relação
 22 deriva-se do fato de que o pensamento reflexivo permite capacidade de distinguir a verdade ^{da} ~~da~~
 23 mentira e a validade e aquilo que é "falso". Por exemplo, é durante uma educação pontual
 24 no cenário social, ^{há a presença do} ~~há a presença do~~ heterogeneidade do outro, do modo e impede discussões
 25 de ódio ou bullying nos ambientes escolares e universitários, o que fortalece a permanen-
 26 cia de preconceitos e informações erradas. Dessa maneira, ~~se~~ ^{note-se} que discussões impor-
 27 tes são baseadas pela reflexão crítica.

28 Portanto, entende-se que a educação básica e a formação profissional devem ser funda-
 29 mentadas na reflexão, para que indivíduos que não se submetem ao máximo desempenho e à
 30 desinformação sejam desenvolvidos. Assim, o ensinamento de Dito a Aquilino será real.

ESTAR ALEGRE NA REFLEXÃO

“O importante é estar alegre, mesmo com tudo que acontece acontecendo”. Esse trecho do livro “Campo Geral”, de Guimarães Rosa, expressa um dos ensinamentos de Dito ao irmão Miguilim, durante os momentos de diálogo e reflexão nas horas de lazer, o que fortaleceu o protagonista na passagem pelo amadurecimento pessoal. Então, a vivência dos irmãos se aplica ao contexto contemporâneo de educação básica e formação profissional, sobre as quais muito tem sido debatido: questiona-se a validade da multitarefa em oposição à reflexão- como a exposta na obra modernista- no desenvolvimento individual. Nesse cenário, entende-se a centralidade da reflexão, a qual impede o crescimento da sociedade do desempenho e da desinformação.

Primeiramente, constata-se que a capacidade de reflexão impede que a sociedade do desempenho se desenvolva. Isso porque, segundo Byung-Chul Han, vive-se o ideal da maximização da produtividade, o qual pauta o senso de sucesso na melhor performance, na pessoa que tem a rotina mais multifacetada e cheia. Por exemplo, as crianças das famílias atuais são forçadas, desde muito jovens, a participarem de aulas de kumon, de inglês, de reforço escolar, o que acaba na exclusão ou redução drástica de momentos essenciais à infância, como as horas, do jogo de futebol ou dos brinquedos. Nessa perspectiva, os pequenos tornam-se multifuncionais, mas alienados, porquanto não têm tempo para refletir e dialogar com outros de modo espontâneo e descompromissado, originando diversos males, como ansiedade e depressão. Nesse sentido, a reflexão constitui-se como fundamental, porquanto permite a socialização mais profunda entre os sujeitos. Dessa forma, há a exclusão da ideia do máximo desempenho, o que garante o desenvolvimento real da sociedade na educação dos indivíduos.

Além disso, vê-se que a desinformação é amenizada pelos tempos de reflexão. Tal relação deve-se ao fato de que o pensamento reflexivo promove a capacidade de distinguir a verdade e mentira, a realidade e aquilo que é “fake”. Por exemplo, durante uma educação pautada no convívio social, há a percepção da heterogeneidade do outro, de modo a impedir discursos de ódio ou “bullying” nos âmbitos escolar e universitário, o que obstrui a permanência de preconceitos e informações erradas. Dessa maneira, nota-se que discursos enganosos são barrados pela reflexão crítica.

Portanto, entende-se que a Educação básica e a formação profissional devem ser fundamentadas na reflexão, para que indivíduos que não se submetem ao máximo desempenho e à desinformação sejam desenvolvidos. Assim, a vivência reflexiva de Dito e Miguilim será real.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

O papel do escola na subordinação mental ao Neoliberalismo (Título)

01 No livro "Angústia", de Graciliano Ramos, é retratada a vida de Luís da Silva, pro-
02 tagonista que, devido às intensas rotinas vividas na cidade e com outras personagens
03 da obra, constantemente se desconecta da realidade e questiona sua estabilidade
04 mental no mundo que vive. Nesse contexto, a questão da educação básica e do forma-
05 ção profissional atuais serem pautadas mais na reflexão ou na habilidade de
06 multitarefa do indivíduo entra em debate. Contudo, visto o sistema econômico vigente
07 e a configuração das ensino nas escolas, constata-se que os seres humanos são
08 educados para a competição e multitarefa, e não a reflexão.

09 De início, é válido apontar que as instituições escolares, dentro do dinamismo social,
10 são treinadas para formar seus alunos para o mercado de trabalho e pouco insti-
11 gam-os a fomentar seu pensamento crítico. Camoante à tese elaborada pelo edu-
12 cador de grande renome Paulo Freire - "A Educação Bancária" -, os professores, den-
13 tro do ambiente escolar, tratam a relação docente-discente como um empréstimo
14 de banco, apenas "emprestando-lhes" informações de suas áreas sem instigá-los à a-
15 nálise crítica e produção de conhecimentos científicos. Ao fim dessa dinâmica, são
16 extraídos trabalhadores pouco politizados que aderem ao mercado de traba-
17 lho reduzidos ^{apenas à} mãos-de-obra.

18 Por conseguinte, é pertinente afirmar que o sistema Neoliberal supervaloriza a co-
19 pacidade de multitarefa na formação de seus trabalhadores em detrimento do fe-
20 mento à reflexão social como forma de maximizar seus níveis de produção e co-
21 ler a subordinação às suas demandas. Conforme postula o pensador multidiscipli-
22 nar Pierre Dardot, o Neoliberalismo, como doutrina, consegue permear na es-
23 puma pública e relativiza a instituições de valores morais, desviando-as ao próprio
24 indivíduo e instiga a competição entre ^{os próprios} ~~os próprios~~, para que esse ciclo se
25 perpetue, é necessário a manutenção de uma sociedade inerte. Dessa forma, aliada
26 a lógica do sistema educacional, evidencia-se que os seres humanos são educados
27 para a alienação e subordinação ao sistema e não à reflexão.

28 Diante, frente ao exposto, determina-se que o Neoliberalismo e a apatia
29 da Instituições escolares frente ao baixo estímulo a reflexão são fatores-chave
30 para a permanência de uma sociedade que prefere a multitarefa ao pensamento crítico.

O PAPEL DA ESCOLA NA SUBORDINAÇÃO MENTAL AO NEOLIBERALISMO

No livro "Angústia", de Graciliano Ramos, é retratada a vida de Luís da Silva, protagonista que, devido às intensas rotinas vividas na cidade e com outros personagens da obra, constantemente se desconecta da realidade e questiona sua estabilidade mental no mundo que vive. Nesse contexto, a questão da educação básica e da formação profissional atuais serem pautadas mais na reflexão ou na habilidade de multitarefa do indivíduo entra em debate. Contudo, visto o sistema econômico vigente e a configuração do ensino nas escolas, constata-se que os seres humanos são educados para a competição e multitarefa, e não a reflexão.

De início, é válido apontar que as instituições escolares, dentro da dinâmica social, são treinadas para formar seus alunos para o mercado de trabalho e pouco instigam-os a fomentar seu pensamento crítico. Consoante à tese elaborada pelo educador de grande renome Paulo Freire - "A Educação Bancária" -, os professores, dentro do ambiente escolar, tratam a relação docente-discente como um empréstimo de banco, apenas "emprestando-lhes" informações de suas áreas sem instigá-los à análise crítica e produção de conhecimento científico. Ao fim dessa dinâmica, são extraídos trabalhadores pouco politizados que adentrarão no mercado de trabalho reduzidos apenas à mão-de-obra.

Por conseguinte, é pertinente estatuar que o sistema Neoliberal supervaloriza a capacidade de multitarefa na formação de seus trabalhadores em detrimento do fomento à reflexão social como forma de maximizar seus níveis de produção e coibir a insubordinação às suas demandas. Conforme postula o pensador multidisciplinar Pierre Dardot, o Neoliberalismo, como doutrina, consegue permear na esfera pública e relativiza a instituição de valores morais, dos cuidados ao próprio indivíduo e instiga a competição entre as pessoas e, para que esse ciclo se perpetue, é necessário a manutenção de uma sociedade inerte. Dessa forma, aliado à lógica do sistema educacional, evidencia-se que os seres humanos são educados para a alienação e subordinação do sistema e não à reflexão.

Dessarte, frente ao exposto, determina-se que o Neoliberalismo e a apatia da Instituição escolar frente ao baixo estímulo à reflexão são fatores-chave para a permanência de uma sociedade que prefere a multitarefa ao pensamento crítico.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Orgulho Brasubiano

(Título)

Brás Cubas diz ao final de seus "Memórias Póstumas" que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Ao tempo e campo literário, nota-se acertada sua decisão: o Antropose, recente era geológica criada a partir da exponencial objetificação da ser humano, demonstra a superficialidade criticada no obra do Machado de Assis. O homem moldado no capitalismo neoliberal vê-se abraçado pelo imediatismo e pela máxima do lucro que o afisca de enxergar como a sociedade se tornou uma esteira mecanizada de uma fábrica fordista, padada de diferenciais, fudada a repetição. Nesse contexto, a educação resabore na mecanização social, priorizando a formação para o ~~lucro~~ ^{lucro} em detrimento ao bem estar, levando o homem a se tornar produto do seu próprio sistema.

A priori, as relações modernas perderam o convívio, na posse que se primiza a competição entre os indivíduos para o sucesso laboral. Tal realidade é desenvolvida desde a educação básica e culmina na conformação do postulado de Zygmunt Bauman, a "modernidade líquida". O sociólogo diz que as relações perderam o sentido e sem um firmamento a sociedade fica a merce dos reais capitalistas. Logo, somos moldados pelo individualismo, considerando o aflic como a máxima e o sentido da vida refletindo na instituição da escola, onde o tempo destinado ao ócio se torna um treinamento laboral. Isso gera uma exclusão entre o tempo livre, as artes e a cultura fica resguardado a uma pequena parcela da sociedade, e a maioria se torna engrenagens que mantem a esteira social funcionando.

Faz-se mister, ainda, solicitar o requisito da multitarefa como uma contradição. Consoante à Teoria do Habitus, elaborada por Pierre Bourdieu, a sociedade possui padrões que são impostos, naturalizados e, posteriormente, reproduzidos pelos indivíduos. Sob esse prisma, a realização de variadas tarefas se tornou requisito e está refletindo no cansaço da sociedade, o método fordista leva ao consumismo como combustível, mas a falta de descanso e tempo de qualidade enfraquece o próprio motor. Logo, a saúde mental se torna uma preceito na seleção dos mais aptos, ao vender o bem-estar ^{quântico} poder de compra, mesmo adquirindo um burnout de brinde.

Evidencia-se, à luz do exposto, que o tempo de ócio tornou-se mercadoria, desde o início do desenvolvimento somos influenciados a adotar uma postura multifuncional voltada ao trabalho. Ademais, tal comportamento reflete no cansaço experimentado pela sociedade e na quebra do equilíbrio e bem estar social. Assim, faz-se necessário uma mudança no modelo de funcionamento social, a esteira do consumismo deve se tornar um parque calmo possibilitando o uso do tempo livre para multitarefas não laborais, conscientemente criando um legado onde Brás Cubas pudesse se orgulhar.

ORGULHO BRASCUBIANO

Brás Cubas diz ao final de suas “Memórias Póstumas” que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Ao transpor o campo literário, nota-se acertada sua decisão: o Antropoceno, recente era geológica criada a partir da exponencial objetificação do ser humano, demonstra a superficialidade criticada na obra de Machado de Assis. O homem moldado no capitalismo neoliberal vê-se abraçado pelo individualismo e pela máxima do lucro que o ofusca de enxergar como a sociedade se tornou uma esteira mecânica de uma fábrica fordista, podada de diferenciais, fadada a repetição. Nesse contexto, a educação corrobora na mecanização social, priorizando a formação pra o lucro em detrimento ao bem estar, levando o homem a se tornar produto do seu próprio sistema.

A priori, as relações hodiernas perderam o convívio, ao passo que se prioriza a competição entre os indivíduos para o sucesso laboral. Tal realidade é desenvolvida desde a educação básica e colabora na confirmação do postulado de Zygmunt Bauman, a “modernidade líquida”. O sociólogo diz que as relações perderam o sentido e sem um firmamento a sociedade dos reais capitalistas. Logo, somos moldados pelo individualismo, considerando o ofício como a máxima e o sentido da vida refletindo na instituição da escola, onde o tempo destinado ao ócio se torna um treinamento laboral. Isso gera uma exclusão onde o tempo livre, as artes e a cultura ficam resguardados a uma pequena parcela da sociedade e a maioria se torna a engrenagens que mantém a esteira social funcionando.

Faz-se mister, ainda, salientar o requisito da multitarefa como uma contradição. Consoante à Teoria do Habitus, elaborada por Pierre Bourdieu, a sociedade possui padrões que são impostos, naturalizados e, posteriormente, reproduzidos pelos indivíduos. Sob esse prisma, a relação de várias tarefas se tornou requisito e está refletindo no cansaço da sociedade, o método fordista leva ao consumismo como combustível, mas a falta de descanso e tempo de qualidade enfraquece o próprio motor. Logo, a saúde mental se tornou uma peneira na seleção dos mais aptos, ao vender o bem-estar ganha-se poder de compra, mesmo ganhando um burnout de brinde.

Evidencia-se, à luz do exposto, que o tempo de ócio tornou-se mercadoria, desde o início do desenvolvimento somos influenciados a aderir uma postura multifatorial voltada ao trabalho. Ademais, tal comportamento reflete no cansaço experimentado pela sociedade e na queda da saúde e bem estar social. Assim, faz-se necessária uma mudança no modelo de funcionamento social, a esteira do consumismo deve se tornar um parque calmo possibilitando o uso do tempo livre para multitarefas não laborais, concomitantemente criando um legado onde Brás Cubas pudesse se orgulhar.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

(Título)

Na Grécia Antiga, a prática de éxis, isto é, momentos de reflexão, era de alta importância para os filósofos e permeava o conteúdo das aulas, visto que esses períodos permitiam a ascensão ao conhecimento, e dessa forma, eram amplamente utilizadas no ensino para a formação dos cidadãos. Em contrapartida, na educação brasileira, a formação profissional baseada no praxismo, isto é, a técnica de atenção, uma vez que a técnica de atenção é valorizada. No entanto, para ambos os casos, a reflexão deve ser ampliada e individualizada, pois a reflexão não contempla a profundidade da formação do ser, sendo a reflexão é fundamental para o desenvolvimento de habilidades essenciais de aprendizagem. De início, vale ressaltar sobre a prática de atenção ampla, e prática profunda no que diz respeito à formação do ser. Em sua obra Sociedade do Conhecimento, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, aborda o conceito de multitarefa, a qual consiste no desenvolvimento de atenção a muitas atividades. Embora uma prática seja um amplo foco, traz exercícios e trabalho para o desenvolvimento do ser, logo visto que impede que o indivíduo perca de forma analítica sobre o que está diante de si, pois sua atenção não é direcionada a algo específico. Assim, nota-se sobre a multitarefa há pouca profundidade na formação educacional. De forma oposta, a reflexão consiste em um instrumento indispensável para a educação dos indivíduos. O filósofo contratualista John Locke, caracterizou os seres humanos como "tábulas rasas", isto é, folhas em branco nas quais são gravadas as impressões adquiridas das experiências, as quais levam ao verdadeiro conhecimento. Nesse modo, o éxis é indispensável para o desenvolvimento do ser, pois constitui-se como um meio de ensino de atividades intrínsecas nas escolas, como exercícios de leitura e diversão, exercícios para o conhecimento racional e, consequentemente, para a adquirição de experiências que levam ao conhecimento além do intelecto lógico, conclui-se que a reflexão é fundamental na educação e na formação do ser.

Portanto, depende-se que a reflexão deve ser valorizada além da multitarefa na educação básica e formação profissional, uma vez que a ampla atenção não permite o exercício contemplativo do indivíduo, as parce que os momentos de éxis são fundamentais para que se otimizem experiências relacionadas à formação do ser.

Na Grécia Antiga, a prática do ócio, isto é, momentos de reflexão, era de suma importância para os filósofos e pensadores no contexto da pólis, visto que esses períodos permitiam a ascensão ao conhecimento, e, dessa forma, eram amplamente utilizados no ensino para a formação dos cidadãos. Em contrapartida, na educação básica e formação profissional hodierna, há pouco ócio, uma vez que a técnica de atenção em muitas tarefas é valorizada. No entanto, para âmbitos de ensino, a reflexão deve se sobressair à multitarefa, pois a ampla atenção não contempla a profundidade da formação do indivíduo, enquanto a reflexão é fundamental para o desenvolvimento de experiências essenciais do ser.

De início, vale ressaltar como a prática de atenção ampla é pouco profunda no que diz respeito à formação do ser. Em seu livro *Sociedade do Cansaço*, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, estuda o conceito de multitarefa, a qual consiste no direcionamento da atenção a muitas atividades. Embora essa prática exija um amplo foco, esse exercício é raso para o desenvolvimento do ser, haja vista que impede que o indivíduo pense de forma analítica sobre o que está diante de si, pois sua atenção não é direcionada a algo específico. Assim, nota-se como a multitarefa possui pouca profundidade na formação educacional.

De forma oposta, a reflexão consiste em um instrumento indispensável para a constituição do indivíduo. O filósofo contratualista John Locke caracteriza os seres humanos como “tabulas rasas”, isto é, folhas em branco nas quais são marcadas as impressões advindas das experiências, as quais levam ao verdadeiro conhecimento. Desse modo, o ócio é indispensável para o desenvolvimento do ser pois constitui-se como um meio de ensino de atividades extracurriculares nas escolas, como exercícios de lazer e diversão, essenciais para o convívio social, e, conseqüentemente, para o adquirir de experiências que levam ao conhecimento além do intelecto. Logo, conclui-se que a reflexão é fundamental na educação e na formação do ser.

Portanto, depreende-se que a reflexão deve ser valorizada acima da multitarefa na educação básica e formação profissional, uma vez que a ampla atenção não permite o exercício contemplativo do indivíduo, ao passo que os momentos de ócio são fundamentais para que se adquiram experiências essenciais à formação do ser.

A reflexão substituída pela multitarefa

(Título)

Em sua obra, o educador Paulo Freire conceitua e destaca as duas faces opostas do ensino: a educação bancária e a educação libertadora. Sob tal perspectiva, a libertadora privilegia a mútua troca de conhecimento reflexivo entre o professor e o aluno, já a bancária - como nas transações financeiras - é unidirecional, em que o educador apenas deposita o conhecimento no educando. Dessa forma, embora a educação básica e a formação profissional sejam fundamentais para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, a sociedade alienada no capitalismo neoliberal em que "tempo é dinheiro" paga pela multitarefa da educação bancária, processo no qual corre a humanidade e a capacidade crítica das seres sociais.

Com efeito, a educação básica e a formação profissional são basilares para o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva. A educação libertadora, nesse sentido, levanta o professor e o aluno à construção de um "meu lugar no mundo", em que a crítica social permite analisar as amarras sociais buscando a humanização. Entretanto, no contexto neoliberal, a educação bancária leva ao extremo o poder. Sob a lógica burocrática do "tempo é dinheiro" o ensino deixa de ser prático e eficiente para alimentar o mercado de trabalho com novas técnicas, sendo a matemática, a física e a química destaque na sociedade multitarefas. Tal realidade é intensificada por mecanismos como o "Escola sem partido", que, falsamente, coloca os momentos de reflexão como subversivos, fugindo aprofundar na verdade, um mecanismo alienador em que a educação se torna um simples meio de resolver problemas meramente materiais do mercado e das empresas.

Desumana, por conseguinte, tem sua capacidade crítica alienada e é desumanizada em um ciclo em que se vive apenas para trabalhar. De início, os parâmetros que moldam a qualidade de um emprego - que deveriam estar calcados na saúde física e mental - se transfiguram somente em salários e cargo. Assim, momentos contemplativos, de criatividade e de comunhão (bases da educação libertadora) são substituídos pelo trabalho multitarefa que leva a jornadas extremas de trabalho na insustentável busca por melhores salários. Nessa perspectiva, o ethos do homem contemporâneo é, puramente, o labor, em uma realidade em que se não mais se trabalha para viver, apenas vive para trabalhar, culminando na desumanização humana. Fecha-se o ciclo em que o já desumanizado não desumana mais outros que não exigem a educação libertadora, fazendo, assim, a bancária ser também o processo.

O ensino multitarefa, portanto, sobrepõe à reflexão na contemporaneidade. Em um contexto alienado no capitalismo neoliberal, o ensino multitarefa é ^{isso} uma ferramenta para impulsionar as necessidades do mercado e a reflexão, se torna cada vez mais esquecida.

A REFLEXÃO SUBSTITUÍDA PELA MULTITAREFA

Em sua obra, o educador Paulo Freire conceitua e destaca as duas formas opostas de ensino: a educação bancária e a educação libertadora. Sob tal perspectiva, a libertadora privilegia a mútua troca de conhecimento reflexivo entre o professor e o aluno, já a bancária—como nas instituições financeiras—é unidirecional, em que o educador apenas deposita o conhecimento no educando. Dessa forma, embora a educação básica e a formação profissional sejam fundamentais para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, a sociedade alicerçada no capitalismo neoliberal em que “tempo é dinheiro” preza pela multitarefa da educação bancária, processo que corrói a humanidade e a capacidade crítica dos seres sociais.

Com efeito, a educação básica e a formação profissional são basilares para o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva. A educação libertadora, nesse sentido, levaria o professor e o aluno à construção de um “meu lugar no mundo”, em que a crítica social permite analisar as amarras sociais buscando a humanização. Entretanto, no contexto neoliberal, a educação bancária visa o extremo oposto. Sob a lógica lucrativista de “tempo é dinheiro” o ensino deve ser prático e eficiente para alimentar o mercado de trabalho com novos cérebros, sendo a matemática a física e a química destaques na sociedade de multitarefas. Tal realidade é intensificada por movimentos como o “Escola sem partido”, que, falsamente, colocam os momentos de reflexão como subversivos, fazendo aprofundar, na verdade, um mecanismo alienador em que a educação se torna um simples meio de resolver problemas meramente materiais do mercado e das empresas.

O ser humano, por conseguinte, tem sua capacidade crítica alienada e é desumanizado em um ciclo em que se vive apenas para trabalhar. De início, os parâmetros que moldam a qualidade de um emprego—que deveriam estar calcados na saúde física e mental—se transfiguram somente em salário e cargo. Assim, momentos contemplativos, de ócio criativo e de convívio (bases da educação libertadora) são substituídos pelo trabalho multitarefas que leva a jornadas extremas de trabalho na incansável busca por melhores salários. Nessa perspectiva, o ethos do homem contemporâneo é, puramente, o labor, em uma realidade em que não mais se trabalha para viver, apenas se vive para trabalhar, culminando na desumanização humana. Fecha-se o ciclo em que os já desumanizados irão desumanizar outros que não exigirão a educação libertadora, fazendo, assim, a bancária ser rainha no processo.

O ensino multitarefa, portanto, sobrepõe-se à reflexão na contemporaneidade. Em um contexto alicerçado no capitalismo neoliberal, o ensino multitarefa é só uma ferramenta para suprir as necessidades do mercado e a reflexão se torna cada vez mais esquecida.

Ócio do ofício ou um ofício sem ócio?

(Título)

01 Nas Grécia Antiga, quando os trabalhos braçais eram realizados por escravos e o ca-
02 pitalismo ainda estava por se desenvolver, os cidadãos eram ávidos praticantes do ócio, no
03 qual passavam horas contemplando a realidade em que se encontravam e questionan-
04 do seu propósito nela. Ainda que tal reflexão seja essencial para enriquecer espiritua-
05 lmente a vida do indivíduo, na atualidade, a organização capitalista da sociedade
06 impede que essa prática seja difundida: o tempo ocioso não gera lucro. Dessa forma, o
07 homem é estimulado constantemente e perde sua capacidade de reflexão.

08 Inicialmente, é importante explicitar que a educação básica dos alunos é a por-
09 te de sua visão de mundo neoliberal... Isso porque, desde cedo, as crianças têm sua
10 instrução direcionada majoritariamente para a formação profissional e seu suces-
11 so é ditado por sua capacidade produtiva. Nesse cenário, o trabalho tem precedên-
12 cia sobre qualquer outra atividade e a multitarefa é uma ferramenta precisa, já
13 que permite a ampliação da produção individual. Dessa maneira, o tempo li-
14 vre é desmerecido, e a Escola, com sua rigidez de horários e disciplina, molda
15 o ser para que seja um trabalhador produtivo, não pensante.

16 Além disso, a estruturação educacional e profissional da contemporaneida-
17 de atende às demandas do sistema capitalista, no qual a alienação pessoal
18 das atividades produtivas, em sua totalidade e das distrações propiciadas pelo
19 lazer potencializam o lucro. A título de exemplo, pode-se citar as longas horas uti-
20 lizadas em linhas de produção, já normalizadas pelo horário exaustivo. Logo, a
21 reflexão sobre o que se produz e sobre as próprias relações interpessoais criadas
22 nesses espaços é coibida, já que o indivíduo é pressionado cada vez mais a
23 se distanciar para acumular mais capital.

24 Portanto, por mais que o ócio seja a chave para a introspecção e o fortaleci-
25 mento do senso de comunidade, uma vez que caracteriza a reflexão pessoal e
26 os momentos de integração entre as pessoas, em uma sociedade regida pelas re-
27 gras do Neoliberalismo não permitirá tal prática. Nessa lógica, o avesso do
28 que realizaram os ociosos pensadores gregos, o espírito reflexivo é subjugado
29 pela indústria do lucro, que prioriza o trabalho braçal.

ÓCIOS DO OFÍCIO OU UM OFÍCIO SEM ÓCIO?

Na Grécia Antiga, quando os trabalhos braçais eram realizados por escravos e o capitalismo ainda estava por se desenvolver, os cidadãos eram ávidos praticantes do ócio, no qual passavam horas contemplando a realidade em que se encontravam e questionando seu propósito nela. Ainda que tal reflexão seja essencial para enriquecer espiritualmente a vida do indivíduo, na atualidade, a organização capitalista da sociedade impede que essa prática seja difundida: o tempo ocioso não gera lucro. Dessa forma, o homem é estimulado constantemente e perde sua capacidade reflexiva.

Inicialmente, é importante explicitar que a educação básica dos alunos é a fonte de sua visão de mundo neoliberal. Isso porque, desde cedo, as crianças têm sua instrução direcionada majoritariamente para a formação profissional e seu sucesso é ditado por sua capacidade produtiva. Nesse cenário, o trabalho toma precedência sobre qualquer outra atividade e a multitarefa é uma ferramenta precisa, já que permite a ampliação da produção individual. Dessa maneira, o tempo livre é desmerecido, e a Escola, com sua rigidez de horários e disciplina, molda o ser para que seja um trabalhador produtivo, não pensante.

Além disso, a estruturação educacional e profissional da contemporaneidade atende às demandas do sistema capitalista, no qual a alienação pessoal das atividades produtivas em sua totalidade e das distrações propiciadas pelo lazer potencializam o lucro. A título de exemplo, pode-se citar as longas horas utilizadas em linhas de produção, já normalizadas pelo horário escolar. Logo, a reflexão sobre o que se produz é sobre as próprias relações interpessoais criadas nesses espaços é coibida, já que o indivíduo é pressionado cada vez mais a se distanciar para acumular mais capital.

Portanto, por mais que o ócio seja a chave para a introspecção e o fortalecimento do senso de comunidade, uma vez que caracteriza a reflexão pessoal e os momentos de integração entre as pessoas, em uma sociedade regida pelas regras do Neoliberalismo não permitirá tal prática. Nessa lógica, o avesso do que realizavam os ociosos pensadores gregos, o espírito reflexivo é subjugado pela indústria do lucro, que prioriza o trabalho braçal.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação de qualidade tem cor e classe

(Título)

01 1 Como "Nos matamos e não temos" do escritor, Luis Fernando Heurama, mostra a situação de Gênes um grupo-
 02 to marginalizado que ressurta a figura dos excluídos, indivíduos que sofrem da exclusão perdendo sua identidade
 03 como população negra, durante a tentativa e oferta frequente, por aulas uma escola, um ambiente é evidente que o
 04 ambiente em que ele é apresentado não reflete a cultura # de Moçambique, um país de uma cultura brasileira
 05 e europeia. Nesse texto, mostra-se que a educação de Gênes assim como a de diversos outros durante a educação
 06 básica, além de uma forma prejudicial, prejudica para as ^{diferentes} situações do campo educacional criando uma forma
 07 de ensino multifacetado impulsionado por uma cultura capitalista que impõe a cultura assim, a educação ^{multifacetada} ~~apresenta~~ ^{apresenta}
 08 2 ~~o contexto de exclusão~~ ^{que} o aumento de atividades torna-se uma prejudicial a identidade na medida que há uma conjuntura
 09 indiana. Isso porque após a primeira exclusão individual, por exemplo, houve a tentativa de uma cultura com estruturas
 10 genéticas, produzindo indivíduos multiculturais que não possuem tempo para preservar a cultura. Assim, inseridos nesse sistema que
 11 produz o ensino a educação passa a seguir a linha de montagem de uma fábrica fordista, visto que o aluno é inserido na primeira
 12 automática e por isso não desenvolve uma postura crítica e reflexiva. No entanto, ao contrário da maioria, uma escola, o en-
 13 sino público não reflete as realidades, que com boas condições e com as melhores condições de infraestrutura, oferecem
 14 condições educacionais criativas em uma rede, sem intervenções técnicas. É uma situação onde um Estado omisso, pois possui ^{uma}
 15 ausência de educação infantil de regiões periféricas, como o caso de São Paulo, mostra a situação de 3-4 alunos e alunos res-
 16 sando um ensino reflexivo de maneira adequada, mesmo assim, de conteúdos estatísticos para uma administração de ensino e prof-
 17 fissionais que continuam seguindo a linha de montagem repetitiva de uma fábrica capitalista.
 18 Não obstante isso, o ensino de aprendizagem para indivíduos principalmente em períodos de educação básica prejudica
 19 a autonomia. Isso acontece devido pois um ensino crítico de modo que os alunos não tenham acesso ao conhecimento, porém nesse contexto
 20 não há uma vontade pois mostram a situação da educação dos pobres. A falta de alunos, o faltar e a deterioração do qual nem
 21 necessariamente, o ensino de educação ao contrário do que o algoritmo dos governos embaixadores, alimenta a situação multi-
 22 tucional. Assim, a educação de maneira geral, uma intervenção, visto que apresenta com os alunos a ideia de uma forma
 23 educacional que não questiona a lógica global. Fica claro que há um conceito de "educação do oprimido", de Paulo Freire,
 24 pois para ele a educação é uma ferramenta libertadora para que o indivíduo não seja um a lógica de um mundo globalizado que
 25 afirma que mesmo a escola e alunos com qualidade apenas buscam e não a lógica, de educação reflexiva é essa forma que entendem
 26 sobre sua cultura e origem e que criam uma educação multifacetada como a cultura e não possuem a ideia lógica de ensino ma-
 27 A educação reflexiva é, pois, multifacetada a educação multifacetada não possui com a lógica de um mundo capitalista e dominado
 28 de informações prejudiciais a educação básica. Nesse contexto, apresenta inseridos em um contexto acadêmico ^{não} ~~apresenta~~ ^{apresenta} ~~apresenta~~ ^{apresenta}
 29 que uma educação crítica que promove a interação de forma e criação de uma rede, como uma Gênes no texto "Nos matamos e não
 30 tentamos de vencer porque não reconhecemos sua cultura e identidade devido a uma educação multifacetada.

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE TEM COR E CLASSE

O conto “Nós matamos o cão tinoso” do escritor, Luis Bernardo Howana, narra a história de Ginho um garoto moçambicano que representa a figura dos assimilados, indivíduos que reféns da colonização perderam suas identidades como população negra. Durante a narrativa o garoto frequenta as aulas em uma escola, no entanto é evidente que o ensino em que ele é apresentado não valoriza aspectos da cultura de Moçambique, mas sim de uma cultura branca e eurocêntrica. Nesse viés, nota – se que a educação de Ginho, assim como a de diversas crianças durante a educação básica, além de não formar profissionais preparados para as diferentes situações do campo educacional prioriza uma forma de ensino multitarefada impulsionada por uma cultura capitalista que inibe a reflexão. Assim, a educação reflexiva se opõem a multitarefada.

O aumento de atividades que cada vez mais prejudicam a atenção se mostra frequente na conjuntura hodierna. Isso porque após a Primeira Revolução Industrial as extensas horas de trabalho semanais e uma rotina com diversas funções produziram indivíduos multitarefados que para poupar tempo não priorizavam a atenção. Assim, inseridos nesse sistema que prioriza o lucro a educação passa a seguir a linha de montagem de uma fábrica fordista, visto que o aluno é ensinado de forma automática e por isso não desenvolve uma postura crítica e reflexiva. No Brasil essa problemática se mostra mais latente, o ensino público não valoriza os professores, que com baixos salários e com péssimas condições de algumas instituições, devem conseguir educar diversas crianças em uma sala sem instrumentos básicos. Essa situação revela um Estado omissivo, pois para uma professora de educação infantil de regiões periféricas, como a zona leste de São Paulo, manter a atenção de 32 alunos e ainda realizar um ensino reflexivo se mostra quase impossível. Dessa maneira, a carência estatal falha em assistir alunos e profissionais que continuam seguindo a linha de montagem repetitiva de uma fábrica capitalista.

Não bastasse isso, o excesso de informação para indivíduos principalmente em período de educação básica prejudica o raciocínio. Tal aspecto ocorre pois um olhar crítico do mundo deve ser adquirido nessa etapa da vida, porém nesse contexto neoliberal muitos pais passaram a terceirizar a educação dos filhos. A tela do celular, o tablete e a televisão adquirem, infelizmente, o papel de educar as crianças e dado que algoritmo das ferramentas tecnológicas alimenta a atenção multitarefada. Assim, a reflexão se mostra cada vez mais menosprezada, uma vez que aprender com as redes sociais produz jovens alienados que não questionam a lógica global. Fica claro isso no conceito de “Pedagogia do Oprimido”, do filósofo Paulo Freire, pois para ele a educação é uma ferramenta questionadora para que o indivíduo rompa com a lógica de um mundo globalista que oprime negros e pobres e educa com qualidade apenas brancos e ricos. Logo, educação reflexiva é criar jovens que entendam sobre sua cultura e origens e que critiquem uma educação multitarefada com o uso de ferramentas como o celular e rompam com a esteira rígida do fordismo.

A educação reflexiva é, pois, antagônica a educação multitarefada. Isso porque com o avanço do sistema capitalista a abundância de informações prejudica a educação básica. Nesse aspecto, professores inseridos em um contexto excludente não possuem recursos para realizar uma educação reflexiva que promova interesse de jovens e crianças. Desse modo, assim como Ginho no conto “Nós matamos o cão tinoso” diversos cidadãos não reconhecem sua cultura e identidade devido a uma educação multitarefada.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

O abandono da ética na sociedade neoliberal

(Título)

01 Com a ascensão do neoliberalismo, a produtividade é vista como prioridade para
 02 a sociedade. Por isso, uma lógica de produção e consumo ressignificou atividades, antes
 03 valorizadas, em decorrência de tempo. Uma delas foi a ética, ou a arte de não fazer "nada",
 04 sendo esse "nada" algo improdutivo para o capitalismo. Dessa forma, a educação, in-
 05 te a básica, vem a superior, foi reestruturada para se adequar ao modelo neoliberal,
 06 de forma a ser incentivado um trabalhador multifuncional e a supressão de moni-
 07 tor de reflexões e pensamento crítico.

08 Em primeira plana, é importante direcionar os olhares aos marcos neoliberais
 09 em busca de indivíduos multifuncionais. Ao invés de se preocupar o bem-estar, a saúde e a
 10 capacidade de cada um, valoriza-se hoje o funcionário capaz de fazer tudo e mu-
 11 to em pouco tempo, de obedecer ordem e de impressionar o chefe. Em virtude disso, sur-
 12 tiram cursos e métodos de "como montar um currículo" ou "o que falar na entrevista
 13 de emprego". Não basta mais ser rico e estar bem, é preciso ser aquilo que o in-
 14 teresse quer, ou seja, alguns fazem parcerias com um leque de experiências. Assim,
 15 a capacidade multifuncional é valorizada em detrimento do bem-estar do trabalhador.

16 Além disso, é preciso focar também na estrutura da própria educação, que, des-
 17 de a infantil até a superior busca a supressão das reflexões. Isso ocorre porque
 18 o ~~para~~ pensar crítico impediria a manutenção do sistema neoliberal. Nessa linha, o edu-
 19 cador Paulo Freire define, em sua obra, o ensino neoliberal como um sistema
 20 bancário, ou seja, rígido e pontual, focado em vender o conhecimento e em impedir a
 21 abor crítica de seus alunos. Substituído por aulas em períodos interval e processar sem-
 22 pre, a ética foi abandonada pelo capitalismo, já que "o fazer nada" é capaz de
 23 proporcionar a reflexão sobre aquilo que é vivenciado. Háte isso, a teoria de Paulo
 24 Freire a mudança que o neoliberalismo provocou na ensino.

25 Em suma, o neoliberalismo não mede esforços para garantir o controle da edu-
 26 ção básica ao superior. Ao impedir o pensar crítico dos alunos, o sistema
 27 capitalista se retroalimenta, de forma a manter o consumo e a produção
 28 elevados. Sem o processo de reflexão e presente na ética, a capacidade de
 29 ser multifuncional surge cada vez mais incentivada e valorizada no mer-
 30 cado de trabalho e a bem-estar do trabalhador, esquecido.

O ABANDONO DO ÓCIO NA SOCIEDADE NEOLIBERAL

Com a ascensão do neoliberalismo, o produtivismo é visto como prioridade para a sociedade. Por isso, essa lógica de produção consumo ressignificou atividades, antes valorizadas, em desperdício de tempo. Uma delas foi o ócio, ou o ato de não fazer “nada”, sendo esse “nada” algo improdutivo para o capitalismo. Dessa forma, a educação, tanto básica, como a superior, foi reinventada para se adequar ao modelo neoliberal, de forma a ser incentivado um trabalhador multitarefas e a supressão de momentos de reflexão e pensamento crítico.

Em primeiro plano, é importante direcionar os olhares aos movimentos neoliberais em busca do indivíduo multitarefas. Ao invés de se priorizar o bem-estar, a saúde e a capacidade de cada um, valoriza-se hoje o funcionário capaz de fazer tudo e muito em pouco tempo, de obedecer ordens e de impressionar o chefe. Em virtude disso, surgiram cursos e métodos de “como montar um currículo” ou “o que falar na entrevista de emprego”. Não basta mais ser você e estar bem, é preciso ser aquilo que o sistema quer, ou seja, alguém jovem porém com um leque de experiências. Assim, a capacidade multitarefas é valorizada em detrimento do bem estar do trabalhador.

Além disso, é preciso focar também na estrutura do processo educacional, que, desde o infantil até o superior, busca a supressão da reflexão. Isso ocorre porque o pensar crítico impediria a manutenção do sistema neoliberal. Nessa linha, o educador Paulo Freire define, em suas obras, o ensino neoliberal como um sistema bancário, ou seja, rígido e pontual, focado em vender o conhecimento e em impedir o olhar crítico de seus alunos. Substituído por aulas em período integral e provas semanais, o ócio foi abandonado pelo capitalismo, já que o “fazer nada” é capaz de promover a reflexão sobre aquilo que é ensinado. Dito isso, a teoria de Paulo Freire comprova a mudança que o neoliberalismo provocou no ensino.

Em suma, o neoliberalismo não mede esforços para garantir o controle da educação básica ao superior. Ao impedir o pensar crítico dos alunos, o sistema capitalista se retroalimenta, de forma a manter o consumo e a produção elevados. Sem o processo de reflexão presente no ócio, a capacidade de ser multitarefas será cada vez mais incentivada e valorizada no mercado de trabalho e o bem-estar do trabalhador esquecido.

A Desumanização da Escola (Título)

Com efeito, segundo o sociólogo Durkheim, a escola é um agente de reprodução social, ou seja, é nela que as crianças são condicionadas a manter a coesão social e assim há a homogeneização dos pensamentos. Dessa forma, as sociedades regidas por instituições de ensino reproduzem os modos de produção hegemônicos - o capitalismo - e queil baseia-se na maximização dos lucros, por isso, é necessária máxima produtividade e máxima exploração do trabalhador, como através da extensão da multitarefa e privação do sono. Assim, o trabalhador se vê alienado do seu voto pessoal e o trabalho torna-se um dever, um compromisso ao que é obrigado a cumprir, pois a escola, consolidando um processo de desumanização.

Portanto, a educação básica moderna é um agente de reprodução social, a qual é voltada para a construção, manutenção da sociedade trabalhante, baseada no trabalho e multirracial. Com isso, evita-se a esquizofrenia social e a exploração, cujo falta tem um caráter desumanizante logo, é necessária a mudança dos estruturas e uma formação, primária de social, mais humana.

A DESUMANIZAÇÃO DA ESCOLA

Anteriormente à revolução industrial, no século XVIII, a escola era restrita às elites e era voltada aos estudos clássicos e a formação de pensadores. Com o trabalho nas fabricas e a necessidade de maior tecnica nele, o estudo foi popularizado e formou-se a estrutura educacional moderna, a qual ensina as crianças principalmente a respeitar regras do trabalho, como uma formação profissional. Assim, a escola e um agente de manutenção da coesão social, pautada na sociedade capitalista, que baseia-se na maximização da produtividade e na multitarefa. Isso reduz o espaço de ensinamentos da cultura e reflexão, cuja falta tem caráter desumanizante e desgastante ao trabalho.

Com efeito, segundo o sociólogo Durkein, a escola e um agente de reprodução social, ou seja, é nela que as crianças são condicionadas a manter a coesão social e onde há a homogeneização dos pensamentos. Dessa forma, na sociedade vigente, nas instituições de ensino é reproduzido o modo de produção hegemônica -- o capitalismo -- o qual baseia-se na maximização do lucro, por isso, é necessária a máxima produtividade e maior exploração do trabalhador, como através do exercício da multitarefa e proibição do ócio. Assim, o trabalhador se vê alienado de sua vida pessoal e o trabalho torna-se sua prioridade, em consonância ao que é ensinado em sua trajetória escolar, consolidando um processo de desumanização.

Por conseguinte, a cultura e a reflexão são os principais fatores que definem a racionalidade humana e a diferença dos animais selvagens. Tal processo de desumanização também provém da falta de "educação para o ócio", ou seja, o ensino do lazer, pois através da desconexão com o trabalho há uma conexão com a cultura e afirmação da humanidade. Além disso, a formação profissional tradicional falha no ensinamento sobre a divisão da vida profissional e pessoal, gerando um alto índice de "burnout" (doença caracterizada pela exaustão) registrado na sociedade contemporânea. Assim, o ensino da cultura e reflexão, através da "pedagogia do ócio", é essencial para a formação do ser humano e ele melhoraria as relações de trabalho e, assim, poderia haver um aumento saudável da produtividade.

Portanto, a educação básica moderna é um agente de reprodução social, o qual é voltado para a construção e manutenção da sociedade trabalhista, baseada na produtividade e multitarefa. Com isso, evita-se o ensinamento sobre cultura e da reflexão, cuja falta tem um caráter desumanizante. Logo, é necessária a mudança dessas estruturas e uma formação, por meio da escola, mais humana.

A EDUCAÇÃO DEVE PROMOVER A MULTITAREFA CAPITALISTA OU A REFLEXÃO LIBERTADORA?

Na obra “Dois Irmãos”, do autor Milton Hatoum, Omar é um jovem que não se adequa ao modelo convencional escolar. Ao ser transferido para um colégio menos rígido, apesar de não ser disciplinado, ele cria um vínculo com o professor de literatura, desenvolvendo apreço pela poesia. Com o estabelecimento da Ditadura Militar no Brasil em 1964, o levante do professor contra o regime autoritário resulta na sua prisão e na sua morte, diante da qual Omar proclama um poema de resistência e se revolta. Nesse viés, sendo a contemporaneidade o tempo de suprassumo do capitalismo, Omar não era apto à educação tradicional multitarefada, porém, foi capaz de refletir sobre um sistema opressor. Logo, embora a educação básica contemporânea seja voltada à formação de profissionais adaptados à multitarefa capitalista, ela pode ser uma ferramenta para a formação de cidadãos com capacidade de reflexão, acarretando o bem-estar humano.

A educação básica convencional, com efeito, é orientada pelo neoliberalismo em vigência, o qual visa ao lucro máximo. Para a obtenção desse lucro, o homem é reificado, uma vez que é considerado uma máquina de produção que, quanto mais tarefas realiza, mais produtiva é. Nessa perspectiva, a formação de profissionais reificados inicia-se na educação, ensinando crianças e jovens sob um modelo industrial: horários rígidos, tarefas delimitadas e a busca pelo maior desempenho em todas as matérias. Com alunos multitarefados, não há reflexão acerca desse sistema, formando indivíduos alienados. Contudo, a educação básica, se ensinar os alunos por meio da liberdade, promove a reflexão, visto que forma cidadãos capazes de refletir sobre a ordem vigente. Essa liberdade, feita a partir de horários flexíveis, da inserção cultural e do convívio harmônico entre os alunos, valoriza as características humanas oprimidas pelo neoliberalismo, sendo um exemplo disso as escolas indígenas, que promovem o senso de comunidade.

Uma educação básica libertadora, por conseguinte, forma profissionais que valorizam o seu bem-estar em detrimento do lucro do sistema neoliberal. Sob essa óptica, a inserção de elementos culturais no ensino aproxima-os da população e motiva o consumo da cultura, como a ida a cinema e teatros e a leitura, meios para o ócio humano. Além disso, sabendo conviver em comunidade, há o diálogo que favorece o debate harmônico - que acentua a reflexão social - e a manutenção de culturas ameaçadas pelo neoliberalismo por divergirem dele, como as culturas indígenas. Com isso, o homem, já que foi ensinado a refletir, valoriza as suas necessidades, como o tempo livre, e liberta-se da alienação, entendendo o sistema em que se insere e buscando manter a diversidade cultural humana.

Portanto, a formação de profissionais para a multitarefa pela educação básica em razão do capitalismo reifica e aliena o ser humano. Por outro lado, uma educação livre promove a reflexão e valoriza a cultura e a diversidade, como ocorreu com Omar, face da educação que deve ser ampliada visando ao bem-estar humano.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

Educação fútil e capitalismo uni-tarefa

(Título)

Em um dos episódios da série "Black Mirror", é representada uma sociedade distópica na qual os indivíduos realizam uma única tarefa repetidamente, no fim de receber pontos que podem ser trocados por itens básicos de alimentação. Nela, atividades para o ciclo de produção são praticamente inexistentes e as individualidades são apagadas. Não distante da ficção, a sociedade contemporânea é pautada em um sistema que desenvolve os momentos de lazer e de reflexão dos indivíduos, preparando-os apenas para produzir. Assim, o modo como a educação atual é construída e a busca incessante do sistema capitalista por lucro são partes fundamentais para que esses momentos continuem a ser negligenciados.

Em primeira análise, o sistema educacional contemporâneo forma indivíduos exclusivamente voltados ao mercado de trabalho, desconsiderando qualquer outro aspecto humano. De acordo com o educador brasileiro Paulo Freire, em sua obra sobre "educação bancária", a educação no Brasil é baseada em uma lógica que estimula apenas aspectos técnicos em detrimento do desenvolvimento reflexivo. De fato, as instituições educacionais não possuem aulas com atividades voltadas para a área de lazer e desenvolvimento crítico, como culinária, artesanato e atividades crítica-reflexivas, que são capazes de desenvolver nos alunos a independência em outras áreas da vida além do trabalho. Assim sendo, os indivíduos da contemporaneidade são prejudicados, pois não são ensinados a entender a importância do lazer e do recreativismo para o desenvolvimento humano.

Além disso, o sistema econômico vigente impede com que os profissionais possam, de fato, fazer outras tarefas além do trabalho. Na obra cinematográfica "Tempos modernos", o ator Charles Chaplin critica o modelo fordista da 2ª Revolução Industrial com suas tarefas repetitivas, que prejudicavam o trabalhador e o privavam de alimentação. Nos dias atuais, o sistema capitalista, que possui como único objetivo o lucro, explora os trabalhadores e os deixa refém de uma única tarefa: a de produzir. A partir disso, os indivíduos contemporâneos não conseguem ser multitarefas, prejudicando seu desenvolvimento pessoal, e perdendo sua capacidade reflexiva, ficando sujeitos à manipulação.

Portanto, se o sistema educacional não for reprimulado, as pessoas não serão capazes de aproveitar os benefícios do ocio criativo e a sociedade de Black Mirror se aproximará cada vez mais da realidade.

EDUCAÇÃO FALIDA E CAPITALISMO UNI-TAREFA

Em um dos episódios da série “Black Mirror”, é apresentada uma sociedade distópica na qual os indivíduos realizam uma única tarefa repetidamente, a fim de receber pontos que podem ser trocados por itens básicos de alimentação. Nela, atividades fora do ciclo de produção são praticamente inexistentes e as individualidades são apagadas. Não distante da ficção, a sociedade contemporânea é pautada em um sistema que desvaloriza os momentos de lazer e de reflexão dos indivíduos, preparando-os apenas para produzir. Assim, o modo como a educação atual é construída e a busca incessante do sistema capitalista por lucro são partes fundamentais para que esses momentos continuem a ser negligenciados.

Em primeira análise, o sistema educacional contemporâneo forma indivíduos exclusivamente voltados ao mercado de trabalho, desconsiderando qualquer outro aspecto humano. De acordo com o educador brasileiro Paulo Freire, em sua teoria sobre “educação bancária”, a educação no Brasil é baseada em uma lógica que estimula apenas aspectos técnicos em detrimento do desenvolvimento reflexivo. De fato, as instituições educacionais não possuem aulas com atividades voltadas para a área de lazer e desenvolvimento crítico, como culinária, artesanato e atividades crítico-reflexivas, que são capazes de desenvolver nos alunos a independência em outras áreas da vida além do trabalho. Assim sendo, os indivíduos da contemporaneidade são prejudicados, pois não são ensinados a entender a importância do lazer e do ócio criativo para o desenvolvimento humano.

Além disso, o sistema econômico vigente impede com que os profissionais possuam, de fato, foco em outras tarefas além do trabalho. Na obra cinematográfica “Tempos Modernos”, o ator Charles Chaplin critica o modelo fordista da 2ª Revolução Industrial com suas tarefas repetitivas, que prejudicavam o trabalhador e o levavam à alienação. Nos dias atuais, o sistema capitalista, que possui como único objetivo o lucro, explora os trabalhadores e os deixa refém de uma única tarefa: a de produzir. A partir disso, os indivíduos contemporâneos não conseguem ser multitarefas, prejudicando seu desenvolvimento pessoal, e perdem sua capacidade reflexiva, ficando suscetíveis à manipulação.

Portanto, se o sistema educacional não for reformulado, as pessoas não serão capazes de aproveitar os benefícios do ócio criativo e a sociedade de Black Mirror se aproxima cada vez mais da realidade.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher esta folha.

A limitação da reflexão imposta pela formação profissional

(Título)

Recentemente, a educação ~~(sta)~~ brasileira está se voltando cada vez mais para a formação profissional, visando preparar os jovens para o mercado de trabalho. Entretanto, esse tipo de formação pode ser prejudicial na medida que os alunos deixam de desenvolver sua individualidade e passam a desenvolver uma capacidade multitarefa valorizada pelo trabalho, enquanto deixam de refletir sobre o mundo e sobre si. De fato, a educação básica é essencial para que as pessoas desenvolvam uma visão crítica do mundo que permita reflexão, mas a formação exclusivamente profissional promove alienação.

Para que as pessoas sejam capazes de refletir, é preciso que a ~~educação~~ educação básica as ensine. Nesse sentido, a integração entre atividades escolares e práticas comunitárias, assim como ensinar o prazer da introspecção, é fundamental para que as pessoas tenham repertório para analisar criticamente o mundo e apreciem essa atividade. Logo, a educação não deve ser uma formadora de máquinas para o trabalho, mas de seres pensantes. Além disso, deve-se valorizar o ócio e seu uso para a reflexão.

Porém, os rumos que a educação brasileira vem tomando são um obstáculo para tal formação. Por exemplo, a "Nova Escola Média" restringe o contato dos alunos com disciplinas que promovem a reflexão, como a filosofia e a sociologia, e as substitui por disciplinas optativas voltadas para a formação profissional. Dessa forma, o Brasil está formando cada vez mais pessoas preocupadas em pensar nas múltiplas tarefas que a sociedade trabalhista exige, mas que são cada vez mais suscetíveis à manipulação por não serem capazes de pensar criticamente e refletir e que não valorizam essas atividades.

Portanto, é preciso que a educação brasileira se afaste da formação exclusivamente profissional pautada na hipervalorização da produtividade das mentes multitarefa que nunca deixam de pensar no trabalho. Ou seja, devemos criar uma educação que valorize a reflexão. Para tal é preciso que a educação básica assuma o papel de transmitir esses valores.

A LIMITAÇÃO DA REFLEXÃO IMPOSTA PELA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Recentemente, a educação brasileira está se voltando cada vez mais para a formação profissional, visando preparar os jovens para o mercado de trabalho. Entretanto, esse tipo de formação pode ser prejudicial na medida que os alunos deixam de desenvolver sua individualidade e passam a desenvolver uma capacidade multitarefa valorizada pelo trabalhismo, enquanto deixam de refletir sobre o mundo e sobre si. De fato, a educação básica é essencial para que as pessoas desenvolvam uma visão crítica do mundo que permita reflexão, mas a formação exclusivamente profissional promove alienação.

Para que as pessoas sejam capazes de refletir, é preciso que a educação básica as ensine. Nesse sentido, a integração entre atividades escolares e práticas comunitárias, assim como ensinar o prazer da introspecção, é fundamental para que as pessoas tenham repertório para analisar criticamente o mundo e apreciem essa atividade. Logo, a educação não deve ser uma formadora de máquinas para o trabalho, mas de seres pensantes. Além disso, deve-se valorizar o ócio e seu uso para a reflexão.

Porém, os rumos que a educação brasileira vem tomando são um obstáculo para tal formação. Por exemplo, o “Novo Ensino Médio” restringe o contato dos alunos com disciplinas que promovem a reflexão, como a filosofia e sociologia, e as substitui por disciplinas optativas para a formação profissional. Dessa forma, o Brasil está formando cada vez mais pessoas preocupadas em pensar nas múltiplas tarefas que a sociedade trabalhista exige, mas que são cada vez mais suscetíveis à manipulação por não serem capazes de pensar criticamente e refletir e que não valorizam essas atividades.

Portanto, é preciso que a educação brasileira se afaste da formação exclusivamente profissional pautada na hipervalorização da produtividade das mentes multitarefa que nunca deixam de pensar no trabalho. Ou seja, devemos criar uma educação que valorize a reflexão. Para tal é preciso que a educação básica assuma o papel de transmitir esses valores.

ENEM

PROPOSTA 2024



INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta preta, na folha própria, em até 30 (trinta) linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para a contagem de linhas.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente";
 - 4.2. fugir ao tema ou não atender ao tipo dissertativo-argumentativo;
 - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto;
 - 4.4. apresentar nome, assinatura, rubrica ou outras formas de identificação no espaço destinado ao texto.

TEXTO I

O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade

O trabalho de cuidado é essencial para nossas sociedades e para a economia. Ele inclui o trabalho de cuidar de crianças, idosos e pessoas com doenças e deficiências físicas e mentais, bem como o trabalho doméstico diário que inclui cozinhar, limpar, lavar, consertar coisas e buscar água e lenha. Se ninguém investisse tempo, esforços e recursos nessas tarefas diárias essenciais, comunidades, locais de trabalho e economias inteiras ficariam estagnados. Em todo o mundo, o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago é desproporcionalmente assumido por mulheres e meninas em situação de pobreza, especialmente por aquelas que pertencem a grupos que, além da discriminação de gênero, sofrem preconceito em decorrência de sua raça, etnia, nacionalidade e sexualidade. As mulheres são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remuneradas.

Documento informativo – Tempo de Cuidar. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br>. Acesso em: 18 de jul. de 2023 (adaptado).

TEXTO II

Média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, por sexo

Brasil - 2019	
Sexo	Horas Semanais
Homens	11,0
Mulheres	21,4

Fonte: IBGE - Pnad contínua anual

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 de jul. 2023 (adaptado).

TEXTO III

A sociedade brasileira tem passado por inúmeras transformações sociais ao longo das últimas décadas. Entre elas, as percepções sociais a respeito dos valores e das convenções de gênero e a forma como mulheres têm se inserido na sociedade. Algumas permanências, porém, chamam a atenção, como a delegação quase que exclusiva às famílias – e, nestas, às mulheres – de atividades relacionadas à reprodução da vida e da sociedade, usualmente nominadas trabalho de cuidado.

Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br>. Acesso em: 24 maio 2023 (adaptado).

TEXTO IV



Capa da revista Pesquisa. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 23 maio 2023 (adaptado).

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

O filme "Knives Out", disponível na "Netflix", apresenta um cenário no qual a protagonista, que exerce a profissão de cuidadora, é repetidamente desprezada pela família que a emprega. De maneira análoga, na realidade brasileira, há uma invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres, o que resulta em problemas socioeconômicos e referentes à sua dignidade, os quais devem ser enfrentados. Esse cenário tem raiz tanto na negligência governamental em reparar situações de exploração quanto na existência de um machismo na cultura brasileira.

A princípio, de acordo com o economista John Keynes, é dever do Estado, por meio de seu aparato institucional, garantir o bem-estar social. No entanto, não há, na atualidade, políticas governamentais suficientes que certifiquem à população feminina justa remuneração e devido reconhecimento do cuidado, visto que há uma situação de crescente precarização dessa forma de trabalho. Consequentemente, é criado um cenário no qual uma grande quantidade de mulheres, em sua maioria pertencentes a minorias étnicas e socioeconômicas, são exploradas e têm sua qualidade de vida reduzida. Dessa modo, enxerga-se o Estado como agente de combate à baixa remuneração e à invisibilidade social.

Ademais, segundo a filósofa Simone de Beauvoir, há, na cultura ocidental, uma ocorrência de padrões que relegam a figura feminina a uma posição de inferioridade, e sua participação social é vista como secundária. Nessa perspectiva, encara-se, na sociedade brasileira, um reflexo desse machismo, o qual, muitas vezes, dita que a mulher esteja "naturalmente predisposta" ao cuidado, ignorando-se a construção social dessa dinâmica de desigualdade. Então, banaliza-se uma situação de opressão que prejudica socialmente as cuidadoras, ferindo sua dignidade como ser humano as legítimas formas de exploração. Dessa maneira, enxerga-se a educação como elemento transformador da realidade cultural.

Logo, cabe ao legislativo e ao Ministério do Trabalho, por meio da amplificação da legislação trabalhista, a qual estabelece benefícios obrigatórios e uma remuneração mais justa às trabalhadoras do cuidado, além da fiscalização mais frequente de domicílios em busca de irregularidades e exploração, garantir o fim da precarização desse trabalho, a fim de promover o bem-estar social. Além disso, é dever do Ministério da Educação, por via de palestras e aulas em locais públicos, os quais serão ministradas, por exemplo, na defesa da igualdade de gênero e importância do respeito à mulher, conscientizar a população, para que seja efetivada a desconstrução de um machismo cultural. Assim, situações como a de "Knives Out" tornam-se não menos comuns na realidade brasileira.



O filme "Knives Out", disponível na "Netflix", apresenta um cenário no qual a protagonista, que exerce a profissão de cuidadora, é repetidamente desprezada pela família que a emprega. De maneira análoga, na realidade brasileira, há uma invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres, o que resulta em problemas socioeconômicos referentes a sua dignidade, os quais devem ser enfrentados. Esse cenário tem raiz tanto na negligência governamental em reparar situações de exploração quanto na existência de um machismo na cultura brasileira.

A princípio, de acordo com o economista John Keynes, é dever do Estado, por meio de seu aparato institucional, garantir o bem-estar social. No entanto, não há, na atualidade, políticas governamentais suficientes que certifiquem à população feminina justa remuneração e devido reconhecimento do cuidado, visto que há uma situação de crescente precarização dessa forma de trabalho. Consequentemente, é criado um cenário no qual uma grande quantidade de mulheres, em sua maioria pertencentes a minorias étnicas e socioeconômicas, são exploradas e têm sua qualidade de vida reduzida. Desse modo, enxerga-se o Estado como agente de combate à baixa remuneração e à invisibilidade social.

Ademais, segundo a filósofa Simone de Beauvoir, há, na cultura ocidental, uma ocorrência de padrões que relegam a figura feminina a uma posição de inferioridade, e sua participação social é vista como secundária. Nessa perspectiva, encara-se, na sociedade brasileira, um reflexo desse machismo, o qual, muitas vezes, dita que a mulher estaria "naturalmente predisposta" ao cuidado, ignorando-se a construção social dessa dinâmica de desigualdade. Então, banaliza-se uma situação de opressão que prejudica socialmente as cuidadoras, ferindo sua dignidade como ser humano ao legitimar formas de exploração. Dessa maneira, enxerga-se a educação como elemento transformador da realidade cultural.

Logo, cabe ao Legislativo e ao Ministério do Trabalho por meio da amplificação da legislação trabalhista, a qual estabelecerá benefícios obrigatórios e uma remuneração mais justa às trabalhadoras do cuidado, além da fiscalização mais frequente de domicílios um busca de irregularidades e exploração, garantir o fim da precarização desse trabalho, a fim de promover o bem-estar social. Além disso, é dever do Ministério da Educação, por via de palestras e aulas em locais públicos, as quais serão pautadas, por exemplo, na defesa da igualdade de gênero e importância do respeito à mulher, conscientizar a população para que seja efetivada a desconstrução de um machismo cultural. Assim, situações como a de "Knives Out" tornar-se-ão menos comuns na realidade brasileira.

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

1 Durante o período colonial brasileiro, instalou-se um sistema socioeconômico patriarcalista, o qual desprezava
2 a atuação feminina na sociedade. Analogamente, percebe-se que, no Brasil contemporâneo, as mulheres ainda não marginali-
3 zadas, em especial quanto à invisibilidade do trabalho de cuidado feminino. Nesse contexto, é notório que a inoperância
4 estatal e a mentalidade retrógrada da sociedade são os principais propulsores da problemática.

5 Sob esse cenário, o poder público, no que tange à garantia de remuneração desse grupo marginalizado, é negligente.
6 Nesse sentido, a Agenda 2030 é um plano de metas elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para promover o bem-
7 estar geral, com destaque, em um de seus pontos, à redução das desigualdades. Contudo, é perceptível que esse conjunto de
8 objetivos é desumprido no país, haja vista que, apesar da existência de programas assistencialistas voltados à po-
9 pulação carente, como o Bolsa Família, ainda são poucos os investimentos públicos na garantia ^{de criação} de auxílio econômico de mu-
10 lheres de baixo poder aquisitivo que realizam atividades domésticas e cuidado de idosos, ^{exemplos} muitas vezes. Como
11 consequência desse panorama de desinteresse, parte da população feminina é invisibilizada economicamente, já que as a-
12 tividades que esse grupo realiza não são remuneradas e reconhecidas pelo Estado, o que agrava disparidades sociais,
13 que afetam principalmente mães solteiras, e, assim, a miséria aumenta, juntamente da perda de cidadania.

14 Além disso, as instituições de ensino brasileiro — responsáveis pela formação da mentalidade do corpo social —
15 falham quanto à conscientização sobre a importância feminina para a questão social. Nesse prisma, Paulo Freire, patro-
16 no da educação nacional, defendeu que o sistema de ensino brasileiro deveria ser libertador, mediante a inserção de temas
17 cotidianos nas aulas. Entretanto, nota-se que o modelo de aprendizagem proposto pelo pensador não foi devidamente apli-
18 cado no país, uma vez que temas transversais, os quais quebram estigmas enraizados historicamente acerca das mulheres, em-
19 bora previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não são aprofundados, pois são poucos os recursos e os palestras-
20 sobre o papel feminino na sociedade que são realizados, já visto que os escolas propagam um viés conservador e retrógra-
21 do, o qual desvaloriza ^{assunto} de relevância pública. Por conseguinte, grande parcela da sociedade acredita que o traba-
22 lho de cuidado é uma obrigação feminina e, então, a maioria dos homens não presta auxílio, o que aumenta a carga de en-
23 cargo familiar das mulheres, diminuindo seu desempenho acadêmico, porque a mulher tem tempo disponível ^{seu} reduzido.

24 Portanto, depreende-se que a invisibilidade desse setor social deve ser diminuída. Logo, é de suma importância que o Mi-
25 nistério da Economia — encarregado pelo gerenciamento das finanças públicas — garanta a remuneração dessas mulheres in-
26 visibilizadas, por meio do desvio de verbas para programas assistencialistas, os quais abrangem pessoas
27 vulneráveis, como as mães solteiras, com intuito de efetivar a cidadania feminina no país. Ademais, é preci-
28 so que o Ministério da Educação — ente governamental que administra o modelo de ensino brasileiro — promova a quebra
29 de estigmas misóginos, por intermédio do aumento no número de palestras, os quais realem a relevância da ajuda ma-
30 culina nos lares, a fim de permitir que as mulheres tenham maior tempo livre e, também, sejam mais valorizadas.



Durante o período colonial brasileiro, estabeleceu-se um sistema socioeconômico patriarcalista, o qual desprezava a atuação feminina na coletividade. Analogamente, percebe-se que, no Brasil contemporâneo, as mulheres ainda são marginalizadas, em especial quanto à invisibilidade do trabalho de cuidado feminino. Nesse contexto, é notório que a inoperância estatal e a mentalidade retrógrada da sociedade são os principais propulsores da problemática.

Sob esse cenário, o poder público, no que tange à garantia de remuneração desse grupo marginalizado, é negligente. Nesse sentido, a Agenda 2030 é um plano de metas elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para promover o bem-estar geral, com destaque, em um de seus pontos, à redução das desigualdades. Contudo, é perceptível que esse conjunto de objetivos é descumprido no país, haja vista que, apesar da existência de programas assistencialistas voltados à população carente, como o Bolsa Família, ainda são poucos os investimentos públicos no auxílio econômico de mulheres de baixo poder aquisitivo que realizam atividades domésticas e cuidam de idosos e de crianças, muitas vezes. Como consequência desse panorama de desinteresse, parte da população feminina é invisibilizada economicamente, já que as atividades que esse grupo realiza não são remuneradas e reconhecidas pelo Estado, o que agrava disparidades sociais, que afetam principalmente mães solteiras, e, assim, a miséria aumenta, juntamente da perda de cidadania.

Além disso, as instituições de ensino brasileiras --- responsáveis pela formação da mentalidade do corpo social --- falham quanto à conscientização sobre a importância feminina para a coesão social. Nesse prisma, Paulo Freire, patrono da educação nacional, defendeu que o sistema de ensino brasileiro deveria ser libertador, mediante a inserção de temas cotidianos nas aulas. Entretanto, nota-se que o modelo de aprendizagem proposto pelo pensador não foi devidamente aplicado no país, uma vez que temas transversais, os quais quebram estigmas enraizados historicamente acerca das mulheres, embora previstos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não são aprofundados, pois são poucos os saraus e as palestras sobre o papel feminino na sociedade que são realizados, visto que as escolas propagam um viés conteudista e retrógrado, o qual desvaloriza assuntos de relevância pública. Por conseguinte, grande parcela da sociedade acredita que o trabalho de cuidado é uma obrigação feminina e, então, a maioria dos homens não presta auxílio, o que aumenta a carga de serviço familiar das mulheres, diminuindo seu desempenho acadêmico, porque a mulher terá tempo disponível ao ensino reduzido.

Portanto, depreende-se que a invisibilidade desse setor social deve ser diminuída. Logo, é de suma importância que o Ministério da Economia --- encarregado pelo gerenciamento das finanças públicas --- garanta a remuneração dessas mulheres invisibilizadas, por meio do deslocamento de verbas para programas assistencialistas, os quais abranjam pessoas vulneráveis, como as mães solteiras, com o intuito de efetivar a cidadania feminina no país. Ademais, é preciso que o Ministério da Educação --- ente governamental que administra o modelo de ensino brasileiro --- promova a quebra de estigmas misóginos, por intermédio do aumento no número de palestras, as quais revelem a relevância da ajuda masculina nos lares, a fim de permitir que as mulheres tenham maior tempo livre e, também, sejam mais valorizadas.

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado o texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

1 Durante o período em que o território brasileiro esteve sob domínio de Portugal, as mulheres eram,
2 majoritariamente, impedidas de trabalhar fora de suas casas, tendo a obrigação de realizar os af-
3 geres domésticos, o que enraizou na sociedade nacional que esses serviços são responsabilidades femi-
4 ninas. Análogamente a isto, no Brasil moderno, as mulheres sofrem com desafios para o enfrentamento
5 da invisibilidade do trabalho de cidade realizado por elas, visto que essa problemática é ignorada
6 por grande parte da população. Nesse sentido, destacam-se dois fatores intensificadores desse
7 fenômeno: a omissão midiática e a misoginia.

8 Sob essa ótica, vale destacar que a falta de debates acerca do tema nas grandes mí-
9 dias dificulta sua resolução. Concomitante a isso, Djamila Ribeiro, pensadora contemporânea, de-
10 fendeu que é fundamental a exposição de um problema para que ele seja solucionado. Dessa maneira,
11 as não mostrarem os trabalhos de cidade realizados pelas mulheres brasileiras, como a acom-
12 panhamento de idosos e a limpeza da própria casa, os meios de comunicação contribuem para
13 a permanência da invisibilidade desse assunto. Isso desafia que problemas relacionados a ele,
14 tais quais a baixa remuneração e o acúmulo de funções de trabalhadoras, sejam resolvidos.
15 Sendo assim, urge a exposição midiática para a solução desse impasse.

16 Além disso, é pertinente ressaltar o machismo como terra fértil para essa problemática. Nesse
17 sentido, Simone de Beauvoir disse, em sua obra "O segundo sexo", que as instituições presentes
18 na sociedade contemporânea são feitas para benefício dos homens. Isso ocorre porque, em
19 diversos setores sociais, como a família, a mentalidade misógina, que considera que os ho-
20 mens são superiores às mulheres, é predominante. Dessa maneira, os problemas enfrentados pelas
21 mulheres, sobretudo a invisibilidade do trabalho de cidade realizado por elas, são norma-
22 lizados. Logo, é importante superar o machismo para resolver esse problema.

23 Portanto, é imprescindível que as grandes mídias, responsáveis pela exposição de
24 mazelas sociais, conscientizem a população brasileira sobre a importância das ta-
25 refas de cidade. Essa ação deve ser tomada por meio de campanhas na televisão e
26 em redes sociais, visando combater a invisibilidade desse trabalho. Ademais, cabe tam-
27 bém aos meios de comunicação mostrar à sociedade a necessidade de divisão desses
28 trabalhos entre os sexos. Assim, as mídias cumpriam seu papel social, além como os efei-
29 tos do machismo, presentes no Brasil desde a colonização portuguesa, seriam estimulados.



Durante o período em que o território brasileiro esteve sob domínio de Portugal, as mulheres eram, majoritariamente, impedidas de trabalhar fora de suas casas, tendo a obrigação de realizar os afazeres domésticos, o que enraizou na sociedade nacional que esses serviços são responsabilidades femininas. Analogamente a isso, no Brasil hodierno, as mulheres sofrem com desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por elas, visto que essa problemática é ignorada por grande parte da população. Nesse sentido, destacam-se dois fatores intensificadores desse fenômeno: a omissão midiática e a misoginia.

Sob essa ótica, vale destacar que a falta de debates acerca do tema nas grandes mídias dificulta sua resolução. Consoante a isso, Djamila Ribeiro, pensadora contemporânea, defende que é fundamental a exposição de um problema para que ele seja solucionado. Desse modo, ao não mostrarem os trabalhos de cuidado realizado pelas mulheres brasileiras, como o acompanhamento de enfermos e a limpeza da própria casa, os meios de comunicação contribuem para a permanência da invisibilidade desse assunto. Isso desafia que problemas relacionados a ele, tais quais a baixa remuneração e o acúmulo de funções de trabalhadoras, sejam resolvidos. Sendo assim, urge a exposição midiática para a solução desse impasse.

Além disso, é pertinente ressaltar o machismo como terra fértil para essa problemática. Nesse viés, Simone de Beauvoir disse, em sua obra "O segundo sexo", que as instituições presentes na sociedade contemporânea são feitas para benefício dos homens. Isso ocorre porque, em diversos setores sociais, como a família, a mentalidade misógina, que considera os homens superiores às mulheres, é predominante. Dessa maneira, os problemas enfrentados pelas mulheres, sobretudo a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por elas, são normalizados. Logo, é importante superar o machismo para resolver esse problema.

Portanto, é imprescindível que as grandes mídias, responsáveis pela exposição de mazelas sociais, conscientizem a população sobre a importância das tarefas de cuidado. Essa ação deve ser tomada por meio de campanhas na televisão e em redes sociais, visando combater a invisibilidade desse trabalho. Ademais, cabe também aos meios de comunicação mostrar à sociedade a necessidade de divisão desses trabalhos entre os sexos. Assim, as mídias cumpririam seu papel social, bem como os efeitos do machismo, presentes no Brasil desde a colonização portuguesa, seriam atenuados.

1 A ONU estabeleceu, como meta 5 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a igualdade de
 2 gêneros nas relações sociais para o alcance de uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, no Brasil, a
 3 invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher é contrária ao objetivo da ONU, pois permite a
 4 perpetuação das diferenças de gênero, principalmente nos ambientes domésticos. Tal cenário, é extremamente prejudi-
 5 cial para a igualdade de gêneros no país e, por isso, medidas de cunho social e governamental devem ser adotadas
 6 para a reversão da problemática. Para isso, é preciso enfrentar os desafios das permanências culturais machistas no
 7 imaginário coletivo e do baixo reconhecimento social da importância do trabalho de cuidado para a sociedade.

8 Nesse sentido, a perpetuação de cultura machista no Brasil é um dos fatores contribuintes para a invisibi-
 9 lidade do trabalho feminino de cuidado, uma vez que ao homem é atribuído papel central nas relações
 10 sociais e à mulher, papel secundário. A vista disso, a socióloga Simone de Beauvoir, na obra "Segundo
 11 sexo", analisa as raízes patriarcais das relações sociais e como a figura da mulher sempre foi condicionada aos
 12 desejos do homem e aos deveres domésticos. Desse modo, Simone denuncia a discrepância de valor atribuído ao
 13 serviço feminino, seja o trabalho doméstico seja o cuidado dos filhos e outros familiares, quando comparado à
 14 extrema valorização do serviço masculino, associado à vida pública. Assim, é possível perceber no machismo a
 15 perpetuação da invisibilidade do trabalho feminino, o que é negativo para alcançar a igualdade entre os gêneros.

16 Ademais, o baixo reconhecimento da importância do trabalho de cuidado para a harmonia social é outro
 17 fator para a permanência da invisibilidade de tal serviço. Isso, porque, por ser uma atividade não remunera-
 18 da ou de baixa remuneração, tem pouco valor social na sociedade capitalista. Nessa perspectiva, o geógrafo brasilei-
 19 ro Milton Santos definiu o conceito de globalização perversa, na qual o reconhecimento do status social do indi-
 20 víduo está atrelado à remuneração financeira de seu cargo na sociedade e não à importância do serviço presta-
 21 do. Dessa forma, o trabalho de cuidado realizado pela mulher, tal como o trabalho doméstico diário e a criação dos
 22 filhos, por não ser remunerado financeiramente, é invisibilizado. Então, a não valorização dos esforços e recursos
 23 investidos nessas tarefas essenciais é prejudicial para o reconhecimento da importância de tal serviço.

24 Em suma, a invisibilidade do trabalho de cuidado é ~~q~~ malífica para o alcance da igualdade de gêneros. Portan-
 25 to, compete ao Ministério da Educação criar projetos educacionais e culturais, a exemplo de palestras ilustrativas sobre a
 26 grande contribuição do trabalho de cuidado por mulheres para os diversos setores da sociedade, mediante a instrumenta-
 27 lização de professores sobre tal assunto, a fim de reduzir as permanências culturais machistas no imaginário coletivo. Além
 28 disso, cabe ao Ministério do Trabalho criar projetos de remuneração financeira dos serviços domésticos para famílias
 29 mais vulneráveis, por meio de bolsas como "Bolsa Família", com o fito de estimular o reconhecimento social dessa
 30 atividade. Com isso, ter-se-á uma sociedade mais justa e mais próxima da meta 5 do ODS.

A ONU estabeleceu, como meta 5 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a igualdade de gêneros nas relações sociais para o alcance de uma sociedade mais justa e igualitária. Entretanto, no Brasil, a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher é contrária ao objetivo da ONU, pois permite a perpetuação das diferenças de gênero, principalmente nos ambientes domésticos. Tal cenário, é extremamente prejudicial para a igualdade de gêneros no país e, por isso, medidas de cunho social e governamental devem ser adotadas para a reversão da problemática. Para isso, é preciso enfrentar os desafios das permanências culturais machistas no imaginário coletivo e do baixo reconhecimento social da importância do trabalho de cuidado para a sociedade.

Nesse sentido, a perpetuação da cultura machista no Brasil é um dos fatores contribuintes para a invisibilidade do trabalho feminino de cuidado, uma vez que ao homem é atribuído papel central nas relações sociais e à mulher, papel secundário. À vista disso, a socióloga Simone de Beauvoir, na obra “Segundo Sexo”, analisa as raízes patriarcais das relações sociais e como a figura da mulher sempre foi condicionada aos desejos do homem e aos deveres domésticos. Desse modo, Simone denuncia a discrepância do valor atribuído ao serviço feminino, seja o trabalho doméstico seja o cuidado dos filhos e outros familiares, quando comparado à extrema valorização do serviço masculino, associado à vida pública. Assim, é possível perceber no machismo a perpetuação da invisibilidade do trabalho feminino, o que é negativo para alcançar a igualdade entre os gêneros.

Ademais, o baixo reconhecimento da importância do trabalho de cuidado para a harmonia social é outro fator para a permanência da invisibilidade de tal serviço. Isso, porque, por ser uma atividade não remunerada ou de baixa remuneração, tem pouco valor social na sociedade capitalista. Nessa perspectiva, o geógrafo brasileiro Milton Santos definiu o conceito de globalização perversa, na qual o reconhecimento do status social do indivíduo está atrelado à remuneração financeira de seu cargo na sociedade e não à importância do serviço prestado. Dessa forma, o trabalho de cuidado realizado pela mulher, tal como o trabalho doméstico diário e a criação dos filhos, por não ser remunerado financeiramente, é invisibilizado. Então, a não valorização dos esforços e recursos investidos nessas tarefas essenciais é prejudicial para o reconhecimento da importância de tal serviço.

Em suma, a invisibilidade do trabalho de cuidado é maléfica para o alcance da igualdade de gêneros. Portanto, compete ao Ministério da Educação criar projetos educacionais e culturais, a exemplo de palestras ilustrativas sobre a grande contribuição do trabalho de cuidado por mulheres para os diversos setores da sociedade, mediante a instrumentalização de professores sobre tal assunto, a fim de reduzir as permanências culturais machistas no imaginário coletivo. Além disso, cabe ao Ministério do Trabalho criar projetos de remuneração financeira dos serviços domésticos para famílias mais vulneráveis, por meio de bolsas como “Bolsa Família”, com o fito de estimular o reconhecimento social dessa atividade. Com isso, ter-se-á uma sociedade mais justa e mais próxima da meta 5 dos ODS.

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

1 A jornalista estadunidense Harriet Martineau, intrigada com os efeitos pífios da Declaração Universal dos Di-
 2 reitos Humanos na sociedade do século XIX, viajou por toda a extensão dos Estados Unidos para reportar as reali-
 3 dades desiguais vividas pelos cidadãos. Em sua obra, ressaltou o menos-prezado diferencial às mulheres, as quais
 4 eram consideradas inferiores devido à dedicação quase integral aos afazeres domésticos e familiares. Tal sentimen-
 5 to é semelhante ao existente na sociedade brasileira contemporânea, a qual se caracteriza pela invisibilidade de
 6 mulheres em ocupações consideradas trabalho de cuidado. Nesse panorama, a construção social do papel de gênero e a
 7 influência capitalista na valorização laboral perpetuam tal problemática e a ruptura com a economia humana.

8 Inicialmente, faz-se necessário refletir acerca da maneira como a divisão das funções executadas pelas diferen-
 9 tes gêneros foi desenvolvida historicamente. A socióloga Margaret Mead, nesse sentido, afirmou que a sociedade
 10 ocidental construiu uma hierarquia entre homens e mulheres - os quais ocupam níveis hierárquicos inferiores -
 11 de modo que as tarefas exercidas tradicionalmente pelo público feminino, como as de caráter doméstico, também
 12 são inferiorizadas. Em consonância a tal proposição, observa-se, no Brasil, que o trabalho de cuidado, como por
 13 parte do conjunto de práticas historicamente femininas, é menos-prezado, de modo a suprir milhões de mu-
 14 lheres integralmente inseridas nessa ~~ocupação~~ à invisibilidade perante todo o corpo gregário.

15 Ademais, o paradigma neoliberal de valorização da busca pelo lucro fomenta a atual conjuntura do país.
 16 Tal valor foi disseminado, sobretudo, pelo Consenso de Washington, na década de 80, em que se estabeleceu a ne-
 17 cessidade dos Estados contemporâneos de buscar conquistas econômicas, ainda que em detrimento de bem-estar so-
 18 cial. A correlação entre o neoliberalismo e o trabalho de cuidado se consolida, desse modo, pela transforma-
 19 ção da baixa - ou inexistente - remuneração que essa modalidade oferece, na maioria dos casos, em justificativa
 20 para a negligência social. Assim, atividades como lavar roupa, cozinhar e cuidar de indivíduos em situação econô-
 21 micamente, dentre elas, crianças e idosos, comumente realizadas por mulheres, deixam de ser vistas como impor-
 22 tantes, na medida em que não costumam premiar, diretamente, uma recompensão salarial.

23 Conclui-se, portanto, que a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres decorre de paradig-
 24 mas sociais e econômicos arraigados na sociedade. Logo, é preciso que o Ministério da Cidadania, como responsável
 25 pela promoção da representatividade dos cidadãos, demonstre os conceitos acerca da valorização laboral femi-
 26 nina, a fim de que as ocupações de cuidado, assim como quaisquer funções ocupadas por mulheres, sejam devida-
 27 mente valorizadas. Isso pode ser feito por meio de campanhas informativas e de debates públicos acerca da im-
 28 portância das ^{trabalhadoras} domésticas e de cuidado para a sociedade; e de incentivos financeiros a instituições que
 29 ofereçam benefícios previdenciários às mulheres que executam trabalho de cuidado. Desse modo, a discrepância
 30 observada por Margaret, entre discurso e realidade deixará de ser parte do cenário brasileiro.



A jornalista estadunidense Harriet Martineau, intrigada com os efeitos pífios da Declaração Universal dos Direitos Humanos na sociedade do século XIX, viajou por toda a extensão dos Estados Unidos para reportar as realidades desiguais vividas pelos cidadãos. Em sua obra, ressaltou o menosprezo direcionado às mulheres, as quais eram consideradas inferiores devido à dedicação quase integral aos afazeres domésticos e familiares. Tal sentimento é semelhante ao existente na sociedade brasileira contemporânea, a qual se caracteriza pela invisibilidade de mulheres em ocupações consideradas trabalho de cuidado. Nesse panorama, a construção social do papel de gênero e a influência capitalista na valorização laboral perpetuam tal problemática e a ruptura com a isonomia humana.

Inicialmente, faz-se necessário refletir acerca da maneira como a divisão das funções exercidas pelos diferentes gêneros foi desenvolvida historicamente. A socióloga Margaret Mead, nesse sentido, afirmou que a sociedade ocidental construiu uma hierarquia entre homens e mulheres - as quais ocupam níveis hierárquicos inferiores -, de modo que as funções exercidas tradicionalmente pelo público feminino, como as de caráter doméstico, também são inferiorizadas. Em consonância a tal proposição, observa-se, no Brasil, que o trabalho de cuidado, como parte do conjunto de práticas historicamente femininas, é menosprezado, de modo a sujeitar milhares de mulheres integralmente inseridas nessa ocupação à invisibilidade perante todo o corpo gregário.

Ademais, o paradigma neoliberal de priorização da busca pelo lucro fomenta a atual conjuntura. Tal valor foi disseminado, sobretudo, pelo Consenso de Washington, na década de 80, em que se estabeleceu a necessidade dos Estados contemporâneos de buscar conquistas econômicas, ainda que em detrimento do bem estar social. A correlação entre o neoliberalismo e o trabalho de cuidado se consolida, desse modo, pela transformação da baixa - ou inexistente - remuneração que essa modalidade oferece, na maioria dos casos, em justificativa para a negligência social. Assim, atividades como lavar roupa, cozinhar ou cuidar de indivíduos inativos economicamente, dentre eles, crianças e idosos, comumente realizadas por mulheres, deixam de ser vistas pela comunidade como importantes, na medida em que não costumam promover, diretamente, alta recompensação salarial.

Conclui-se, portanto, que a invisibilidade do trabalho de cuidado realizado por mulheres decorre de paradigmas sociais e econômicos enraizados na sociedade. Logo, é preciso que o Ministério da Cidadania, como responsável pela promoção da representatividade dos cidadãos, desconstrua os conceitos acerca da valorização laboral feminina, a fim de que as ocupações de cuidado, assim como quaisquer funções ocupadas por mulheres, sejam devidamente valorizadas. Isso pode ser feito por meio de campanhas informativas e de debates públicos acerca da importância das trabalhadoras domésticas; e de incentivo financeiro a instituições que ofereçam benefícios previdenciários às mulheres que executam trabalho de cuidado. Desse modo, a discrepância, observada por Margaret, entre direitos e realidade deixará de ser parte do cenário brasileiro.

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

1 As alterações na composição demográfica do Brasil, como o crescimento da população idosa, provocaram um crescimento na demanda pelo setor de cuidados. No entanto, essas atividades, realizadas sobretudo por mulheres, sofrem um nefasto apagamento. Desse modo, vale analisar os principais fatores que dificultam o combate à invisibilidade desse trabalho: a mentalidade patriarcal e o silenciamento midiático.

2 Diante desse cenário, vale ressaltar que as convenções de gênero cristalizadas no imaginário social perpetua continuamente o entrave. Nesse sentido, a filósofa Simone de Beauvoir, em sua obra "O Segundo Sexo", aborda a construção de um mito da natureza feminina nas sociedades ocidentais, o qual limita as mulheres às atividades de reprodução e de cuidados. À luz da filósofa, é nítido que a fundamentação da sociedade brasileira em moldes patriarcais oriundos da colonização portuguesa firmou, no corpo social, a ideia de que os serviços de cuidados são obrigações das mulheres - o que pode ser enxergado na predominância de mulheres no exercer dessas funções. Logo, por não serem vistos como um trabalho, mas sim como um papel natural da mulher, os trabalhos de cuidado ~~se invisibilizam~~ são invisibilizados.

3 Além disso, a mídia perpetua o entrave em questão. Sob essa óptica, cabe evocar a obra "1984", do escritor George Orwell, que discorre acerca da indubitável habilidade da mídia de influenciar plenamente o cidadão, de forma que eles se tornam produtos dela. Nessa conjuntura, as escassas discussões sobre o trabalho de cuidado realizado pela mulher ~~abstraiam~~ abstraem a temática do campo de visão dos cidadãos, haja vista que a mídia, ~~um dos~~ um dos principais meios de difusão de informações, não coloca em pauta o assunto. Dessa forma, o serviço de assistência permanece invisível para grande parcela da população e o enfrentamento desse ~~apagamento~~ apagamento é prejudicado.

4 Portanto, é fundamental mitigar as estruturas patriarcais remanescentes e promover a visibilidade do trabalho de cuidado exercido por mulheres. Nesse viés, cabe ao Ministério do Trabalho e Emprego - órgão da esfera federal responsável por ações no que tange ao trabalho - criar o programa "Brasil no Cuidado". Para tanto, ~~deveria~~ tal medida deveria ser realizada por meio da efetivação de parcerias com a mídia e com a ~~indústria~~ indústria cultural, a fim de desconstruir - com campanhas midiáticas e com representações responsáveis do trabalho de cuidado nas massas midiáticas - os preconceitos, de modo a tirar o problema do silenciamento. Assim, esse serviço deixará, de fato, de ser apagado.



As alterações na composição demográfica do Brasil, como o crescimento da população idosa, provocaram um crescimento na demanda pelo setor de cuidados. No entanto, essas atividades, realizadas sobretudo por mulheres, sofrem um nefasto apagamento. Desse modo, vale analisar os principais fatores que dificultam o combate à invisibilidade desse trabalho: a mentalidade patriarcal e o silenciamento midiático.

Diante desse cenário, vale ressaltar que as convenções de gênero cristalizadas no imaginário social perpetua contundentemente o entrave. Nesse sentido, a filósofa Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo”, aborda a construção de um mito da natureza feminina nas sociedades ocidentais, o qual limita as mulheres às atividades de reprodução e de cuidados. À luz da filósofa, é nítido que a fundamentação da sociedade brasileira em moldes patriarcais oriundos da colonização portuguesa firmou, no corpo a ideia de que os serviços de cuidado são obrigações das mulheres – o que pode ser enxergado na predominância de mulheres no exercer dessas funções. Logo, por não serem vistos como um trabalho, mas sim como um papel natural da mulher, os trabalhos de cuidado são invisibilizados.

Além disso, a mídia perpetua o entrave em questão. Sob essa óptica, cabe evocar a obra “1984”, do escritor George Orwell, que discorre acerca da indubitável habilidade da mídia de influenciar plenamente o cidadão, de forma que eles se tornam produtos dela. Nessa conjuntura, as escassas discussões sobre o trabalho de cuidado realizado pela mulher abstraem a temática do campo de visão dos cidadãos, haja visto que a mídia, um dos principais meios de difusão de informações, não coloca em pauta o assunto. Dessa forma, o serviço de assistência permanece invisível para grande parcela da população e o enfrentamento desse apagamento é prejudicado.

Portanto, é fundamental mitigar as estruturas patriarcais remanescentes e promover a visibilidade do trabalho de cuidado exercido por mulheres. Nesse viés, cabe ao Ministério do Trabalho e Emprego – órgão da esfera federal responsável por ações no que tange ao trabalho – criar o programa “Brasil no Cuidado”. Para tanto, tal medida deverá ser realizada por meio da efetivação de parcerias com a mídia e com a indústria cultural, a fim de desconstruir – com campanhas midiáticas e com representações responsáveis do trabalho de cuidado nas massas midiáticas – os preconceitos, de modo a tirar o problema do silenciamento. Assim, esse serviço deixará, de fato, de ser apagado.

NOTA: 920/1000

AUTOR: IGOR FERNANDES (SCOOPY)

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

1	Segundo a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado garantir a igualdade entre todos os cidadãos. Em
2	talento, é notado que, no Brasil moderno, a equidade de gêneros não ocorre, tendo em vista que, devido ao estí-
3	gma de que é dever da mulher realizar trabalhos como os domésticos e os relacionados com a limpeza. Nesse sentido, em
4	trabalhos, os trabalhos de cidade não são valorizados como deveriam, o que acarreta a invisibili-
5	dade das cidadãs que trabalham com isso longe os cidadãos.
6	Primeiramente, é válido dizer que há um estigma na sociedade brasileira de que a mulher é responsável por
7	lidar com as necessidades, como idosos e crianças, e com os serviços de casa, como a limpeza. Nesse sentido, em
8	Atenas, no período da Antiguidade, as pessoas do sexo feminino não podiam participar da política local pela in-
9	cidade reconhecer a importância delas apenas para reprodução e para tarefas domésticas. Analogamente, os cida-
10	dãos da contemporaneidade não valorizam os trabalhos de cidade, pois julgam serem deveres de mulheres essas
11	práticas e, por isso, tarefas simples e banais. Logo, como os indivíduos não reconhecem os serviços de cidade co-
12	mo ^{dever} algo além dos deveres das mulheres, eles não valorizam ^{esses} essa ^{papel} o ^{invisibilizam} então essas práticas as negi-
13	giam a importância que quem as fazem praticam.
14	Ademais, os homens não se dispõem a realizar trabalhos de cidade por conta do preconceito que existe entre
15	eles, o que acarreta a invisibilidade desses serviços. Sob essa ótica, o filósofo Jean Paul Sartre defendeu que o
16	ser humano muda seu comportamento quando sabe que está sendo julgado. Nesse âmbito, os indivíduos não praticam
17	serviços domésticos, por exemplo, por terem medo de serem ^{comparados} torcidos ^à como mulher, devido ao estigma de que é dever
18	dela realizar estes feitos. Por isso, como há essa discriminação, muitos cidadãos evitam o julgamento alheio e não a-
19	dorem aos trabalhos de cidade. Por isso Dessa forma, a invisibilidade desses serviços é reduzida, já que muitos há
20	men, por conta do preconceito, evitam <u>trabalhar</u> como cuidar de idosos, por exemplo, e, assim, reduzem a <u>mini-</u>
21	<u>missão</u> de trabalhadores nesse campo.
22	Portanto, para que os trabalhos de cidade realizados pelas mulheres sejam reconhecidos, cabe ao Minis-
23	tério da Educação, em parceria com a mídia nacional, como a Rede Globo, realizar promover campanhas
24	contra o estigma que priva o sexo feminino destes serviços, através de propagandas feitas pelo redire-
25	redirecionamento de verbas, a fim de que a desigualdade de gêneros seja combatida e, consequentemente,
26	trabalhos, como o doméstico, sejam reconhecidos e valorizados.
27	
28	
29	
30	

OS01696_ID_06140496_02_L1_021_D1_K0_ENEM2310401_N02_SP_001_P001.TXT / S: 0003817

enem2023

INEP

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



029123101311593706

Segundo a Constituição Federal de 1988, é dever do Estado garantir a igualdade entre todos os cidadãos. Entretanto, é nítido que, no Brasil hodierno, a equidade de gêneros não ocorre, tendo em vista que, devido ao estigma de que é dever da mulher realizar trabalhos como os domésticos e ao preconceito contra homens que praticam esses serviços, os trabalhos de cuidado não são valorizados como deveriam, o que acentua a invisibilidade das cidadãs que fazem os cuidados.

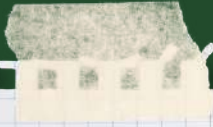
Primeiramente, é válido frisar que há um estigma na sociedade brasileira de que a mulher é responsável por lidar com os necessitados, como idosos e crianças, e com os serviços da casa, como a limpeza. Nesse sentido, em Atenas, no período da Antiguidade, as pessoas do sexo feminino não podiam participar da política local pela sociedade reconhecer a importância delas apenas para reprodução e para tarefas domésticas. Analogamente, os cidadãos da contemporaneidade não valorizam os trabalhos de cuidado, pois julgam serem deveres da mulher essas práticas e, por isso, tarefas simples e banais. Logo, como os indivíduos não reconhecem os serviços de cuidado como feitos além dos deveres das mulheres, eles não valorizam esses papéis e omitem essas práticas ao negligenciar a importância que quem as praticam.

Ademais, os homens não se dispõem a realizar trabalhos de cuidado por conta do preconceito que existe entre eles, o que acentua a invisibilidade desses serviços. Sob essa ótica, o filósofo Jean Paul Sartre defendia que o ser humano muda seu comportamento quando sabe que está sendo julgado. Nesse âmbito, os indivíduos não praticam serviços domésticos, por exemplo, por terem medo de serem comparados à mulher, devido ao estigma de que é dever dela realizar estes feitos. Posto isso, como há essa discriminação, muitos cidadãos evitam o julgamento alheio e não aderem aos trabalhos de cuidado. Dessa forma, a visibilidade desses serviços é reduzida, já que muitos homens, por conta do preconceito, evitam tarefas como cuidar de idosos, por exemplo, e, assim, reduz o número de trabalhadores nesse ramo.

Portanto, para que os trabalhos de cuidado realizados pelas mulheres sejam reconhecidos, cabe ao Ministério da Educação, em parceria com a mídia nacional, como a Rede Globo, promover campanhas contra o estigma que prioriza o sexo feminino nestes serviços, através de propagandas feitas pelo direcionamento de verbas, a fim de que a desigualdade de gênero seja combatida e, conseqüentemente, trabalhos, como o doméstico, sejam reconhecidos e valorizados.



PROVÃO PAULISTA



LEMBRETE:

Os espelhos do
Provão não foram
disponibilizados
pela Vunesp.

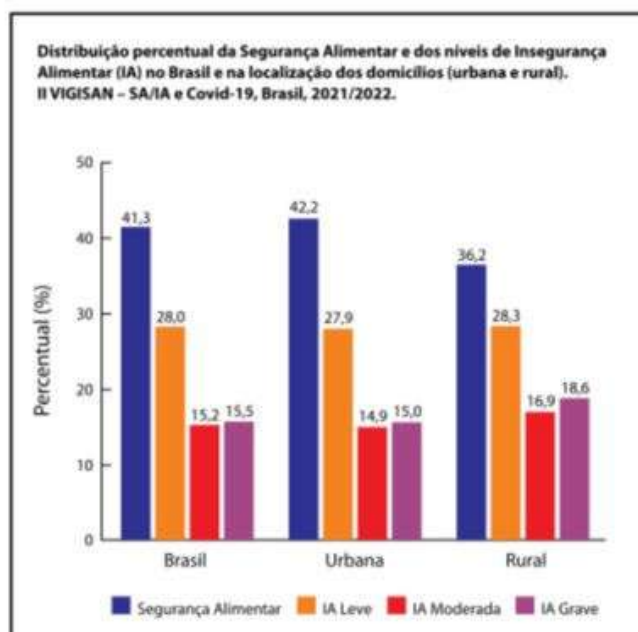
REDAÇÃO

TEXTO I

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos... (...) Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. (...) Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. (...) ... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. (...) Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!

(Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10^a ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 30-32. Adaptado)

TEXTO II



Uma pesquisa divulgada em 2022 afirma que 33 milhões de pessoas estão em situação de insegurança alimentar grave no Brasil. Os dados foram levantados pela Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional). De acordo com o levantamento, mais da metade da população brasileira (58,7% ou cerca de 125,2 milhões) vive com algum tipo de insegurança alimentar (IA).

De acordo com a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar, usada pela Rede Penssan, a insegurança alimentar ocorre quando a pessoa não tem acesso regular a alimentos e é dividida em 3 níveis:

- IA Leve – quando há preocupação ou incerteza quanto ao acesso aos alimentos no futuro, além de queda na qualidade adequada dos alimentos para não comprometer a quantidade;
- IA Moderada – quando há redução quantitativa no consumo de alimentos entre os adultos e/ou ruptura nos padrões de alimentação;
- IA Grave – quando há ruptura nos padrões de alimentação, resultante da falta de alimentos entre todos os moradores do domicílio, incluindo crianças. Nessa situação as pessoas passam a conviver com a fome.

(“33 milhões vivem insegurança alimentar grave no país, diz estudo”. www.poder360.com.br, 08.12.2022. Adaptado)

TEXTO III

A produção global atual de alimentos é mais do que suficiente para suprir as necessidades calóricas de cada um dos 7 bilhões de indivíduos da população mundial. Mas há uma séria deficiência no sistema de distribuição dos recursos necessários para se ter acesso à alimentação, fenômeno que acontece principalmente nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Essa deficiência está, acima de tudo, na construção da estrutura social que é extremamente desigual. Assim, as populações pobres têm recursos financeiros muito reduzidos, o que limita a compra de alimentos para consumo. A oferta de alimentos, tanto em quantidade quanto em variedade, é dirigida aos centros urbanos, que é onde há mais indivíduos com boas condições de poder aquisitivo. Contudo, é nessas localidades onde mais acontece o desperdício desses produtos. De fato, esse é um fator que agrava o cenário da insegurança alimentar. Em 2016, das 4 bilhões de toneladas métricas de comida produzida no mundo, um terço foi desperdiçado (1,3 bilhões de toneladas métricas). Existem dois principais padrões de desperdício determinados de acordo com a situação econômica dos países. Nos desenvolvidos, o processo normalmente está relacionado à sociedade civil, pois acontece nas mãos do consumidor final, quando a comida já está pronta, mas ela não é totalmente consumida, gerando os “restos” que são jogados fora. Já nos países em desenvolvimento, o desperdício ocorre em diferentes etapas antes. O alimento também é perdido durante a produção, quando a colheita não é utilizada ou é perdida por conta das condições precárias de armazenagem ou pelos agricultores não possuírem meios suficientes para transportar sua produção até os pontos de distribuição para venda.

(Erika Rizzo. “Fome no mundo: causas e consequências”. www.politize.com.br, 06.09.2017. Adaptado)

TEXTO IV

Embora seja relevante para combater a fome no Brasil, o assistencialismo imediato não substitui as políticas públicas a longo prazo, uma vez que a insegurança alimentar é um problema estrutural e não momentâneo. Além disso, as iniciativas particulares voltadas para ajudar os que passam fome podem tirar do Estado a responsabilidade de garantir a todos o direito à alimentação adequada. De acordo com a economista Tereza Campello, a insegurança alimentar precisa ser combatida, por exemplo, com o fortalecimento do salário mínimo, a geração de empregos formais, a execução de projetos de transferência de renda e a oferta de merenda escolar. A professora Maria Elisa Garavello, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, por sua vez, apontou os grupos de pessoas mais atingidas por esse problema – mães de família, pretos e pardos e a população rural. “O meio rural tem acesso à terra e ao mesmo tempo sofre de insegurança alimentar grave”, descreveu o que classificou como “um paradoxo”. Segundo a professora Thais Mauad, da Faculdade de Medicina da USP, não há como mapear ou quantificar a agricultura urbana, já que são várias as tipologias, desde o quintal de uma casa até uma horta comunitária, mas há inúmeros benefícios dessa prática, entre eles, a maior eficiência no suprimento de alimento, tanto na quantidade como na qualidade. A professora destaca que a agricultura urbana vem sendo utilizada por muitas pessoas para compor a renda e a própria alimentação.

(Moisés Dourado. “A fome não espera: são necessárias políticas públicas, além do assistencialismo”. <https://jornal.usp.br>, 12.05.2021. Adaptado)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa e apresentando proposta(s) de solução(ões), sobre o tema:

O COMBATE À FOME NO BRASIL: ENTRE A RESPONSABILIDADE DO ESTADO E A ATUAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL

